

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**O DESENVOLVIMENTO DA INTERSUBJETIVIDADE EM
CASAMENTOS INTERCULTURAIS**

Marta Carmo

GOIÂNIA-GO
2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**O DESENVOLVIMENTO DA INTERSUBJETIVIDADE EM CASAMENTOS
INTERCULTURAIS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação
Stricto Sensu em Psicologia, como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Mestranda: Marta Carmo

Orientadora: Profa. Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres

GOIÂNIA-GO

2006

**O DESENVOLVIMENTO DA INTERSUBJETIVIDADE EM CASAMENTOS
INTERCULTURAIS**

Dissertação apresentada a Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Vannúzia Leal Andrade Peres, UCG – Presidente.

Profa. Dra Ângela M. C. Uchoa de A. Branco, Unb – Membro

Prof. Dr. Saturnino Pesquero Ramón, UCG – Membro.

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda, UCG – Suplente.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo constante apoio e pelos exemplos edificadas.

À Prof. Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres que, com sua gentileza e amabilidade, proporcionou uma jornada calma e tranqüila.

Aos componentes da banca de qualificação, professores Dr. Saturnino Pesquero Ramón e Dr. Fábio Jesus Miranda, que deram contribuições a este trabalho.

À professora Ângela Uchoa Branco por ter aceitado participar da banca examinadora.

Aos meus amigos que proporcionaram momentos de acolhimento e descontração.

Às minhas mestres, Virgínia e Marisete, que contribuíram para minha formação.

À Professora Darcy Costa, pelo estímulo e colaboração permanentes.

Aos meus clientes e alunos que contribuem muito para minhas reflexões.

Em especial, aos casais que, ao compartilharem suas histórias de vida, ajudaram a construir este trabalho.

RESUMO

Este estudo busca compreender o desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais. Para tanto, parte-se de uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento, identificando pontos-chave da obra de Vygotsky que apontam a questão dos processos intersubjetivos e de seus seguidores que desenvolvem essa temática. Assim, enfocam-se os processos intersubjetivos tendo em vista dois seguidores de Vygotsky; Valsiner, que compreende o processo intersubjetivo como a transcendência do mundo privado rumo à co-construção de uma base comum que favorece o relacionamento, e Matusov, que parte da premissa de que, mesmo em situações de discordância, é possível coordenar as contribuições dos participantes e constituir a intersubjetividade. Como pano de fundo deste trabalho, contou-se com a epistemologia qualitativa de González Rey, que propiciou a análise construtivo-interpretativa da realidade intersubjetiva dos casais pesquisados. O momento empírico foi realizado com dois casais, cujos cônjuges nasceram e viveram em países distintos e que hoje residem na cidade de Goiânia-GO. Realizou-se entrevistas com os casais, em suas próprias residências. Conclui-se, como concebe Buber, a importância da atitude dialógica para o desenvolvimento de processos interpessoais em casamentos interculturais, seja nos termos preconizados por Valsiner ou por Matusov. Outro aspecto relevante diz respeito ao resgate do fluxo histórico das histórias pessoais dos cônjuges, bem como da história do relacionamento conjugal como um aspecto fundamental para o desenvolvimento da intersubjetividade.

Palavras-chave: casamento intercultural, desenvolvimento, intersubjetividade.

ABSTRACT

This paper aims to comprehend the development of intersubjective processes in intercultural marriages. It goes from a cultural-historic perspective of development, identifying the main points on Vygotsky's work that remark the question of intersubjective processes as well as on the works of his fellows on the same theme. Thus, the intersubjective processes are viewed in face of two followers of Vygotsky; Valsiner, who comprehends the intersubjective process as the transcendence of the private world towards the co-construction of a common basis that favors the relationship; and also the work of Matusov, who goes from the premise that even in argument situations, it is possible to coordinate the contributions of the participants and to constitute intersubjectivity. As a background for this essay, the qualitative epistemology of Gonzalez Rey made it possible for the constructive-interpretative analysis of the intersubjective reality of the research couples. The empirical moment was achieved with two couples, where the mates were born in distinct countries but live, nowadays, in the town of Goiania – GO. The couples were interviewed at their own homes. The conclusion, as Buber conceives it, is the significance of the dialogic attitude for the development of interpersonal processes in intercultural marriages, as stated by either Valsiner or Matusov. Another relevant aspect is that of the surfacing of the historic flow of the mates personal history, as well as the marital relationship history as a essential aspect for the development of interpersonal processes.

Key words: intercultural marriage, development, intersubjectivity.

O DESENVOLVIMENTO DA INTERSUBJETIVIDADE EM CASAMENTOS
INTERCULTURAIS

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I – Desenvolvimento da intersubjetividade: considerações teóricas.....	6
1.1 Os indícios de processo intersubjetivo na concepção sócio-histórica de Vygotsky.....	7
1.2 A perspectiva de Jaan Valsiner a respeito da intersubjetividade.....	11
1.3 A intersubjetividade para Eugene Matusov.....	14
1.4 Buber: o encontro genuíno na relação intersubjetiva.....	18
Capítulo II – Casamento intercultural, desenvolvimento da intersubjetividade e cultura..	22
2.1 O desenvolvimento histórico do casamento.....	22
2.2 Terapia de casal e família e o casamento intercultural.....	25
2.2.1 A terapia Familiar.....	26
2.2.2 O casamento intercultural.....	27
2.3 Conceitos relevantes para a compreensão dos casamentos interculturais.....	31
2.4 A cultura e o desenvolvimento da intersubjetividade do casal.....	34
Capítulo III – Método.....	40
3.1 A epistemologia qualitativa de González Rey e o diálogo com as outras teorias adotadas	41
3.2 Vygotsky como um ponto de partida na constituição da epistemologia qualitativa.....	43
3.3 A epistemologia qualitativa de González Rey.....	46
3.3.1 A metodologia na epistemologia qualitativa.....	48
3.4 A entrevista como processo de investigação e de constituição dos indicadores.....	53

3.5 Momento teórico.....	56
3.6. Momento empírico.....	57
3.6.1 Participantes.....	59
3.6.2 Instrumentos.....	60
3.6.3 Processo de construção e análise das informações.....	61
Capítulo IV – As histórias de vida.....	63
4.1 As histórias de vida do casal José e Anastácia.....	63
4.1.1 A história de Anastácia e sua mãe.....	63
4.1.2 A história de José e sua família.....	67
4.1.3 A história do encontro e do casamento de Anastácia e José.....	72
4.2 As histórias de vida do casal Paulo e Renata.....	100
4.2.1 A história de Paulo e de sua família.....	100
4.2.2 A história de Renata e de sua família.....	112
4.2.3 A história do casamento de Paulo e Renata.....	120
Capítulo V – O processo de análise construtivo interpretativo das informações.....	140
5.1 José e Anastácia – a intersubjetividade gerada e dificultada pelo enfrentamento de situações adversas.....	141
5.1.1 Tema – as adversidades como fortalecedoras e enfraquecedoras da relação do casal.....	141
5.2 Paulo e Renata avanços e retrocessos no processo intersubjetivo.....	152
5.2.1 Tema – o medo da separação como interruptor do diálogo.....	152
Considerações finais.....	168
Referências bibliográficas.....	175
Anexo 1.....	180

INTRODUÇÃO

Ao considerar o processo histórico da humanidade, pode-se constatar a emergência de novos paradigmas no que concerne às relações humanas, e, mais especificamente, às relações íntimas vividas por casais e famílias. A expansão da comunicação, o encurtamento das distâncias físicas e todos os avanços tecnológicos promoveram a queda de muitas fronteiras e possibilitou formas variadas de encontro entre as pessoas (Perel, 2002; Osório, 1996).

É nesse cenário que o presente trabalho se insere, uma vez que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE; www.ibge.gov.br), referentes ao registro civil de casamentos, os números de uniões civis interculturais vêm crescendo nos últimos anos. De 1998 a 2003, o número de casamentos de homens e mulheres estrangeiros aumentou bastante – o de homens estrangeiros passou de 2.991 para 5.138, o de mulheres, de 1.158 para 1.822. Assim, torna-se premente compreender como se desenvolve o relacionamento conjugal intercultural, no momento histórico em que a própria estrutura familiar se encontra em fase de reconfiguração ante esse processo de globalização (Osório, 1996).

Por outro lado, parece um contra-senso que, embora se reconheça a importância da família como um espaço privilegiado de práticas socializantes (Ferrari & Kaloutian, 1998; Sousa & Peres, 2002), observa-se, ao mesmo tempo, quão irrisórias são as pesquisas brasileiras, bem como as de outros países, que se ocupam em discutir questões ligadas ao tema de casal ou família, sobretudo, quando se refere ao processo do desenvolvimento interpessoal.

É nesse contexto que a presente pesquisa atua com o objetivo de compreender e explicar os processos de constituição da intersubjetividade em casamentos interculturais. Para tanto, buscou-se identificar indicadores que facilitam e/ou limitam a constituição da intersubjetividade

nesses casamentos, além de entender como o casal intercultural lida com as diferenças de seus contextos culturais originários.

O interesse em estudar esse tema baseia-se em reflexões e questionamentos elaborados em decorrência da prática clínica e de leituras realizadas a respeito da formação de casal. Vários autores concordam sobre a dificuldade para o casal constituir um mundo de convivência que promova o senso de pertinência, o respeito à individualidade de cada um dos componentes, e ao mesmo tempo, fortaleça a relação diádica (Minuchin & Fishman, 1990; Carter & McGoldrick, 1995; Andolfi, 1996).

Com base nesse tema surgiu uma série de questionamentos. Como esses casais negociam aspectos culturais diferentes? É possível a constituição de uma zona de sentido interpessoal convergente para esses casais, ou seja, é possível a constituição da relação intersubjetiva entre eles? O que favorece a criação dessa nova configuração da relação, e em que essa nova configuração difere de seus contextos de origem? Como os casais do século XXI lidam com suas diferenças culturais? Esses questionamentos possibilitaram a emergência da questão central que norteou o presente trabalho: como casais de culturas diferentes conseguem ou não fortalecer a díade ao conciliarem suas visões de mundo idiossincráticas, nos aspectos comuns e divergentes?

As respostas a esses questionamentos foram buscadas de forma intensa na literatura, bem como no momento empírico. Foram procurados autores que houvessem realizado pesquisas que abordassem essa temática, e o que se encontrou diz respeito às práticas terapêuticas de autores, na grande maioria norte-americanos, que escreveram artigos e capítulo de livros sobre o assunto.

Frame (2004) destaca que existem poucas pesquisas que procuram compreender a natureza desses casamentos e destaca apenas a pesquisa de Negy, Snyder e Diáz-loving (2004), pesquisa *cross-cultural* que compara casais mexicanos e casais mexicano-americanos utilizando uma escala fatorial de satisfação.

Machado (1997), professora de história, realizou a pesquisa – *A família e o impacto da imigração (Curitiba, 1854-1991)*, em que buscou reconstruir a história de socialização de uma família de imigrantes alemães por meio do casamento e do trabalho. Em sua pesquisa, constata a resistência do grupo em integrar-se ao novo meio. A autora mostra que os casamentos interétnicos ocorreram apenas na terceira geração do casal pioneiro. A hegemonia dos casamentos entre os patrícios e seus descendentes foi rompida por uma mulher, e essa ruptura foi contestada pelo grupo familiar da noiva.

Os autores que contribuem em grande parte para a compreensão do tema estudado são estudiosos da teoria sistêmica, que se ocuparam do entendimento das famílias de uma forma geral. Os textos que abordam a temática do casamento misto são embasadas em atendimentos clínicos e na própria história pessoal dos terapeutas, como pode ser constatado no livro organizado por Mcgoldrick (2003).

Assim, Mock (2003) destaca que o século XX foi o século do desenraizamento, pois houve imigrantes “sobreviventes da segunda guerra mundial; refugiados do sudeste asiático; vítimas de guerra na África, no Oriente Médio, na Bósnia, na América Central e do Sul; banidos de Cuba e do Haiti; e oponentes políticos e ideológicos em várias culturas” (p. 401).

Sluzki (2003) reitera que as eras industrial e pós-industrial são caracterizadas por uma maior mobilidade das pessoas, o que necessariamente promove rompimento no nicho social do indivíduo. Ante tantas facilidades de movimentação e de comunicação no mundo atual, não é de se espantar que esse tipo de união tenha se tornado cada vez mais comum.

Carter e McGoldrick (1995) ressaltam que a facilidade que o imigrante encontra para aprender a língua, trabalhar, manter conexão com o país de origem, enfim, organizar sua vida, possibilita uma maior abertura para a cultura local. Essa abertura e a necessidade de acolhimento parecem favorecer o casamento entre indivíduos de países diferentes.

Os casais constituídos por pessoas criadas em culturas de países diferentes defrontam-se com um grande desafio, pois existe um ingrediente a mais nos aspectos da constituição de uma base comum temporária de relacionamento (Valsiner, 1997, 1998) e na articulação das contribuições diferenciadas dos cônjuges na relação conjugal (Matusov, 1996, 2001), quando comparados a casais criados na mesma cultura.

O desenvolvimento do processo intersubjetivo é compreendido neste trabalho com base em obras de autores que desenvolveram seus conceitos e que, de algum modo, foram influenciados pelos estudos de Vygotsky. Dessa forma, foram utilizadas as concepções, sobretudo de Valsiner (1997, 1998) e de Matusov (1996, 2001), acerca do processo intersubjetivo.

Matusov (1996) descreve um estudo realizado por Beker-Sennett, Matusov e Rogoff, em 1992, em que os autores buscaram analisar como se dava a coordenação de contribuições em um jogo na sala de aula, em que as crianças procuravam reconstruir a versão original de Branca de Neve. Os autores perceberam que as crianças eram envolvidas em numerosos desacordos e acordos entre si. Com a ajuda da professora, o grupo decidiu mudar o conto de fada tradicional, em vez de reconstituí-lo.

Embora a pesquisa de Beker-Sennett, Matusov e Rogoff (Matusov, 1996) não se ocupe da relação conjugal, ela presta uma importante contribuição para o entendimento do processo intersubjetivo nas relações humanas, no aspecto criativo das superação das contradições.

Por ser um tema ainda não estudado na especificidade em que é apresentado no presente trabalho – *O desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais* – no desenvolvimento do estudo são abordados aspectos específicos.

O primeiro capítulo trata do processo intersubjetivo à luz do pensamento de Vygotsky (1998, 2000), Valsiner (1997, 1998), Matusov (1996, 2001) e Buber (1982, 1985, 2001).

No segundo capítulo, focalizam-se tópicos complementares: a instituição do casamento no decorrer dos tempos, o casamento intercultural e os conceitos relevantes para compreendê-lo, a importância da cultura no processo intersubjetivo.

No terceiro capítulo, estudam-se os fundamentos teóricos da metodologia e das técnicas usadas.

No quarto capítulo, reconstituem-se as histórias de vida dos casais como fonte de novo saber descoberto sobre o tema pesquisado.

No capítulo quinto, faz-se uma análise construtivo-interpretativa das informações, com base nos conceitos teóricos, no momento empírico e na transformação das entrevistas em processo histórico.

E, por último, tecem-se algumas considerações acerca da temática estudada.

CAPÍTULO I

DESENVOLVIMENTO DA INTERSUBJETIVIDADE: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O presente capítulo tem como objetivo retomar obras de alguns autores que realizaram trabalhos na área de desenvolvimento humano, visando alicerçar a compreensão da dialética da intersubjetividade como um fenômeno interacional que envolve aspectos histórico-culturais, além de apresentar as contribuições do existencialismo dialógico para o entendimento de como a atitude das pessoas no relacionamento interfere no processo intersubjetivo.

O foco central reside na abordagem do complexo fenômeno da intersubjetividade. Nesse sentido, parte-se de uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento, identificando pontos-chave da obra de Vygotsky (1998, 2000) que apontam a questão da intersubjetividade e as idéias desenvolvidas por alguns de seus seguidores, que trabalham o tema partindo de suas concepções, tais como Valsiner (1997, 1998) e Matusov (1996, 2001). São focalizadas as diversas formas de entendimento da intersubjetividade, tais como a co-construção de base comum de relacionamento (Valsiner, 1997, 1998), e o conceito de coordenação de contribuições na atividade conjunta (Matusov, 1996, 2001). Trata-se também das contribuições buberianas no que tange à questão do diálogo inter-humano, que pode viabilizar relações humanizadoras ou coisificantes (Buber, 1982, 1985, 2001). Vale ressaltar que esse percurso irá possibilitar posteriormente (no capítulo II), a compreensão do processo de desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais.

1.1 Os indícios de processo intersubjetivo na concepção histórico-cultural de Vygotsky

Para o estudo do desenvolvimento de processos intersubjetivos em casamentos interculturais é de grande valia utilizar a teoria de Vygotsky, que embora não adentre o tema em sua obra, montou o cenário necessário para que outros estudiosos (Valsiner, 1997, 1998; Matusov, 1996, 2001) pudessem desenvolvê-lo.

A importância de Vygotsky na compreensão dos processos de desenvolvimento humano tem sido ressaltada tanto na psicologia quanto na educação. Vygotsky (2000) baseia-se em uma abordagem dialética, a qual retrata o processo histórico do desenvolvimento humano. Nesse sentido, ele parte das concepções filosóficas do materialismo histórico e dialético de Marx. Sua filosofia compreende o homem como um ser ativo, social e histórico. Desse modo, o homem constitui-se historicamente com base na dialética do seu próprio fazer (Bock, 2001).

De acordo com Cole e Scribner (1998),

a teoria Marxista da sociedade (conhecida como materialismo dialético) também teve um papel fundamental no pensamento de Vygotsky. De acordo com Marx as mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na “natureza humana” (consciência e comportamento). (p. 9; grifos no original)

No contexto da abordagem de Vygotsky, o desenvolvimento é entendido como história, ou seja, a própria história passa a ser compreendida como a história do desenvolvimento social do homem. Para Vygotsky (2000), o desenvolvimento das funções superiores diz respeito à síntese dialética entre a evolução biológica (modificação da estrutura orgânica do homem para adaptar-se

à natureza) e a evolução histórica (a presença dos instrumentos psicológicos que permitem modificações das funções psíquicas).

Vygotsky (1998) destaca como um marco no desenvolvimento intelectual humano a convergência entre a fala e a inteligência prática, que resulta na origem das funções mentais superiores. Essa mudança qualitativa na espécie humana modifica todo o curso do seu comportamento. O homem, ao utilizar-se da linguagem, torna-se capaz de superar comportamentos puramente impulsivos rumo a uma ação planejada e controlada.

Esse salto qualitativo no desenvolvimento do homem, com base na utilização de instrumentos, de signos e da fala, possibilita o contato social. Assim, pode-se afirmar que os fenômenos psicológicos têm base social. Vygotsky (1998) desenvolve o conceito da gênese social das funções psicológicas. O autor parte da premissa de que os fenômenos psicológicos são fundamentalmente produtos interpessoais, ou seja, são elaborados nas interações sociais. Salienta-se que a tese fundamental de Vygotsky é a de que os processos humanos têm gênese nas relações com o outro e com a cultura.

Segundo Molon (1995), Vygotsky introduz a questão da linguagem em psicologia, considerando a gênese e a natureza social da consciência. A autora destaca que, para Vygotsky, o eu constrói-se na relação, em um sistema de reflexos reversíveis, em contato social que se realiza pela linguagem.

Góes (2000) considera que, na abordagem de Vygotsky, o homem se constitui imerso na cultura, em suas experiências coletivas e práticas sociais. Ratner (1995), seguindo essa linha de pensamento, assinala que os fenômenos psicológicos humanos dependem de conceitos sociais e da linguagem e estão por eles impregnados.

Em seu famoso manuscrito de 1929, Vygotsky (2000, p. 24) afirma que “através do outro nos constituímos”. Para o autor, essa constituição inter-relacional desenvolve-se em três estágios: *em si*, *para os outros* e *para si*. Para explicar esses estágios, ele os exemplifica com o movimento que a criança faz para agarrar algo e é mal sucedida (*em si*); esse movimento é compreendido pelo adulto como um gesto indicador (*para os outros*), com base na significação dada pelo adulto do movimento inicial, e tal movimento passa a ter um significado para a criança (*para si*). Segundo Vygotsky (2000), a personalidade constitui-se dessa maneira.

Vygotsky (2000) assinala que tudo que é interno nas funções superiores já foi um dia externo, ou seja, o que foi *para os outros*, torna-se *para si*. O desenvolvimento é alicerçado na relação social entre as pessoas.

Nas interações sociais, ocorre o dito processo de internalização (Vygotsky, 1998). Trata-se de um processo dialético que promove transformações tanto internas quanto sociais. Os elementos presentes em uma situação reconfiguram-se por meio da chamada síntese dialética, e novos sentidos emergem. O indivíduo, na sua relação histórico-cultural, desenvolve-se e dá um sentido subjetivo para o seu próprio mundo.

A trajetória percorrida até o momento indica a importância da dialética da inter-relação como geradora do desenvolvimento dos sujeitos envolvidos em diferentes contextos. Vygotsky (1998) aponta que o desenvolvimento processa-se do social para o individual, entretanto, ele não teoriza sobre a questão da intersubjetividade. Pode-se dizer que as raízes dessa teorização começam a ser geradas quando ele passa a trabalhar o conceito de internalização.

Para Vygotsky (1998), a internalização é a reconstrução interna de uma operação externa. O processo de internalização ocorre da seguinte forma: uma operação que representa inicialmente uma operação externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente; um processo interpessoal

é transformado em processo intrapessoal; a transformação de um processo interpessoal em um processo intrapessoal é o resultado de uma série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.

A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica, tendo como base as operações de signos. O uso de signos cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura (Vygotsky, 1998).

O processo de internalização, descrito por Vygotsky (1998), indica a questão da intersubjetividade, o que implica dizer que, na dialética do processo de internalização, o sujeito e a cultura interagem de forma recursiva e são capazes de gerar novos sentidos.

A cultura, para Vygotsky (1998) constitui-se com base em negociações entre os seus membros, os quais criam e reinterpretam informações, conceitos e significados. Assim, a dialética do processo de internalização é um processo de constituição da subjetividade, com base em processos intersubjetivos (Oliveira, 1999).

Cabe ressaltar que as mudanças descritas não ocorrem de maneira unidirecional e regular. Essa estrutura humana complexa é fruto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

A ênfase na história, apregoada por Vygotsky (1998), é de fundamental importância no estudo do desenvolvimento dos processos intersubjetivos nos casamentos interculturais, uma vez que propicia a compreensão da história dos cônjuges em seus respectivos contextos culturais. Cada um dos parceiros traz consigo sua história que, dialeticamente, transforma-se constituindo o cenário do casamento. Esse cenário, objeto desta pesquisa, é fruto da história de constituição do casal e gerador do processo da relação intersubjetiva.

São evidentes as contribuições de Vygotsky para o presente estudo. Cabe destacar, no arcabouço de sua teoria, a sua idéia do caráter histórico-cultural do desenvolvimento humano e a importância do seu conceito de internalização considerado uma das raízes da concepção de intersubjetividade desenvolvida por seus seguidores (Valsiner, 1997, 1998; Matusov, 1996, 2001).

1.2 A perspectiva de Jaan Valsiner a respeito da intersubjetividade

Valsiner é um estudioso de Vygotsky, o que pode ser constatado na obra conjunta com Renné Van Der Veer – *Vygotsky uma síntese* (Veer & Valsiner, 1999) – porém sua proposta teórica é muito mais amplamente fundamentada. Seu trabalho constitui a perspectiva co-construcionista (termo usado nos anos 1990) ou *perspectiva sócio-cultural construtivista* (Madureira & Branco, 2005). Esta perspectiva baseia-se nos trabalhos históricos de Baldwin, Piaget, Vygotsky e Stern. É um tipo de abordagem sociogenética que considera a pessoa como única e interdependente da cultura (Branco, 1998). Desta forma, aponta-se a unicidade do indivíduo como indicadora de sua origem, da ontogenia psicológica humana (Branco & Valsiner, 1997).

Na *perspectiva sócio-cultural construtivista*, a relação entre indivíduo e contexto cultural ocorre de forma recíproca, ou seja, há uma construção mútua nessa relação (Valsiner, 1998; Branco & Valsiner, 1997; Valsiner 1997). Branco e Valsiner (1997) pontuam que “o ambiente social não molda o desenvolvimento do ser humano, mas fornece recursos e suporte para a construção da individualidade pessoal”(p. 37).

Para Valsiner (2001), a pessoa constrói a sua *cultura pessoal* nas suas relações sociais, e esse processo de construção é dialético. Existe uma bidirecionalidade na relação pessoa/ambiente social.

A questão da reciprocidade na relação pessoa/ambiente social, segundo Valsiner (1997), nem sempre tem sido bem compreendida. A ênfase dada por Vygotsky (1998) às origens sociais das funções psicológicas superiores, tem recebido, de acordo com Valsiner (1997), traduções reducionistas que culminam na compreensão da pessoa e do mundo social de forma indiferenciada.

Ao abordar a questão da intersubjetividade, Valsiner (1997, 1998) pondera a respeito da dificuldade conceitual, no que concerne à complexa relação entre a pessoa e seu contexto cultural. A tentativa de superar a postura dualista na compreensão da pessoa e do contexto cultural levou a uma concepção carente de limites entre eles, o que implica uma visão fusionada. Na perspectiva sociogenética de Valsiner, a intersubjetividade (social) e a subjetividade (pessoal e psicológica) são postuladas como partes distintas e ontologicamente interdependentes de um mesmo sistema.

A interdependência do mundo subjetivo e do mundo social possibilita a compreensão tanto da subjetividade quanto da intersubjetividade. Em termos ontológicos, o sentido da intersubjetividade é decorrente da subjetividade (Valsiner, 1997, 1998). Para constituir a intersubjetividade, cada um dos participantes da interação partem dos seus mundos privados.

Nesse sentido, Rommetveit (citado por Valsiner, 1997) considera que a subjetividade é a base para a construção da intersubjetividade. O autor destaca que, em termos de ontogenia social da comunicação, contudo, a intersubjetividade conduz à emergência e à diferenciação da subjetividade no domínio de processos pessoais psicológicos.

Valsiner (1997, 1998) denomina de intersubjetividade a base temporária e conjunta em que as pessoas em interação renegociam aspectos pessoais. Essa base temporária é constituída pela comunicação. A comunicação ocorre quando existe uma disposição dos interagentes para comunicarem-se. Para tanto, cada participante do processo interativo atua *como se* o outro o

compreendesse, ou seja, com o significado que ele pretende comunicar. Essa predisposição *como se*, promove a comunicação gerando a intersubjetividade.

Para Rommetveit (citado por Valsiner, 1997), a construção intersubjetiva é gerada pela capacidade de as pessoas, em interação, estabelecerem intenções complementares e desempenharem papéis recíprocos, alicerçados na predisposição *como se*.

No caso dos casais interculturais, o processo intersubjetivo será estabelecido, quando ocorrer uma disposição para comunicarem-se, tendo em vista a pressuposição de que se compreendem mutuamente (predisposição *como se*). Nesse sentido, constituem uma base comum e temporária.

A comunicação é possibilitada pela atividade semiótica. De acordo com Knox (1996) essa atividade organiza e transforma objetos em signos culturais os quais são utilizados na mediação com o contexto cultural, possibilitando a comunicação. Para Valsiner (1998) a mediação semiótica é viabilizada quando se cria uma base comum de compartilhamento, denomina de intersubjetividade.

A intersubjetividade, assinala Valsiner (1997, 1998), é constituída com base na atividade meta-comunicativa, centrada na pessoa. Nesse sentido, a atividade dialógica promove a criação, a manutenção e a mudança no senso que o sujeito constrói de si mesmo.

Valsiner (1997, 1998) reitera que a subjetividade envolvida em situações dialógicas é considerada a característica central da intersubjetividade. Pessoas com suas respectivas bases culturais, historicamente construídas, entram em comunicação e alcançam a mutualidade dialógica. Assim, constituem-se os significados, com base nas relações que promovem a elaboração de uma síntese da novidade no diálogo, ou seja, a novidade semiótica.

A mediação semiótica dá origem à nova reorganização, tanto da subjetividade quanto da intersubjetividade. A pessoa é envolvida dialeticamente em diálogos externos e internos, surgindo uma nova síntese (Valsiner, 1997).

De acordo com Valsiner (1998), os seres humanos podem construir a intersubjetividade, exercitando a sua subjetividade, porém é difícil descrever completamente o processo dinâmico da intersubjetividade, visto que seus co-criadores subjetivos passam por mudanças constantes. A intersubjetividade, portanto, é um processo dinâmico e em constante transformação.

O conceito de intersubjetividade, apresentado por Valsiner (1997, 1998), é alicerçado na dialógica do relacionamento humano e leva em conta a importância do encontro das subjetividades.

É importante ressaltar que nos processos interativos a divergência pode representar a emergência de novos elementos de informações, que possibilitam a reconstrução ativa de novos padrões de interação (Branco & Valsiner, 1997).

O acento do co-construtivismo na construção da intersubjetividade volta-se para a questão da comunicação. Branco e Valsiner (1997) afirmam que, nas interações entre indivíduos, se pode observar que a convergência de objetivos cria uma base estável para os esforços de comunicação, o que leva a uma consistência inter-relacional constitutiva da intersubjetividade entre os parceiros.

1.3 A intersubjetividade para Eugene Matusov

Matusov (2003) recebeu influência do paradigma vygotskyano e utiliza a abordagem sócio-cultural como base para suas pesquisas. Ele desenvolveu sua perspectiva de

intersubjetividade alicerçado na idéia de co-regulação de uma abordagem teórica dinâmica e de seu *background* judaico, no que diz respeito à discordância.

De acordo com Matusov (1996), as pesquisas iniciais de intersubjetividade baseiam-se no estudo de atividades conjuntas. Essas pesquisas eram orientadas para a busca de consenso e concordância. A não-ocorrência de consenso e concordância era considerada um fracasso na atividade conjunta.

Uma das maiores implicações ao enfatizar-se a concordância como evidência da intersubjetividade é que as subjetividades são consideradas como estando justapostas no decorrer da atividade conjunta. Esse embricamento de subjetividades pode conduzir o estudo do fenômeno da intersubjetividade a formas implícitas de reducionismo (Matusov, 1996). Para o autor, o reducionismo ocorre quando se considera:

- a) a intersubjetividade como *status* de simetria entre os indivíduos;
- b) a intersubjetividade reduzida à subjetividade individual;
- c) a ação conjunta como uma simples soma de atividades individuais;
- d) a atividade conjunta progredindo da heterogeneidade à simetria crescente entre as perspectivas individuais.

Estes quatro aspectos reducionistas refletem as idéias básicas da abordagem tradicional, a qual é também denominada de participativa (Matusov, 1996). A intersubjetividade é conceituada como *compartilhamento, sobreposição* de subjetividades, que para interagirem, dispõem de *algo em comum*.

De acordo com Matusov (2001), existem várias linhas de investigação no que concerne à intersubjetividade. Mesmo os pesquisadores que consideram a intersubjetividade como a atividade sócio-cultural conjunta, em que os participantes *têm algo em comum*, apontam

diferentes aspectos em suas linhas de pesquisa, tais como: atenção, compreensão ou concordância comunicacional. Matusov (2001) cita alguns trabalhos – o de Trevarthen que, enfoca a atenção compartilhada entre mãe/criança; o de Tomasello, Kruger, Ratner, que direcionam suas pesquisas para as interações na abordagem de problemas que constituem a base para criar o fenômeno da cultura; o de Wertsch, que analisa a relação mãe/criança como um processo de compartilhar e compreender problemas.

A abordagem tradicional do fenômeno da intersubjetividade impede, segundo (Matusov, 1996, 2001), que se perceba a dinâmica da interação entre os indivíduos, uma vez que conduz a uma comparação estática do processo interativo pela sobreposição dos participantes. Desta forma, não se distinguem ações, perspectivas, objetivos de cada pessoa, pois somente o comum é focalizado.

Essa abordagem da intersubjetividade gerou implicações na estrutura dos conceitos e na metodologia de pesquisa. Esse enfoque limitou os pesquisadores ao estudo das atividades consensuais, ou seja, a intersubjetividade só podia ser alcançada se houvesse um alto grau de compartilhamento e, se esse grau não ocorresse, era considerada uma falha no processo interativo (Matusov, 1996, 2001).

Na tentativa de superar a abordagem tradicional da concordância, surgiram estudos de antropólogos, sociólogos e psicólogos, que segundo Matusov (1996), sugerem conceitos alternativos, o de relacionamento intersubjetivo de Góes e Pino, a importância da concordância e discordância na definição de cultura, de Rogoff, além da abordagem de coordenação de contribuições, do próprio Matusov.

Essas propostas visam sobretudo contribuir para uma perspectiva que abarque a complexidade do fenômeno estudado, pois busca-se compreender o processo de

constituição da intersubjetividade, em situações de desacordo, brigas, disputas, convergências, enfim, verificar como os participantes coordenavam as suas contribuições, na atividade conjunta (Matusov, 1996, 2001). Não se focava mais apenas a concordância, pois essa perspectiva não exclui a perspectiva da intersubjetividade como base comum. Ela inclui tanto a concordância quanto a discordância, as quais são importantes para o estudo do fenômeno complexo da intersubjetividade.

Esse processo de compreensão dos vários conceitos de intersubjetividade retrata a própria história da psicologia desenvolvimental, que está sempre à procura da compreensão dos fenômenos humanos complexos.

A noção da intersubjetividade como coordenação de contribuições deixa para trás a orientação individualista e propõe a atividade de orientação conjunta. Matusov (1996) descreve que “a unidade dinâmica das contribuições individuais na atividade conjunta define intersubjetividade” (p. 33, tradução nossa).

Essa perspectiva abre também as portas para uma nova proposta, ou seja, “o foco muda da análise do discurso e da atividade, de quão bem as participantes entendem entre si, para o que eles contribuem com a atividade” (Matusov, 1996 p. 38, tradução nossa).

Para compreensão dessa perspectiva, Katriel (citada por Matusov, 1996, 2001) argumenta a respeito do discurso *dugri* (originário de Israel), em que as pessoas, utilizando um discurso direto, expressam suas posições a respeito de determinado assunto, muitas vezes contraditórias às perspectivas dos outros componentes do grupo, e mesmo assim conseguem preservar a integridade do grupo.

Trata-se de um exemplo de que “o tecido comum pode ser constituído por meio de problemas compartilhados, mais do que por meio de visões comuns” (Matusov, 2001, p. 391, tradução nossa). Essa perspectiva implica que os participantes de uma determinada

atividade não necessariamente têm que compartilhar a mesma compreensão da realidade, e que a discordância não constitui uma falha no processo intersubjetivo, pelo contrário, pois

os membros do grupo podem legitimamente discordar e mesmo rejeitar a solução de um participante para um problema, mas não podem rejeitar o problema propriamente dito, se querem respeitar e serem respeitados uns pelos outros (...) As discordâncias e mal-entendidos no grupo que se originam de preocupações diversas dos participantes precisam ser esperadas, reconhecidas e valorizadas como ponto de desenvolvimento e aprendizado, mais do que serem rapidamente resolvidas ou evitadas. (Matusov 2001, p. 391, tradução nossa)

Ante as situações de discordância, fazem-se necessárias discussões respeitadas e abertas, que possam tanto favorecer a resolução da discordância, quanto desenvolver posições alternativas (Matusov, 2001). Esse movimento interativo promove o processo de desenvolvimento, uma vez que possibilita uma tensão necessária para que se gerem novos sentidos subjetivos (González Rey, 1999).

1.4 Buber: o encontro dialógico na relação intersubjetiva

Buber, filósofo existencialista, é considerado o filósofo do diálogo, e contribuiu para a compreensão dos processos intersubjetivos. Suas reflexões partem da experiência concreta do homem. Ele sofreu dois tipos de influência – dos filósofos, como Feuerbach, Kant, Nietzsche e dos estudos realizados sobre o hassidismo, uma corrente mística judaica. Essas influências constituem o alicerce de sua filosofia do diálogo (Zuben, 2001).

De acordo com S. P. Ramón (comunicação pessoal, 28 de out. 2005) a filosofia dialógica de Buber (1982, 1985, 2001) contribui para a compreensão dos processos intersubjetivos como determinantes da própria individualidade. Uma das esferas onde o diálogo ocorre é a do inter-humano, ou seja, nos acontecimentos que são compartilhados pela mutualidade ou que possa gerá-la, a partir do exercício mútuo do seu *Tu inato*, vale dizer, da categoria ontológica do ser *entre* dos interlocutores. Essa mutualidade, como jogo mútuo, surge da vivência mútua do *seu Entre* (Buber, 1982, p. 138), quando a individualidade se conjuga com a alteridade, reciprocidade, fundamento do verdadeiro encontro dialógico. Nesse sentido, Buber (1982) explica:

Entretanto, por esfera do inter-humano entendo apenas os acontecimentos atuais entre homens, dêem-se em mutualidade ou sejam de tal natureza que, completando-se, possam atingir diretamente a mutualidade; pois a participação dos dois parceiros é, por princípio, indispensável. A esfera do inter-humano é aquele do face a face, do um-ao-outro; é o seu desdobramento que chamamos de diálogo.

De acordo com isto, é também fundamentalmente errado querer compreender os fenômenos inter-humanos como fenômenos psíquicos. Quando por exemplo dois homens conversam entre si, então pertence a esta situação, de forma eminente, o que acontece na alma de cada um deles, o que acontece quando ele escuta e o que acontece quando ele próprio se dispõe a falar. Contudo, isso é somente o acompanhamento secreto da própria conversação, de um acontecimento fonético carregado de sentido, cujo sentido não se encontra em nenhum dos dois parceiros, nem nos dois em conjunto, mas se encontra nesse encarnado jogo entre os dois, neste seu Entre. (pp. 138-139)

Nessa esfera da relação inter-humana, a atitude existencial dos sujeitos implicados pode traduzir duas modalidades de atitudes: a atitude EU-TU, a qual se constitui com base na relação de reciprocidade entre as pessoas, e a atitude EU-ISSO, que é objetiva e implica manipulação, unilateralidade, e coisificação.

A atitude EU-TU possibilita um encontro genuíno, em que as pessoas se reconhecem cada qual na sua alteridade. Trata-se de estar presente com o outro sem tentativa de influenciá-lo. Essa atitude pode culminar no momento EU-TU, que promove transformação e humanização dos envolvidos na situação (Buber, 2001). A própria atitude EU-TU evidencia a humanidade da pessoa.

A outra atitude possível é a EU-ISSO, que se refere a voltar-se ao mundo experienciado, na busca do conhecimento, da obtenção de um propósito. Essa atitude é importante, e é promotora do mundo do conhecimento. Para Buber (1982, 1985), essa atitude diante da vida é necessária. O autor, no entanto, chama a atenção para a predominância esmagadora de tal atitude, que é preocupante, uma vez que promove a coisificação do indivíduo. “O homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente no ISSO não é homem”, assinala o autor (2001, p. 39).

Em termos da intersubjetividade, Valsiner (1997, 1998) enfatiza a co-construção de uma base comum na relação, e Matusov (1996, 2001) enfoca a coordenação das contribuições na atividade conjunta. Pode-se afirmar que Buber (1982, 1985, 2001), ao focalizar o *entre*, traz uma perspectiva de que a atitude do homem diante de uma situação de relacionamento pode conduzir à interação por caminhos diversos. Em decorrência, uma pessoa com abertura para o encontro, que respeita o outro na sua singularidade (atitude EU-TU), estabelece uma relação muito diferente daquela que busca o outro como um meio para atingir algo.

O casal, que na convivência tem uma atitude EU-TU ante o outro, estabelece uma relação intersubjetiva na qual nenhum dos pólos da relação é esquecido. Essa idéia abarca tanto a

proposta de Valsiner quanto a de Matusov, pois à medida que uma base comum é constituída pelo casal, e se existe coordenação das contribuições na atividade conjunta, pode ocorrer a convivência com consideração dos pólos do diálogo. Os dois sujeitos são respeitados nas suas singularidades e ocorre a emergência de um processo transformador e humanizante.

Caso contrário, se o casal estabelece a relação com predominância na atitude EU-ISSO, ou seja, uma relação hierarquizada, em que um dos pólos do diálogo é subjugado, a relação é estabelecida de forma que um dos cônjuges se torna um meio para que o outro consiga algo. Esse tipo de interação impossibilita que um perceba o outro, ou seja, inviabiliza a situação relacional genuína proposta por Buber (2001).

Buber (2001) sugere a importância da alternância entre essas duas atitudes como uma via para o desenvolvimento da relação inter-humana. Pode-se dizer que a relação dialética dessas duas atitudes promove o desenvolvimento interativo. Não pode existir a predominância da atitude EU-ISSO, pois inviabilizaria a ocorrência da relação e promoveria a coisificação da pessoa.

O casal, ao transitar por essas duas atitudes, constitui a dialética da relação, que na sua recursividade, possibilita que o relacionamento se desenvolva. Esse desenvolvimento poderá constituir-se de avanços e retrocessos, conforme a predominância ou não de uma dessas atitudes.

A natureza da relação estabelecida contribui para o entendimento dos processos intersubjetivos do casal, pois constitui o alicerce da abertura do casal para que possa se encontrar em diferentes momentos relacionais.

CAPÍTULO II

**CASAMENTO INTERCULTURAL, DESENVOLVIMENTO DA
INTERSUBJETIVIDADE E CULTURA**

O estudo do desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais remete ao delineamento do caminho percorrido pelos casais na constituição de uma vida conjugal. Para tanto, busca-se uma compreensão histórica e cultural em que o processo interativo constituiu-se. A retomada do desenvolvimento histórico-cultural dos casamentos é uma via de acesso ao processo intersubjetivo, entendido não apenas como base comum de interação (Valsiner, 1997, 1998), mas também como processo de coordenação de contribuições (Matusov, 1996, 2001).

Na tentativa de contextualizar o tema abordado, faz-se um breve relato do desenvolvimento histórico do casamento. Posteriormente, serão enfocadas questões concernentes ao panorama dos casamentos interculturais, e finalmente, serão abordados o conceito de cultura e a sua importância para o estudo do tema.

2.1 O desenvolvimento histórico do casamento

No final do século XIX, Engels (1884/1996) em sua obra clássica – *A origem da família, da propriedade privada e do estado* – contribui para a compreensão histórica da família e, portanto, do casamento, desde o surgimento do homem primitivo. De acordo com Engels (1884/1996), o homem primitivo organizava-se em grupos pautados pela tolerância recíproca e pela ausência de ciúmes. Não se observava uma estrutura familiar como é compreendida atualmente, pois o matrimônio era grupal.

Para a descrição do processo histórico familiar, Engels (1884/1996) utiliza-se das etapas indicadas por Morgan:

a) *família consangüínea* – os grupos conjugais organizavam-se por geração, ou seja, todas as pessoas de determinada geração eram irmãos e irmãs e; maridos e mulheres entre si;

b) *família punaluaana* – essa segunda etapa consiste na exclusão das relações sexuais recíprocas, e posteriormente entre os irmãos; outro aspecto importante é que essas famílias cindiram-se emergindo novos núcleos de comunidade;

c) *família sindiásmica* – grupos matrimoniais constituíram-se por pares de duração mais ou menos longa, os quais posteriormente foram sendo consolidados;

d) *família monogâmica*: nascimento do patriarcado, no qual era importante que a paternidade fosse indiscutível, por questões de herança.

Pode-se perceber o processo percorrido pelos casais, da união grupal até a união monogâmica. Engels (1884/1996) expõe, detalhadamente, em seu livro, as mudanças históricas envolvidas nesse processo, tais como: a questão do incesto, uma prática comum para o homem primitivo, a poligamia masculina, a poliandria feminina, a mudança do papel da mulher no decorrer desse processo, que culminou na monogamia e na fidelidade feminina, pois a mulher era a detentora do poder do conhecimento da paternidade da criança por ela gerada. Esses aspectos foram analisados pelo autor, permitindo assim uma visão da constituição do casamento burguês.

Tomando por base a iconografia, Áries (1978) descreve cenas familiares de espaços públicos e privados, esses últimos raros antes do século XV. Nesse período, o sacramento do casamento servia apenas para legitimar a união. Durante muito tempo, o casamento foi apenas um contrato. O casamento era uma questão de último caso, uma concessão à fraqueza da carne. A união sexual, quando abençoada pelo casamento, deixava de ser pecado.

No século XIV, ocorreu o desenvolvimento da família moderna e a degradação lenta da situação da mulher no lar. No século XVI, a mulher casada passou a ser considerada uma incapaz, e os seus atos deviam ser autorizados pelo marido ou pela justiça. A evolução do poder do marido acabou por instituir uma *monarquia doméstica* (Ariès, 1978; Vaitsman, 1994).

A partir do século XVI, surgiu uma nova configuração nos casamentos com a necessidade de intimidade do casal, embora ainda fosse muito forte a relação de dependência com a sociedade até o século XVII (Ariès, 1978). Começavam a serem retratadas as cenas de interiores e, conseqüentemente, as cenas da vida privada.

No século XVIII, os cônjuges passaram a manter a sociedade distante, a restringi-la a espaços limitado da casa. A casa já não permanecia completamente aberta, o que refletia uma necessidade nova de isolamento. Assim, houve uma reorganização, no que diz respeito aos costumes, ao espaço físico da casa, aos contatos com criados, aos clientes e aos amigos.

No final do século XIX e início do século XX, os casamentos, no contexto burguês, eram arranjados pelas famílias. Nesse mesmo período, na classe proletária, os casamentos não eram feitos pela família, constituindo-se a base para modificação do conceito de casamento – o amor passou a ser o fundamento do casamento. Posteriormente, no século XX, essa atitude ante o casamento seria estendida a todas as camadas sociais.

Ariès e Duby (1992) salientam que houve uma ampliação da vida privada, na segunda metade do século XX, associada ao avanço tecnológico, como a invenção do carro e o conseqüente desenvolvimento dos meios de transporte, o qual possibilitou a mobilidade da população e interferiu nos relacionamentos de amor e amizade (Ariès & Duby, 1992). Configurava-se então a sociedade moderna.

A sociedade moderna faz-se acompanhar do desenvolvimento da individualidade, e percebe-se o declínio da autoridade paterna, da mobilidade social e geográfica. “Ampliou-se o

círculo de pessoas que se tornam passíveis de escolha como parceira no casamento, ampliando também a liberdade de escolha, agora o casamento será justificado pela noção romântica de individualidade e de amor modernos”, afirma Vaitsman (1994, p. 34).

O casamento moderno pautado pela fidelidade, pelo amor singular, eterno e insubstituível, símbolo do auge da burguesia e da sociedade moderna, entrou em decadência, e as famílias começaram a se desfazerem e a se refazerem constantemente. Segundo Vaitsman (1994), a ruptura do fundamento que alicerçava a sociedade burguesa promoveu tal decadência. Pode-se citar como exemplo desse momento a mudança no que diz respeito à divisão sexual do trabalho, que atribuía à mulher o trabalho doméstico (privado) e, ao homem, o trabalho formal (público), o que resultou em completa reconfiguração familiar.

A participação nas diversas esferas sociais fez que as mulheres não mais se prendessem à esfera privada, o que estimulou, de acordo com Vaitsman (1994), a instabilidade nas relações íntimas, no casamento e na família. Neste sentido, o casamento foi sendo redesenhado à medida que o contexto social se alterava.

Pode-se concluir a importância da história para compreender como a configuração do casamento constituiu-se. No entanto, não se pode deixar de constatar a co-existência no contexto atual de casamentos muito parecidas com os encontrados na era medieval, e os casamentos com desenhos próprios do século XXI, como por exemplo, os casais homossexuais. Portanto, a história não pára de ser escrita e reescrita.

2.2 Terapia de casal e família e o casamento intercultural

A terapia de casal e familiar foi uma maneira que pesquisadores buscaram para compreender o processo de constituição dos casamentos e da família. Vários estudiosos criaram seus próprios métodos de tratamento e de diagnóstico. Não é objetivo deste trabalho deter-se no

estudo desses estudiosos, mas apenas fazer uma incursão rápida, a fim de adentrar o tema do casamento e as indicações de mudanças ocorridas na vida dos cônjuges, com base nos estudiosos da terapia familiar, para verificar como esses terapeutas trataram o casamento intercultural.

Vale ressaltar que esse breve relato da terapia de casal e família justifica-se, pois o estudo do desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais, de alguma forma, pode auxiliar os profissionais da área a compreender e desenvolver seus trabalhos, não só com casais interculturais, mas com parceiros de qualquer natureza, uma vez que são raras as pesquisas que tratam do assunto.

2.2.1 A terapia familiar

Nichols e Schwartz (1998) descrevem que, nos anos 1950 e 1960, terapeutas e pesquisadores americanos e europeus começaram a atender e a pesquisar famílias. A partir de então, surgiram várias escolas de terapia familiar com estudos de temáticas diferenciadas. Essas escolas tinham pouco em comum, pois preconizavam formas diferentes de atendimento, além de incorporarem contribuições teóricas diferenciadas. Os interesses comuns compartilhados pelos teóricos referem-se aos estudos das sociedades humanas, de como suas idéias podiam auxiliar a compreensão de fenômenos humanos e sociais.

As principais pesquisas, nessa ocasião, enfocavam a relação entre a família e a etiologia da esquizofrenia. Procurava-se compreender e elucidar padrões essenciais e universais do tema. Nesse sentido, surgiram os trabalhos de Bateson, de Jackson, dentre outros (Nichols & Schwartz, 1998; Calil, 1996).

Outro marco nos estudos das famílias foram os anos 1970, em que houve um movimento para desconstruir muito do que fora elaborado acerca das relações familiares. Acreditava-se que

existia uma inclinação patriarcal em muitas concepções básicas da terapia familiar. Abandonou-se a busca por padrões universais, e o interesse deslocou-se para a diversidade e o pluralismo na compreensão da relação familiar (Nichols & Schwartz, 1998).

Segundo Nichols e Schwartz (1998), nos anos 1980 emergiu a teoria do construtivismo, a qual, seguindo um movimento já iniciado na década de 1970, deslocou o enfoque terapêutico dos padrões de interação familiar para explorar e reavaliar as suposições das pessoas sobre seus problemas. A família passou a ser vista como um sistema lingüístico construído, cujos significados são constituídos social e intersubjetivamente.

Nesses termos, percebe-se que a questão intersubjetiva já vem sendo estudada no âmbito da terapia familiar, o que atende às pretensões deste trabalho, que busca compreender e explicar o desenvolvimento dos processos intersubjetivos em casamento de indivíduos provenientes de países diferentes.

2.2.2 O casamento intercultural

Historicamente, Perel (2002) destaca que os relacionamentos interculturais nos Estados Unidos da América (EUA) são fenômenos que passaram a ser estudados, mormente nos últimos cinquenta anos, porém receberam pouca atenção. As mudanças nas escolhas conjugais, desde essa data, trazem indicações a respeito da rapidez com que as tendências culturais se moveram a partir do término da Segunda Guerra Mundial, a qual determinou mudança nos deslocamentos, que afetou o relacionamento entres nações, bem como entre homens e mulheres (Crohn, 2003).

O relacionamento intercultural nos EUA era considerado crime até a década de 1960, e as últimas leis contra o relacionamento inter-racial foram abolidas em 1967 (Perel, 2002; Crohn,

2003). Atualmente, segundo Crohn (2003), os índices de casamento entre pessoas de países diferentes aumentaram naquele país, à medida que as barreiras foram sendo derrubadas.

No Brasil, o casamento intercultural vem de longa data. Nader (1998) considera que a sociedade brasileira tem caráter especial, por ser constituída por três raças – a branca (européia), a negra (africana) e a indígena (nativa). Um aspecto ressaltado pela autora refere-se à questão da aculturação dos negros, que se submeteram à cultura portuguesa, sobretudo pela crença em uma raça superior. A constituição da história brasileira é perpassada pela subjugação das culturas negras e indígenas.

Mottoso (citada por Nader, 1998) assinala que nas famílias brasileiras há uma multiplicidade étnico-cultural, portanto, existe uma relevância nos aspectos históricos e culturais presentes na sua constituição.

Uma pesquisa realizada no Brasil por Machado (1997), com o título – *A família e o impacto da imigração (Curitiba, 1854-1991)* – relata a história de socialização de uma família de origem germânica por intermédio do casamento e do trabalho. A autora constata que, dos 51 casamentos estudados por ela, apenas 7 eram interétnicos, e o primeiro casamento intercultural nessa família de imigrantes deu-se apenas na terceira geração. A autora verifica que os imigrantes, ao chegarem no Brasil, constituíram uma comunidade étnica fechada e coesa.

Interessa a este trabalho observar a resistência aos casamentos interculturais pelas famílias de imigrantes e que essa resistência só fora quebrada nos casamentos realizados entre 1927 e 1958 (Machado, 1997). Tal aspecto possibilita refletir que as diferenças culturais e a manutenção dos costumes e tradições podem, de alguma maneira, influir no próprio processo de casamento intercultural ocorrido no Brasil.

De acordo com Crohn (2003), existem aspectos no casamento intercultural que podem efetivamente ser fonte de conflito. Esses aspectos são geralmente relativos ao convívio com a família, à alimentação, ao dinheiro, ao sexo, à monogamia, à forma de expressar emoções e sentimentos, a questões concernentes à educação dos filhos.

Para compreender melhor a possibilidade de conflito eminente, pode-se recorrer à idéia de cultura como realidade histórica, assumida pelas concepções marxistas, destacando-se a abordagem sócio-histórica. Nessa perspectiva, cada um dos cônjuges traz para a relação sua realidade cultural constituída historicamente. Para Vygotsky (1998), os sentidos e os significados¹ são constituídos socialmente. Assim, se esses casais viveram em países diferentes, certamente dão significados e sentidos distintos aos aspectos apontados por Crohn (2003).

Veer e Valsiner (1998) afirmam que Vygotsky considerava que o sistema mental da pessoa variava de forma marcante, dependendo os vários sistemas de símbolos usados em diferentes culturas. De acordo com Veer e Valsiner (1998), para Vygotsky, pessoas de diferentes substratos culturais podem apresentar diferenças nos processos psicológicos superiores, pois eles são desenvolvidos nos sistemas de signos culturais que a cultura proporciona.

Plath (citado por Carter & McGoldrick, 1995) assinala as diferenças no conceito de desenvolvimento humano nos países do oriente e do ocidente. Os países orientais têm um forte enfoque na capacidade de a pessoa socializar-se, ser empática e se conectar às demais, já no ocidente o desenvolvimento está ligado à capacidade humana de diferenciação.

Outros aspectos importantes relacionados a questões étnicas dizem respeito à padronização de pensamentos, sentimentos e comportamento, que significa que a etnicidade acaba por determinar o que se come, como se trabalha, como se estabelecem os relacionamentos,

¹ A história da espécie humana propicia o desenvolvimento de representações da realidade, que são denominadas de sistemas simbólicos, que são os significados. O sentido postulado por Vygotsky liga o significado objetivo e os motivos afetivos e pessoais do sujeito (Oliveira, 1999).

os rituais de morte e de nascimento (Carter & McGoldrick, 1995). Dessa forma, cabe aos casais darem-se conta dessas diferenças e procurarem lidar com as questões relativas às diferenças.

Para tanto, o resgate da história dos parceiros torna-se relevante, pois segundo Crohn (2003) e Sluzki (2003), ao entender as diferenças e semelhanças entre os ambientes culturais e religiosos, o casal começa a compreender o processo de tensão cultural não-resolvido, o que facilita lidar tanto com as diferenças quanto com as semelhanças. Partindo desse ponto de vista, pode-se afirmar que o processo de reconhecimento de semelhanças e diferenças entre o casal perpassa tanto a história pessoal de cada um dos cônjuges, como a história do casamento em si, ou seja, as mudanças foram sendo constituídas a partir do momento em que o casal começou a viver junto.

Perel (2002) considera que o estudo de casamentos interculturais é de grande importância para a terapia familiar, uma vez que se está diante de um novo modelo de família e de personalidade, que se evidencia em um mundo globalizado e mutante, no qual as pessoas se movem com maior facilidade. Entretanto, conforme argumenta Frame (2004), apesar do número significativo de casamentos interculturais, existem poucas pesquisas empíricas que buscam compreender a natureza dessas uniões.

Frame (2004) afirma que, na literatura, existem várias concepções a respeito dos casamentos mistos. Ela destaca que existe maior estresse no casamento misto do que no monocultural e, também, maior disfunção e maior número de divórcios nesse tipo de casamento. Essas constatações não são provenientes de pesquisas formais, mas de pesquisas de consultório dos terapeutas de família.

O maior desafio do presente trabalho é o de procurar verificar, junto aos casais pesquisados, como eles têm lidado com as diferenças culturais e como eles têm desenvolvido ou

não o processo intersubjetivo, identificando se o fortalecimento da relação diádica é ou não importante nesse processo. Para tanto, faz-se necessário esclarecer os conceitos relevantes à compreensão do tema.

2.3 Conceitos relevantes para a compreensão dos casamentos interculturais

No decorrer da história, os conceitos de casal e de casamento foram mudando. Na era medieval, o *casamento* era grupal (Engels, 1884-1996) e, desde então, a família sofreu transformações até chegar ao modelo de família nuclear constituído pela sociedade burguesa e que exerce influência mesmo nos dias atuais, em que já se fala de famílias constituídas em redes (Vaitsman, 1994).

O casal é definido por Zinker (2001) como um sistema de indivíduos comprometidos a permanecerem juntos por um extenso período de tempo, mantendo assim uma relação de continuidade. Dessa forma, percebe-se que a constituição do casal, como sistema, exige alguns requisitos que implicam o comprometimento na continuidade, que se estabelece em um determinado contexto.

Zinker (2001) acrescenta ainda que os casais, além de permanecerem juntos, devem estar comprometidos com tarefas comuns e interagir com sistemas maiores (mundo de trabalho, vizinhança, instituições, etc). Nesse sentido, o casal representa uma unidade social, cultural e econômica da comunidade.

De acordo com Guerin, Burden e Kautto (1987), o significado que as pessoas atribuem ao casamento influenciam seus comportamentos. Assim, os autores classificam o significado em três categorias:

a) significado religioso – a família e o casamento são vistos como instituições divinas, criadas por Deus e governadas por líderes religiosos, e fatores como dinheiro, atração sexual e satisfação pessoal são subordinadas à vontade de Deus;

b) significado social – o casamento é definido em termos de obrigações sociais, obrigações com a família e a comunidade; as obrigações são percebidas como primordial e aspectos como propriedade de família, raça, religião, origem étnica são relevantes nas decisões relacionadas ao casamento;

c) significado individual – esse ponto de vista é recente e surgiu nas classes médias dos países industrializados; as obrigações do casamento e a submissão à família são menos importantes do que o bem-estar e felicidade individual, e a busca da felicidade e da satisfação pessoal são fatores decisivos para a escolha do parceiro, de como viver e de como separar-se.

O significado que cada cônjuge confere ao casamento pode ser muito diferente, e a ênfase dada ao casamento em cada país influencia sobremaneira a pessoa que vive ou viveu nele. Dessa forma, percebe-se que é importante verificar o significado que cada um dos cônjuges atribui ao casamento, pois esse aspecto exerce influência no clima emocional do casal e nos rumos que são dados ao casamento.

Velho (1986) aponta o casamento como o que estabelece relações entre grupos, por intermédio da união de seus membros, produzindo reciprocidade nos mais diferentes níveis da vida social, além de estabelecer canais de comunicação, delimitação de fronteiras e elaboração de identidades.

Na constituição inicial do casamento, os cônjuges encontram-se em um contexto de vivências e expectativas passadas e atuais, que cada membro traz de suas respectivas histórias e culturas (Minuchin & Fishman, 1990; Carter & McGoldrick, 1995; Andolfi, 1996). Essa

miscelânea de aspectos constitui o sentido subjetivo que cada um confere ao seu mundo. Trata-se de um desafio que se apresenta aos casais, cujos indivíduos foram criados em contextos culturais distintos – o de serem capazes de atuar conjuntamente na tarefa de promover o desenvolvimento dessa relação, a qual contém uma diversidade de diferenças.

O contexto do casamento pressupõe uma mudança radical na relação dos parceiros, que terão de configurar uma nova forma de relacionamento. Os aspectos da vida a dois passam a ser de grande relevância. O casal precisa definir sua própria forma de relação, o convívio com amigos, familiares, vizinhança, os seus valores, etc. (Minuchin & Fishman, 1990; Andolfi, 1996; Zinker, 2001). Desta maneira, o casal vai configurando, dialeticamente, a intersubjetividade dessa relação (Valsiner; 1997, 1998; Matusov, 1996, 2001) .

O desenvolvimento relacional, por sua vez, alicerça-se na formação da díade (Minuchin & Fishman, 1990; Bronfenbrenner 1996). O fortalecimento da relação a dois facilita a execução de uma série de atividades conjuntas, permitindo assim dar significado ao que é comum ao casal, à interação e à convivência.

Para Bronfenbrenner (1996), “uma díade é formada sempre que duas pessoas prestam atenção às atividades uma da outra ou dela participam” (p. 46). O autor ressalta, ainda, que a díade serve como bloco construtor básico do microssistema, o qual dá suporte à formação de estruturas interpessoais maiores.

O casal formado por indivíduos advindos de contextos culturais diferentes tem a tarefa de construir um contexto comum. O fortalecimento da díade é fundamental nessa constituição. A interação permite que cada membro da relação atualize potencialidades, viabilizando a emergência de novas possibilidades que, por sua vez, produzem mobilidade na relação. Isso ocorre à medida que se dá a reorganização do campo pelos parceiros, o que possibilita a

emergência do processo criativo com que é construída a relação através do tempo (Andolfi, 1996).

2.4 A cultura e o desenvolvimento da intersubjetividade do casal

A palavra cultura recebe diferentes atribuições, além de ser analisada por enfoques muito distintos. Cultura às vezes é empregada para designar a posse de algum conhecimento, por exemplo, quando se diz que alguém é culto. Outras vezes, ter cultura habilita alguém para determinado cargo. Ter cultura significa, então, ser superior, ser mais apto, etc. (Chauí, 1996, Valsiner, 2001).

Abbagnano (2000) considera diversas definições de cultura. O autor afirma que cultura provém do verbo latino *colere*, que significa cultivar, criar, cuidar. Cultura é o cuidado do homem com a natureza, com os deuses, com o corpo e com a alma, com a educação e a formação da humanidade. Em um dos sentidos de cultura, os humanos são considerados seres naturais, que se diferenciam dos animais e das plantas. A natureza humana não pode ser deixada por conta própria, pois o homem tenderá a ser agressivo, destrutivo, ignorante. O homem, portanto, precisa ser educado, formado, cultivado conforme os ideais de sua sociedade. A cultura é considerada uma segunda natureza, que a educação e os costumes acrescentam à primeira natureza inata de cada um.

No sentido originário grego de cultura, não se pode falar em cultura bárbara fundada na violência. Nessa concepção, a cultura pressupõe hábitos civilizados e formas de conhecimento passíveis de serem produzidas, ensinadas e assimiladas, e que mantêm uma relação essencial com os ideais mais nobres da humanidade. Cultura em grego significa *paidéia* – um processo de

formação total do indivíduo, que pressupõe o estabelecimento de um ideal consciente de educação na formação do homem como parte integrante da humanidade (Abbagnano, 2000).

No século XVIII, cultura tornou-se sinônimo de civilização. Segundo Abbagnano (2000), Kant (1724-1804) e outros filósofos, há uma diferença essencial entre o homem e a natureza: a natureza opera mecanicamente de acordo com leis necessárias de causa e efeito, mas o homem é dotado de liberdade e razão, agindo por escolha, conforme valores e fins. A cultura é o reino da finalidade livre, das escolhas racionais, dos valores, da distinção entre bem e mal, verdadeiro ou falso, justo ou injusto. A cultura passou a significar as obras humanas que se exprimem em uma civilização e as relações que os humanos estabelecem com o tempo e com o espaço, com os outros e com a natureza. Cultura transformou-se, assim, em sinônimo de história. A cultura é o reino da transformação racional, é a relação dos homens com o tempo e no tempo.

Chauí (1996) afirma que Hegel (1770-1831), e depois dele, Marx (1818-1883) enfatizaram a cultura como história. Para Marx, corrigindo Hegel, a história-cultura não é a manifestação do espírito absoluto, a cultura não é mera exteriorização da razão na busca de si mesma, reconhecendo-se a razão no outro que ela engendrou.

A história-cultura é o modo como, sob condições históricas objetivas determinadas e não-escolhidas, os homens produzem materialmente (pelo trabalho, pela organização econômica) sua existência, conferindo sentido à re-produção social de sua existência. A história-cultura não narra o movimento temporal do espírito, mas as lutas de seres humanos reais que produzem e reproduzem suas condições materiais de existência, produzindo e reproduzindo as relações sociais pelas quais se distinguem da natureza e se diferenciam entre si em classes sociais antagônicas (Chauí, 1996).

O homem apontado por Marx é aquele capaz de produzir a sua própria história, ou seja, é aquele capaz de construir a sua cultura. Então, cultura adquire o caráter processual. É na processualidade que se busca compreender o processo de constituição intersubjetiva dos casamentos interculturais.

Essa concepção de cultura é assumida por abordagens oriundas da teoria marxista, porém Martins e Branco (2001) alertam que mesmo nos contextos em que se adotam as concepções de Marx a transmissão cultural, é, por vezes, encarada de forma unidirecional – como a recepção passiva de hábitos, valores e crenças.

Valsiner (2000, 2001, 2003) ressalta que no modelo unidirecional de transmissão de cultura, a pessoa é um receptor passivo, que adere ao *knowhow* da geração anterior sem reorganizá-lo conforme a sua cultura pessoal.

O modelo proposto por Valsiner (2000, 2001, 2003) é denominado bidirecional. A transferência cultural passa a ser um processo de co-construção ativa, pois o receptor é um organizador ativo das mensagens recebidas, possibilitadora da emergência da novidade como um processo de constante criação.

A cultura pode ser considerada, ainda, uma visão de mundo de um povo, na qual estão incorporadas suas crenças, suas tradições, seus hábitos, lendas e conhecimentos adquiridos com a experiência e por intermédio do puro raciocínio; enfim, é a totalidade do caráter de um povo que determina sua experiência histórica (Abbagnano, 2000). De acordo com Valsiner (2001), esse é o conceito assumido pela psicologia *cross-cultural*, que implica dizer que pessoas pertencem a determinadas culturas.

Nesse sentido, Valsiner (2001) considera que a perspectiva *cross-cultural* baseia-se em duas propriedades: a homogeneidade – pessoas pertencentes à mesma cultura compartilham um

conjunto de características culturais – e a estabilidade temporal – as características assumidas pelas pessoas são as mesmas ao longo do tempo. As pesquisas da psicologia *cross-cultural* buscam contrastar grupos entre si.

Pode-se dizer, que ao pesquisar o desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais, não se objetiva comparar pessoas e famílias de culturas distintas, mas buscar compreender seu processo intersubjetivo. De certa forma, assume-se, em parte, a perspectiva *cross-cultural*. Considera-se que casais formados por pessoas advindas de países diferentes possuem uma certa homogeneidade e estabilidade na aquisição das tradições e valores dos países de origem. Entretanto, essa característica passa a ser secundária, ao focar o processo intersubjetivo desses casais, pois cultura tem um caráter histórico, como postula a abordagem sócio-histórica, a qual se assume como alicerce deste trabalho. Outro aspecto relevante é que a cultura, como história, não nega alguns aspectos referentes a crenças e valores que podem permanecer estáveis, quando a pessoa constitui sua cultura pessoal (Valsiner, 2001).

A relação da pessoa com o ambiente perpassa pela reorganização pessoal das mensagens recebidas com base em um processo dialético. Esse processo garante tanto a emergência da novidade quanto a emergência de estados estáveis do próprio processo (Valsiner 2001). Assim, pode-se dizer que a novidade nesse processo é que existe um rearranjo entre o que permanece estável e o que é realmente novo.

A descrição desse processo sugere que o rearranjo é, em parte, obtido pelo processo intersubjetivo, uma vez que ocorre a modificação na cultura pessoal e, ao mesmo tempo, na cultura co-construída pelo próprio casal, pois esse processo é recursivo. A síntese dialética é a possibilitadora do modelo bidirecional proposto por Valsiner (2000, 2001, 2003).

O processo de desenvolvimento da intersubjetividade em qualquer relação conjugal e em especial a intercultural, é co-construído pelo casal com base no processo cultural, o qual é em si mesmo a própria co-construção dialética da história do casal.

Ao focar os processos humanos, Vygotsky (1996) escreve:

A concepção do desenvolvimento é um processo contínuo de auto-movimento, que se distingue, em primeiro lugar, pela permanente aparição e formação do novo (...) esse ponto de vista capta no desenvolvimento algo essencial para a compreensão da dialética do processo. (p. 254)

Vygotsky (1996) rompe com a visão regular e padronizada do desenvolvimento. Considera que o sujeito se desenvolve de forma complexa e afirma que o desenvolvimento infantil adquire formas de crises agudas.

O desenvolvimento não se dá de maneira regular e unidirecional. A relação entre as funções psicológicas, os signos e os instrumentos vão se modificando à medida que se dão as interações sociais e o processo de internalização (Vygotsky, 1998).

Valsiner (2001) e Lawrence e Valsiner (1993) descrevem o pensamento humano como um processo intrapsíquico que se constitui dialeticamente com base em forças e mensagens comunicativas entre as pessoas. Tal processo dito de internalização/externalização, é gerador do desenvolvimento de novas idéias, ou seja, de transformação.

Em termo do casamento intercultural, os cônjuges inserem-se em um contexto rico em possibilidades de transformação, pois cada um traz consigo a sua cultura pessoal, ambos influenciam-se mutuamente, e recebem influências externas, e, assim, também transformam o

contexto cultural no qual se inserem. É nesse processo que o casal pode gerar o desenvolvimento do processo intersubjetivo.

Para Valsiner (2001), o desenvolvimento é um processo gerador de novidade. Esse processo ocorre em razão da própria natureza sistêmica aberta do desenvolvimento e da irreversibilidade do tempo² que cria condições para a perspectiva desenvolvimental.

Nesse sentido, o casal intercultural constitui o seu processo intersubjetivo, constituindo uma base comum (Valsiner 1997, 1998) e coordenando contribuições (Matusov, 1996, 2001), pautado pela emergência do novo, gerado no processo de desenvolvimento, o qual se encontra conjugado com a noção de cultura assumida por Valsiner (2000, 2001, 2003) e por Lawrence e Valsiner (1993).

O estudo do desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais, portanto, perpassa a compreensão histórica dos casamentos, dos sentidos e significados atribuídos ao casamento gerado em cada contexto histórico-cultural. Assim, a cultura é descrita como um processo contínuo de co-construção dialética entre os sujeitos (o casal) e a cultura. Esse movimento dialético produz tensão que propicia os processos de desenvolvimento, no qual se inclui a intersubjetividade.

² Valsiner (2001) considera “a irreversibilidade do tempo como a característica do tempo real de nunca repetir qualquer acontecimento do período de tempo prévio. O tempo flui de um passado infinito para um futuro infinito. A repetição do passado não é possível em tempo irreversível”. (p. 47)

CAPÍTULO III

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

As ciências humanas e sociais, ao lidarem com dados da realidade humana intersubjetiva, devem procurar estabelecer métodos que sejam representativos dessa dimensão especial da realidade. Inserida nesse cenário, a presente pesquisa – *O desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais* – implica o delineamento do caminho percorrido pelos casais na constituição de uma vida conjugal.

Dessa forma, procurou-se utilizar meios que promovessem o acesso à experiência psíquica desses casais, para compreensão de como eles lidam com as diferenças interculturais e permanecem casados. Por tratar-se de um fenômeno com características próprias, fez-se necessário buscar uma metodologia que abarcasse o tema estudado, ou seja, viabilizasse o acesso à experiência intersubjetiva dos casais, e, assim, obter um quadro bem elaborado da dinâmica subjacente à experiência.

A epistemologia qualitativa, apresentada por González Rey (2002, 2003a), atende ao que se pretende pesquisar. Essa perspectiva vem sendo cada vez mais utilizada por responder a questões que dizem respeito à subjetividade humana que o modelo tradicional não consegue acessar.

O objetivo deste capítulo consiste em descrever os pontos básicos da epistemologia qualitativa de González Rey (2002, 2003a) para traçar a perspectiva metodológica percorrida neste trabalho. Para tanto, retoma-se a importância da interlocução entre a perspectiva metodológica e as teorias adotadas para a compreensão do desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais e de outras temáticas imprescindíveis a que remete este estudo, como desenvolvimento, casamento e cultura. A obra de Vygotsky (1996, 1998, 1999, 2000) é

tomada como um ponto de partida na constituição da epistemologia qualitativa e busca-se identificar um ponto comum com os autores que teorizam a respeito do desenvolvimento da intersubjetividade (Matusov, 1996, 2003; Valsiner, 1997, 1998). Posteriormente, a epistemologia qualitativa será detalhada para que se possa evidenciar o percurso realizado por este estudo no que diz respeito à perspectiva metodológica adotada.

3.1 A epistemologia qualitativa de González Rey e o diálogo com as outras teorias adotadas

A epistemologia qualitativa preenche um espaço, até então vazio, ao promover a interlocução com o humano, uma vez que possibilita acessar os sentidos subjacentes ao dado objetivo, o que permite a compreensão ampliada do sujeito. Assim, pode-se assegurar que a epistemologia qualitativa representa, na verdade, um modelo que destaca elementos característicos à singularidade da natureza humana. Com esse enfoque, a proposta de pesquisa de González Rey (2002, 2003a) aponta novos rumos às ciências humanas e sociais. O autor propõe uma metodologia capaz de alcançar o que o ele entende por subjetividade.

A epistemologia qualitativa de González Rey (2002, 2003a) questiona a concepção de ciência clássica e propõe uma visão pluridimensional da realidade, a qual envolve reflexões históricas, sociais e culturais.

González Rey (2003a) aponta o materialismo histórico como base para a aplicação de uma metodologia qualitativa à pesquisa social. Esse modelo assinala que a realidade se desenvolve processualmente na história do sujeito.

O arcabouço da proposta epistemológica desenvolvida por González Rey (2002, 2003a) tem, como um de seus pilares constitutivos, a abordagem histórico-cultural de Vygotsky, a qual se desenvolveu com base nas concepções do materialismo histórico e dialético de Marx.

Tendo em vista as raízes da proposta de González Rey (2002, 2003a), procurou-se identificar perspectivas compatíveis com o tema desta pesquisa, visando uma interlocução com a metodologia adotada. Para tanto, recorreu-se à perspectiva *sócio-cultural construtivista*, por tratar-se de

uma perspectiva teórica inserida no contexto das correntes sociogenéticas, que busca por meio da síntese criativa das contribuições da psicologia histórico-cultural de Vygotsky e colaboradores e do construtivismo Piagetiano (a partir da ênfase do papel ativo do sujeito no seu desenvolvimento), compreender o desenvolvimento humano como um fenômeno dinâmico e complexo. (Madureira & Branco, 2005. p. 91)

Promover o diálogo entre a epistemologia qualitativa e a perspectiva sócio-cultural construtivista, que têm suas raízes comuns na proposta de Vygotsky, é uma tarefa importante para a compreensão do fenômeno da intersubjetividade, bem como de questões culturais às quais o tema remete. A interação da epistemologia qualitativa de González Rey (2002, 2003a) com as elaborações de Valsiner (1997, 1998, 2000, 2001, 2003) e seus colaboradores (Branco & Valsiner, 1997; Branco, 1998; Martins & Branco, 2001; Madureira & Branco, 2005) favorecem muito a interpretação das informações constituídas no momento empírico.

González Rey (2002, 2003a) propõe um modo de pesquisar capaz de abarcar fenômenos humanos complexos, o que é corroborado por Branco e Valsiner (1997), ao discutirem a necessidade de uma metodologia mais adequada que abarque a dialética do desenvolvimento humano.

A abordagem *sócio-cultural construtivista* considera o movimento dialético entre o contexto cultural e o indivíduo. Ressalta a natureza dinâmica e inter-conectada dos processos

interativos, incluindo os processos intersubjetivos, que favorecem a emergência da novidade pela síntese dialética (Branco & Valsiner, 1997).

A obra de Matusov (1996, 2001), outro estudioso do tema intersubjetividade, também contribui para a interpretação das informações constituídas no momento empírico. O autor recebeu a influência de Vygotsky e utiliza-se da abordagem sócio-cultural como base para suas pesquisas.

O entrelaçamento de outras perspectivas ocorrerá, sobretudo na análise construtivo-interpretativa das informações. Esse diálogo tem o intuito de constituir novas zonas de sentido³ a respeito do tema estudado. Tal aspecto pode ser constatado no decorrer dos capítulos teóricos e ficarão evidentes no processo de construção e de análise das informações.

Também se faz a interlocução com Bronfenbrenner (1996), teórico da abordagem ecológica do desenvolvimento humano, que embora possua perspectiva desenvolvimental diferente de Vygotsky e seus seguidores, tem relevância na teorização do desenvolvimento diádico. A compreensão da relação diádica é fundamental no estudo de casal, como atestam os teóricos da terapia familiar, que já foram mencionados no capítulo II deste trabalho.

3.2 Vygotsky como um ponto de partida na constituição da epistemologia qualitativa

A psicologia histórico-cultural, fundada pelo psicólogo russo Lev Vygotsky nas décadas de 1920 e 1930, permaneceu por muitos anos sem divulgação, tanto na União Soviética, seu berço, quanto no mundo (Veer & Valsiner, 1999).

A perspectiva de Vygotsky (1998) tem como base suas concepções a respeito das origens das funções psicológicas superiores, que revelam uma íntima ligação entre sua natureza

³ “Referente a criação de um novo espaço de significação sobre o estudado, sem pretensão de uma correspondência direta entre categorias usadas e a realidade estudada” (González Rey, 2003, p. 21).

mediadora e a concepção materialista dialética de mudança histórica. Seu método concebe que a realidade se desenvolve processualmente na história, o que é próprio da concepção materialista histórica e dialética de Marx.

Vygotsky (1999) faz uma crítica à metodologia utilizada pela psicologia e ressalta que tudo que existia em sua época (1927) deixava de lado a questão fundamental do ser humano. Os posicionamentos assumidos ou privilegiavam a maturação ou o contexto. A adoção dessas concepções, segundo ele, traduz-se na perda do ser humano, visto como um todo.

Nessa perspectiva, Vygotsky (1998) indica a necessidade de uma nova metodologia, uma vez que ele propõe uma abordagem do desenvolvimento dos processos psicológicos, o que culmina com uma revisão dos métodos de pesquisa. Tal proposição justifica-se, pois o autor generaliza sua concepção sobre a origem das funções psicológicas superiores, de tal forma que revela uma íntima ligação entre a sua natureza fundamentalmente mediadora e a concepção materialista dialética de mudança histórica.

Ao basear-se na concepção materialista dialética, Vygotsky (1998) retrata a recursividade existente entre homem e natureza, ou seja, as mudanças ocorrem na fluidez desse processo recursivo, o que por sinal é considerado elemento-chave de seu método.

Vygotsky (1998) ressalta que o objetivo básico de sua pesquisa é o de fornecer uma análise das formas superiores de comportamento, e, assim, apresenta os três princípios de sua abordagem: *analisar processos e não objetos; explicação versus descrição; o problema do comportamento fossilizado.*

A *análise de processos* implica uma exposição dinâmica dos pontos constitutivos da história dos processos, requerendo para tanto um enfoque desenvolvimental. Esse método foi

denominado de *método desenvolvimento-experimental*. A tarefa básica da pesquisa passa a ser a reconstrução do processo desenvolvimental.

Ao estudar os fenômenos psicológicos sob o ponto de vista desenvolvimental busca-se revelar sua gênese e suas bases dinâmico-causais, isto é, a *explicação dos fenômenos*. A análise das bases dinâmico-causais pretende mostrar a gênese dos fenômenos psicológicos e não a descrição de suas características perceptíveis. Essa análise procura abarcar o processo recursivo homem/natureza.

A descrição torna-se insuficiente por não permitir a compreensão da sua dinâmica, da sua gênese, enfim, não consegue resgatar o seu processo histórico. A percepção prende-se a características perceptíveis do fenômeno captado, da imediaticidade. Ao contrário, a proposta de Vygotsky (1998) trata o fenômeno na sua natureza mediada. Os dados imediatos não são ignorados, mas incorporados à sua origem histórica.

No desenvolvimento de alguns dos processos psicológicos perdem-se no tempo ao tornarem-se automatizados, *fossilizados*, isto é, no decorrer do desenvolvimento, eles se distanciam de sua forma original, tornando-se automatizados. Muitos comportamentos que se originam de processos diversos adquirem similaridades externas em virtude de sua fossilização, o que impede o acesso à sua gênese, o que impossibilita a distinção entre processos inferiores e superiores de desenvolvimento.

Vygotsky (1998) ressalta:

precisamos concentrar-nos não no *produto* do desenvolvimento, mas no próprio *processo* de estabelecimento das formas superiores. Para isso o pesquisador é freqüentemente forçado a alterar o caráter automático, mecanizado e fossilizado das formas superiores de

comportamento, fazendo-as retornar à sua origem através do experimento. Esse é o objetivo da análise dinâmica. (p. 85; grifos do original)

A proposta de Vygotsky (1998) deixa clara a necessidade de extrapolar o meramente observável, nas manifestações externas do comportamento. O autor argumenta que comportamentos externos iguais podem diferir em sua natureza. Dessa forma, faz-se mister integrar a natureza interna à sua aparência externa.

3.3 A epistemologia qualitativa de González Rey

A epistemologia qualitativa de Gonzalez Rey (2002) “é um esforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia que permite a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana” (p. 29).

A proposta de pesquisa psicológica apresentada por González Rey (2002, 2003a) tem como tônica o estudo da subjetividade. Uma vez que a subjetividade ganha conotações diferentes em vários autores, faz-se necessário elucidar a proposta de González Rey (2003), no que ele denominou de *desenvolvimento de uma teoria da subjetividade*:

O desenvolvimento de uma teoria da subjetividade tem que permitir uma articulação tal de categorias, um modelo teórico que possibilite compreender em suas tensões, contradições, inter-relações e configurações um conjunto de processos e operações diferentes, em que umas constituem as outras e são constituídas por aquelas em diferentes contextos da ação do sujeito e do desenvolvimento do sistema geral em que se aplicam. Esse macro-sistema capaz de integrar teoricamente tais processos recíprocos e complexos de constituição de

unidades qualitativamente diferentes, dentro do qual todas as unidades mantêm relação, designando-se, reintegrando-se e reestruturando dentro do sistema mais geral, é a subjetividade. (p 185)

Esse conceito de subjetividade gera reflexões a respeito de quão complexa é a organização da psique humana e como o seu desenvolvimento se processa, de forma recursiva, com base nas suas interações sociais.

Embora o presente trabalho não explicita em seu tema a questão da subjetividade, ela se encontra presente em todo processo de pesquisa. Tal aspecto não se deve apenas à adoção da epistemologia qualitativa de González Rey (2002, 2003a), mas também porque a definição da subjetividade aponta temas essenciais à compreensão dos processos intersubjetivos – tensões, contradições, inter-relações.

González Rey (2003), embora não desenvolva o tema intersubjetividade, afirma que “a organização da subjetividade individual tem na ação intersubjetiva um momento permanente de expressão e de confronto que garante a processualidade de sua organização dentro de um processo de desenvolvimento permanente dentro da vida do sujeito” (p. 236).

Seria errôneo afirmar que González Rey trata do desenvolvimento da intersubjetividade tal como se pretende nesta pesquisa. Pode-se dizer que ele trata a questão dos processos recursivos gerados entre a subjetividade individual e a subjetividade social, tema recorrente nas suas obras. É nesse sentido que ele fala de ação intersubjetiva.

A utilização do método de González Rey (2002, 2003a), de cunho eminentemente subjetivo, para a realização da presente pesquisa, justifica-se tanto por apontar temas essenciais,

como por ser capaz de abarcar processos complexos, como é o caso do desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais.

3.3.1 A metodologia na epistemologia qualitativa

O método proposto por González Rey (2002, 2003a) é um processo contínuo que possibilita a investigação de elementos diversos. Esses elementos constituem sentidos passíveis de serem transformados no decorrer do processo de investigação. Assim, a configuração da informação é um processo contínuo no transcorrer do estudo.

No curso da investigação, surgem várias hipóteses abertas pelo conteúdo expresso pelos sujeitos. Tais conteúdos podem conduzir a unidades de sentido sobre o interpretado e participar do momento de síntese do processo (González Rey, 2003a).

González Rey (2003a) define o processo de investigação como flexível e aberto, organizado em torno do problema definido, que se nutre de toda informação gerada. A interpretação das informações é produzida por unidades de sentido que são contraditórias entre si e que vão gerar a compreensão do objeto estudado.

As informações não são organizadas com uma lógica regular e também não se apóiam em conclusões precedentes. A organização refere-se a um processo irregular com vários focos simultâneos de interpretação do investigador. Cada momento de construção é parcial, pois sofre transformações ante a produção de novas unidades de sentido (González Rey, 2003a).

Desse modo, a metodologia pressupõe um processo permanente de comunicação entre os sujeitos implicados na investigação e o investigador. A metodologia é, em sua essência, um processo de comunicação, no qual o sujeito estudado se envolve de forma ativa e profunda (González Rey, 2003a , 2002).

Nesse sentido, González Rey (2003a) afirma que o conhecimento é gerado na relação *sujeito-investigador*, que viabiliza a expressão do momento concreto do vínculo *sujeito-investigador* na situação vital atual. A história dos participantes do processo de produção de conhecimento expressa-se na própria história do vínculo, tal como ela se apresenta na constituição subjetiva de cada sujeito.

A epistemologia proposta pretende alcançar o objeto de estudo, as relações humanas em seu caráter vivo, contraditório e multidimensional, ou seja, o indivíduo estudado como sujeito do próprio processo de comunicação no qual aparecem as suas contradições, a sua pluralidade e a sua historicidade (González Rey, 2002, 2003a).

Para González Rey (2002, 2003a), o processo de construção do conhecimento na epistemologia qualitativa implica a possibilidade de configurar-se, em sua unidade, o sentido de um determinado elemento ou processo psicológico em cada sujeito. Essa definição epistemológica expressa-se em uma abordagem metodológica *construtivo-interpretativa*, o que significa dizer que a produção de conhecimento se define pelos processos que têm lugar nos marcos do sujeito concreto e da teoria.

A epistemologia qualitativa apóia-se, segundo González Rey (2002), em três princípios, os quais sugerem conseqüências metodológicas importantes. O autor ressalta, em primeiro lugar, que o conhecimento é uma *produção construtivo-interpretativa*, logo, a interpretação decorre da necessidade de dar sentido à expressão do sujeito estudado. A expressão subjetiva produz informações complexas e de qualidade, que geram as condições essenciais para a construção do conhecimento sobre a subjetividade. Com base nesse processo interpretativo das informações, emergem os indicadores. Esses indicadores são provenientes da relação recursiva entre o objeto de estudo e o sentido subjetivo da produção teórica do pesquisador, gerando assim “o

desenvolvimento de conceitos e categorias novas no curso de uma pesquisa, o que é, talvez um dos momentos mais criativos e delicados da pesquisa” (González Rey, 2002, p. 118).

O processo interativo da produção do conhecimento é o segundo princípio da epistemologia de González Rey (2002). Há um enfoque na relação pesquisador-pesquisado como requisito para o desenvolvimento da pesquisa. São levados em conta os aspectos que aparecem no cenário da pesquisa, até mesmo as comunicações informais. Propõe-se o diálogo aberto que estimule a expressão de sentimentos, de pensamentos e de ações, configurando-se, de forma espontânea, a vida dos sujeitos pesquisados. A pesquisa transcorre em um processo interativo entre pesquisador e pesquisado. O sujeito pesquisado é ativo em todo processo. A interação promove construções complexas, as quais os pesquisadores precisam utilizar com habilidade para a definição de indicadores relevantes.

O terceiro princípio apontado por González Rey (2002) ressalta a *singularidade como nível legítimo da produção de conhecimento*. O autor define a singularidade como diferente do conceito de individualidade e a resgata como a realidade histórica na constituição subjetiva do indivíduo, e que o estudo qualitativo se legitima pela qualidade da expressão subjetiva, em detrimento da quantidade de sujeitos proposta por outras modalidades de estudo.

A metodologia construtivo-interpretativa aprecia o sujeito como uma realidade diferenciada, considerando sua situação existencial única, a qual é mediada pela cultura e pelo ambiente social do qual o sujeito é parte. O sujeito constitui-se em centro do desenho metodológico, uma vez que é considerado nas suas diversas formas de expressão e em cada um de seus momentos. De acordo com González Rey (2003a), “a informação se configura como um momento de um processo construtivo que ocorre no cenário singular do sujeito psicológico concreto” (p. 146, nossa tradução).

A investigação qualitativa, conforme González Rey (2003a, 2002), aponta as seguintes características gerais: sujeito interativo, motivado e intencional, inserido em um processo de constituição do conhecimento ativo, gerado pelo processo de comunicação entre pesquisador e pesquisado.

Tendo em vista a complexidade do objeto de estudo, torna-se imprescindível refletir a respeito dos instrumentos de pesquisa. No que concerne à definição dos instrumentos de pesquisa, González Rey (2002) ressalta que, na pesquisa qualitativa, busca-se ir além do dado explícito. O instrumento, nesse processo, converte-se em fonte de informação que constituirá seu sentido no processo de estudo como um todo.

González Rey (2002) afirma:

os instrumentos, conceito com o qual designamos todos os procedimentos encaminhados a estimular a expressão do sujeito estudado, são simplesmente indutores de informações que não definem o sentido final dela. Assim, por exemplo, serão instrumentos de pesquisa psicológica as lâminas, as frases a serem completadas, as situações de diálogo, as redações, a análise de filmes, os jogos, as situações de execução, os desenhos, as formas de relacionamento grupal e outros. (pp. 79-80)

O instrumento, na epistemologia qualitativa de González Rey (2002), é uma ferramenta interativa que gera resultado no processo da pesquisa, refletindo a natureza do estudo, a qual aponta os indicadores relevantes da constituição subjetiva.

Os instrumentos deixam de ser a via de produção de conhecimento, entregando essa função à teoria. Eles passam a ser o caminho de produção de indicadores, o que implica que o sentido dos instrumentos depende do processo de integração de fatores diversos interagentes em cada momento da construção do conhecimento (González Rey, 2003a).

Ao responder aos instrumentos, os sujeitos expressam-se sobre a base de sua personalidade. Para González Rey (2003a), as elaborações do sujeito são importantes para a construção de suas diferentes configurações psicológicas na investigação e no desenvolvimento.

Os instrumentos necessariamente devem possibilitar acesso ao sujeito, naquilo que lhe é característico – ser consciente, atual, interativo e intencional. Ao incorporar essas características, a metodologia viabiliza a riqueza de expressão do sujeito para a produção de informação durante a interpretação. Assim, cabe ao processo investigativo estimular as expressões reflexivas, ativas e contraditórias do sujeito (González Rey, 2003a).

González Rey (2003a) explica que a integração das informações produzidas constitui o novo, o qual não é assimilado passivamente. Para o autor, a assimilação passa por um processo dialético. Do mesmo modo, a interpretação perpassa um processo de relações contraditórias entre o produzido anteriormente e o novo, constituindo uma síntese. A contradição, no curso da interpretação, constitui um momento do próprio processo.

Ao abordar a construção da informação como um processo contínuo, González Rey (2003a) enfatiza como capaz de integrar elementos contraditórios provindos tanto de fontes metodológicas como da experiência do investigador e do sujeito. Esses elementos contraditórios adquirem sentido em termos da construção atual da construção teórica.

3.4 A entrevista como processo de investigação e de constituição dos indicadores

No presente trabalho, foi adotado o método de González Rey (2002, 2003a) que preconiza a entrevista como parte do processo geral de investigação. A entrevista segue um curso processual que representa um momento de continuidade no diálogo do investigador e do sujeito (Peres, 2001; Peres 2005; González Rey, 2002, González Rey, 2003a).

De acordo com González Rey (2003a), “a entrevista deixa de ser uma técnica para converter-se em um processo permanente que dá unidade a todo o momento metodológico, garantindo a continuidade das diferentes formas de expressão do sujeito ante os instrumentos” (p. 247, tradução nossa).

A entrevista, ao adquirir o *status* de processo, torna-se fluida e possibilita a emergência de informações inesperadas, uma vez que as perguntas não são estabelecidas *a priori*. Para Peres (2001, 2005) e González Rey (2002, 2003, 2003a), a entrevista é um cenário novo que gera fenômenos e comportamentos totalmente imprevisíveis, e, por esse motivo, tem uma extraordinária importância na investigação.

No decorrer do processo de produção de informação, a entrevista converte-se em um modelo de conversação ativo e de reflexão, o que implica a chance que o sujeito tem, com base nas tensões geradas ente suas contradições, de dar saltos qualitativos de desenvolvimento.

González Rey (2003a) argumenta:

as construções conscientes do sujeito, organizadas por seus sistemas de representações e crenças, são processos dinâmicos constituídos na própria marcha de suas reflexões, por meio dos quais é pertinente interrogar seus limites atuais de significação constituídos, em suas crenças e representações. A ativação da reflexão do sujeito sobre si mesmo, durante o

processo de investigação, é uma das vias essenciais para a construção do pensamento psicológico. (p. 249, tradução nossa)

A entrevista representa um processo integrador de múltiplos momentos concretos. O investigador deve atentar para a organização do sentido da expressão do sujeito estudado, pois a intencionalidade das respostas dos sujeitos não aparece diretamente, do que decorre a importância da análise construtivo-interpretativa assinalada anteriormente (González Rey, 2003a)

A conduta torna-se um indicador apenas à medida que é interpretada. A interpretação é realizada levando-se em conta a rede de indicadores constituídos nas múltiplas formas de expressão do sujeito. A esse respeito, González Rey (2003a) reitera que “o sentido que as coisas têm para o sujeito investigado só poderá constituir-se a partir da potencialidade de uma teoria concreta, pois a descrição fiel de sua expressão, nunca nos levará de forma direta a sua configuração de sentido” (p. 182, tradução nossa).

As informações e os indicadores devem articular-se, na própria história da pesquisa, a fim de configurarem-se na elaboração teórica, a qual acompanha o curso da pesquisa (González Rey, 2002). Os resultados finais visam a produção de momentos teóricos que, conforme González Rey (2002), integram-se ao processo geral de construção de conhecimento.

González Rey (2003a) aponta que o indicador constitui-se com base em uma rede de indicadores, os quais passam a constituir o processo de construção do conhecimento com base na integração dialética entre teoria e realidade.

Contudo, a conversão de um conteúdo em um indicador não lhe confere o *status* de teoria fechada e final, o que significa que o conteúdo concreto se torna inteligível em termos de uma teoria, passando a constituir o processo de construção do conhecimento.

O processo de construção do conhecimento apregoado por González Rey (2003a, 2002) começa a ser constituído com base na contínua interpretação da expressão que caracteriza o momento metodológico. Essa continuidade viabiliza a constituição de uma estrutura de sentido própria dos sujeitos estudados.

A produção de indicadores favorece a continuidade do processo e da constituição da estrutura de sentido, constituindo-se no eixo de produção teórica, o qual se dá por meio da interpretação. Esse processo possibilita acessar as formas como as relações humanas desenvolvem-se. Portanto, essa metodologia possibilita conhecer a singularidade do processo de constituição da intersubjetividade de cada um dos casais interculturais pesquisados.

Durante as entrevistas, os sujeitos podem reorganizar suas estruturas de significação. A capacidade dos sujeitos para reestruturarem-se durante o processo de investigação é, de acordo com González Rey (2003a), um dos aspectos essenciais a ser levado em conta no desenho desse processo. Para o autor, as relações são propiciadoras de pontos de ruptura, os quais promovem o acesso a novas esferas que não constituíam a configuração do sujeito até então.

A análise dessas novas esferas de configuração do sujeito favorece o acesso aos seus processos de significação. Desta forma, ao analisar o conteúdo, os sentidos são alcançados à medida que se faz a interpretação holística, ou seja, nos múltiplos momentos de integração que caracterizam o desenvolvimento da teoria em uma perspectiva histórica (González Rey, 2003a, 2002).

A modificação nas unidades de sentido pode levar à constituição de novos problemas ou a redefinições do problema, o qual adquire um valor para a construção do conhecimento (González Rey, 2003a, 2002). Observa-se que o processo de recursividade atua na própria produção de conhecimento, ao promover redefinição dos marcos iniciais propostos, além de indicar novas linhas de pesquisa.

3.5 Momento teórico

A pesquisa qualitativa não dispensa a teoria, simplesmente a retira do foco central, aceitando o empírico como via de produção do conhecimento. Considera a teoria uma construção sistemática confrontada por idéias ambivalentes, gerando um conjunto de alternativas que possibilitam a construção de novas teorias. A teoria representa um processo vivo, em desenvolvimento e construção (González Rey 2003a, 2002).

Dessa forma, a epistemologia qualitativa adotada permite realizar uma leitura reflexiva da realidade estudada – o desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais. Esta proposta concretiza-se à medida que se faz a interlocução do momento empírico com teorias que discorrem a respeito do tema.

Por tratar-se de um tema pouco abordado e complexo, procurou-se estudá-lo com base nas concepções da abordagem histórico-cultural, de Vygotsky (1996, 1998, 1999, 2000) e seus seguidores, o que coaduna com a perspectiva qualitativa seguida no momento empírico, porém fez-se necessário extrapolar dessa abordagem.

Este estudo remete a reflexões antropológicas, históricas e teóricas que abordam os estudos sobre casal e família, bem como as relações intersubjetivas. Nesse sentido, os diversos autores já referidos nos capítulos constitutivos deste trabalho puderam alicerçar a compreensão do objeto de estudo, lançando reflexões e proporcionando, nos termos de González Rey (2003), novas zonas de sentido que permitiram trilhar caminhos distintos dos já conhecidos.

De um lado, estabeleceu-se a interlocução com os autores, na busca de complementaridade, e de outro, efetuaram-se reflexões com base nas contradições existentes entre os diversos autores. As complementaridades e as contradições teóricas, tão comuns a relações intersubjetivas, possibilitaram, com o momento empírico, que se gerasse a construção do conhecimento.

3.6 Momento empírico

A realização do momento empírico da pesquisa – o desenvolvimento da intersubjetividade em casamento intercultural – esbarrou em alguns problemas para identificar casais dispostos a participarem da pesquisa. A princípio, contactou-se o pároco da Igreja Ortodoxa São Nicolau, por ali ser um ambiente freqüentado por estrangeiros e, possivelmente, por casais interculturais. O padre forneceu uma lista de seis casais interculturais, mas nenhum se prontificou a participar da pesquisa. Procurou-se o Clube Japonês, de Goiânia-GO, sem sucesso. Foram feitos vários contatos com escolas, sem êxito, até que se conseguiu um casal, por intermédio de uma aluna da pesquisadora.

Para que a pesquisa tivesse início, realizaram-se três contatos telefônicos com a filha do casal, que foi a mediadora junto ao casal e que repassou a seus pais as informações recebidas da pesquisadora. Finalmente marcou-se uma data para que o casal conhecesse a pesquisadora e ficasse a par de maiores detalhes da pesquisa, o que ocorreu no dia 13 de novembro de 2004. Nesse momento, foi apresentado o termo de livre consentimento, o qual continha as explicações a respeito da condução da pesquisa. Participaram desse momento o casal, a filha do casal e a pesquisadora.

O início do momento empírico, bem como as constantes recusas, de participação na pesquisa, foram de fundamental importância para a redefinição de seu curso. No projeto, previa-se um momento de entrevista com o casal, um segundo momento de entrevista com o grupo de casais e a realização desses dois momentos com quatro casais. A mudança ocorrida diz respeito à extinção do momento grupal, já que a entrevista individual mostrou ser suficiente, o que se constatou na primeira realizada. Outro aspecto que culminou na extinção do momento grupal é que os casais se interessavam pela pesquisa a princípio, mas quando eram informados do

momento grupal, desistiam, justificavam-se dizendo que era difícil sair de casa, e que a pesquisa ficaria longa e inviável.

Tais fatos possibilitaram reflexões por parte da orientadora e da mestranda. Assim, definiu-se que a pesquisa seria realizada com dois casais interculturais e que o instrumento utilizado seriam entrevistas com os casais.

Posteriormente a esse momento de reflexão, conseguiu-se que outro casal aderisse à pesquisa. Esse casal foi contatado pessoalmente pela pesquisadora, que já os conhecia de contato social, o que possibilitou à pesquisadora telefonar-lhes e marcar uma entrevista. O primeiro encontro seguiu o mesmo procedimento ocorrido com o primeiro casal, ou seja, na primeira entrevista apresentou-se o termo de livre consentimento com as devidas explicações da condução da entrevista. Esse momento ocorreu no dia 05 de janeiro de 2005. Participaram do encontro o casal, a filha do casal e a pesquisadora.

Foram realizadas, com o primeiro casal, cinco entrevistas gravadas, que se iniciaram em novembro de 2004 e terminaram em março de 2005. As entrevistas realizadas sempre iniciavam-se às 9:00 horas da manhã, horário disponibilizado pelo casal, e ocorreram nas seguintes datas:

- a) 1ª entrevista – dia 13 de novembro de 2004,
- b) 2ª entrevista – dia 20 de novembro de 2004,
- c) 3ª entrevista – dia 11 de dezembro de 2004,
- d) 4ª entrevista – dia 05 de março de 2005,
- e) 5ª entrevista – dia 12 de março de 2005.

Participaram do processo de entrevista o casal e a pesquisadora. Ressalta-se que o intervalo ocorrido entre a terceira e a quarta entrevista, desse casal, decorreu de problemas de saúde sofrido pela pesquisanda.

As entrevistas gravadas com o segundo casal foram iniciadas em janeiro de 2005 e se encerraram em abril de 2005, totalizando seis entrevistas. O casal escolheu o horário das 20:00 horas para realizar as entrevistas, as datas ocorreram conforme segue:

- a) 1ª entrevista – dia 12 de janeiro de 2005,
- b) 2ª entrevista – dia 18 de janeiro de 2005,
- c) 3ª entrevista – dia 25 de janeiro de 2005,
- d) 4ª entrevista – dia 16 de fevereiro de 2005,
- e) 5ª entrevista – dia 24 de fevereiro de 2005,
- f) 6ª entrevista – dia 06 de abril de 2005.

As entrevistas contaram com a presença do casal, da filha do casal e da pesquisadora, com exceção da quinta entrevista, na qual a filha não participou por estar dormindo. A presença da filha do casal ocorreu pelo fato de que nos horários das entrevistas o casal não tinha quem cuidasse da menina. O intervalo da quinta entrevista para a sexta entrevista ocorreu em função de compromisso profissional do pesquisando.

A diferença do número de entrevistas deu-se em decorrência da diferença do curso do processo de construção de informação, que é singular a cada casal. Essa característica metodológica é respaldada por González Rey (2002, 2003a), que se refere ao curso singular traçado pelo participante no momento empírico.

3.6.1 Participantes

Participaram deste estudo dois casais, que nasceram e viveram em países distintos e que atualmente residem na cidade de Goiânia-GO.

O primeiro casal é constituído por um homem brasileiro, aposentado, de 63 anos de idade e sua esposa russa, profissional da área de saúde, de 64 anos de idade. Eles estão casados há 35 anos, e o casamento foi realizado na Rússia. Esse casal tem uma filha de 26 anos de idade e um filho de 29 anos.

O segundo casal é constituído por um chileno, de 40 anos de idade, formado na área de saúde, e que atualmente trabalha em segmento pedagógico, que não tem referência com sua área de formação, e sua esposa, brasileira, de 34 anos, formada na área biológica e começou a atuar, na fase final do processo de entrevista, no ramo de vendas. Eles se casaram há 9 anos. O casamento foi realizado no Brasil. Eles têm uma filha de quase 2 anos de idade.

Para preservar a identidade dos sujeitos, levando em conta o tamanho da cidade de Goiânia e como esses casais interculturais podem ser facilmente identificados pelo reduzido número e por congregarem-se em clubes e associações, optou-se por não identificar suas profissões, revelando apenas a área ampla de atuação, o que não compromete os objetivos pretendidos.

3.6.2 Instrumento

A presente pesquisa escolheu como instrumento único para a constituição das informações a entrevista, a qual foi realizada na residência dos casais pesquisados. É importante ressaltar dois aspectos importantes que levaram à escolha da entrevista.

O primeiro é que o livre diálogo propiciado por essa modalidade de instrumento constitui-se em forte aliado para o estabelecimento de vínculo entre o pesquisador e os casais pesquisados, o que, segundo González (2002, 2003a), melhora muito a qualidade das informações geradas.

O segundo aspecto refere-se à realização da entrevista na residência do casal, por promover o acesso não só aos sujeitos pesquisados, mas à sua rede de relações, pois a família constitui fonte importante de informação.

O processo de entrevista transcorreu em um clima de interação ativa dos casais e da pesquisadora. A liberdade de expressão foi um marco em todo processo, o qual foi ressaltado pelos dois casais no decorrer do estudo.

O processo de entrevista foi pautado por alguns temas indutores que favoreceram o fluxo de informações. Esses temas indutores referiram-se à caracterização dos casais historicamente, ou seja, no que diz respeito à formação do casal, nos seguintes aspectos:

- a) expectativas em relação ao casamento,
- b) o sentido da escolha,
- c) o papel da diferença na escolha,
- d) o senso de pertinência e de individualidade,
- e) à distribuição de poder,
- f) à constituição de regras familiares,
- g) à negociação de aspectos culturais.

3.6.3 Processo de construção e análise das informações

O processo de construção e análise das informações ocorreu durante todo o processo, ou seja, nos diálogos do momento empírico, durante a transcrição das entrevistas, na interlocução do momento teórico com o empírico, à medida que os capítulos deste trabalho foram sendo constituídos.

As reflexões geradas ao longo do processo possibilitaram a definição de indicadores conforme o proposto por González Rey (2002, 2003a). Nesse sentido, procurou-se verificar como esses casais relacionavam-se e como se desenvolviam os processos intersubjetivos.

CAPÍTULO IV

HISTÓRIAS DE VIDA DOS CÔNJUGES

Este capítulo objetiva contar as histórias de vida dos cônjuges. Os nomes utilizados no decorrer dos relatos são fictícios, para que se possa garantir o sigilo assegurado aos participantes da pesquisa em termo de compromisso e livre consentimento (anexo 1). Por tratar-se de casais facilmente identificáveis na cidade de Goiânia-GO, os dados referentes à profissão não serão mencionados na sua especificidade, ou seja, indicar-se-á apenas a área de trabalho, quando for necessário.

Na construção da história de cada cônjuge, buscou-se enfatizar os aspectos considerados importantes antes, durante e após a cerimônia do casamento. Essas histórias irão integrar a interpretação das informações sobre os casamentos propriamente ditos, uma vez que se trabalha em uma perspectiva dialética e processual.

Com o intuito de melhor elucidar o sentido que cada casal gerou de sua história e suas repercussões no processo do casamento, procurou-se destacar, no trabalho de reorganização dos diálogos, o intenso fluxo de expressão dos pesquisandos. Ressalta-se que a apresentação das histórias é baseada no registro das entrevistas que não foram anexadas na íntegra visando preservar a identidade dos participantes.

4.1 As histórias de vida do casal José e Anastácia

4.1.1 A história de Anastácia e sua mãe

Anastácia nasceu na Rússia, local em que se casou no qual acontece parte da história da vida do casal. Ela passou por vários problemas de saúde, os quais serão mencionados no decorrer

deste capítulo, porém vê-se a necessidade de citar um dos problemas logo de início. Anastácia tem um problema nas cordas vocais, o que dificulta sua comunicação verbal.

No processo de entrevista, pediu muitas vezes que José, seu marido brasileiro, relatasse episódios de suas vidas, que foram acompanhados atentamente por ela. Em alguns momentos, Anastácia fazia correções e acréscimos quando necessário. Comunicava-se por meio de frases curtas e, em muitos momentos, apenas com gestos. Percebiam-se situações em que ela parecia constrangida em falar, com receio de dificultar o trabalho da pesquisadora. A pesquisadora incentivava suas falas, além de dizer a Anastácia que se algo não ficasse claro no diálogo, lhe perguntaria, já que Anastácia comentara que não se importaria em repetir sua história.

Em um momento informal da entrevista (parte não-gravada), Anastácia conta que a mãe era a filha mais velha de duas irmãs. Acrescenta que seus pais casaram-se em 1937 e separaram-se em 1945. Relata que a mãe exerceu os papéis de pai e mãe em sua vida. Não se lembra do pai, pois conviveu pouco com ele, uma vez que nasceu em 1940, e os pais separaram-se cinco anos depois.

Segundo o casal, a mãe de Anastácia era apaixonada pela Rússia. O casal lembra-se da mãe de Anastácia:

José – Ela tem medalhas. Ela tem uma porção de medalhas da Segunda Guerra Mundial. Ela era profissional da área de saúde⁴. Então, a cidade de Moscou cercada, foi invadida pelas tropas alemãs de Hitler. Foi cercada e bombardeada. Ela foi bombardeada naquelas fábricas e naqueles negócios...⁵ às vezes jogavam bomba, então rebentava, tinha pedaço

⁴ Dado alterado, uma vez que Anastácia seguiu a mesma profissão da mãe, e essa informação, será omitida neste trabalho, em virtude do cuidado em manter a sua identidade em sigilo.

⁵ Convencionou-se que, neste trabalho, são usadas reticências sem parênteses – ... – como pausa ou interrupção do pensamento dos pesquisandos ou da pesquisadora; são utilizadas reticências com parênteses – (...) – para recortes da pesquisadora, e as frases ou palavras entre colchetes – [] – referem-se a esclarecimentos fornecidos pela pesquisadora para o entendimento do texto.

de corpo pro lado cabeça pro outro, mão... aquele negócio todo. E a mãe dela era magrinha, fraquinha, menor que a Anastácia.

Anastácia – Batia no meu ombro.

Anastácia sai da sala.

José – Mas tinha uma força, a baixinha. Uma pessoa com muita... muita vontade de fazer as coisas. Muito inteligente. Era professora na universidade. Tinha livro escrito. Quer dizer que ela dedicou muito na Segunda Guerra Mundial. Ela, o trabalho dela... Então, ela tem medalhas, uma porção de medalhas. Uma hora a Anastácia vai mostrar as medalhas pra você.

Pesquisadora – Ah! Trouxe a foto dela. Gente que mulher bonita! Os olhos dela também são claros?

Anastácia – Muito claro! Era azul.

Em outro trecho:

Pesquisadora – As medalhas!

José – Tava tudo direitinho nos livros. Não sei por que ela foi tirar, né? Os livros tão aí?

Anastácia – Estava nos documentos dela.

José – Eles dá a medalha e já tem um livrinho, né? Cada medalha dessa aí foi da época.

Pesquisadora – Nossa, que tanto de medalha!

José – É que ela foi do exército, né?

Anastácia – Falta uma da guerra que não pude trazer.

José – Dá guerra não deixou passar a medalha, né?

Pesquisadora – Não deixou vir para o Brasil. Tem mais uma. Por que que não deixou?

Anastácia – Ela era tenente do exército vermelho.

José – Ah! Porque dela consta lá como tenente do exército russo, do exército vermelho.

Na época falava do exército vermelho, do exército soviético, né? Então tá lá como tenente e tudo, então ela não podia trazer isso pertencia... ela não podia trazer.

Na última entrevista, José resgata momentos da infância de Anastácia:

José – Ela é filha única. A mãe dela foi a mãe, o pai, a vó, tudo junto, né? Fez tudo pra ela. Ela era pequena... ela nasceu na guerra, no auge da guerra. A mãe trabalhando, aquele negócio todo, uma dificuldade danada. Ela [Anastácia] não tinha brinquedo, não tinha nada, nem boneca, brincava com panela, com tampas de panela.

Anastácia seguiu a mesma profissão da mãe e procurou fazer a mesma especialidade.

Tinha muita vontade de ser professora, como a mãe o fora, só que não conseguiu.

Pesquisadora – E a senhora seguiu a carreira dela?

Anastácia – É. Até a especialidade eu tentei fazer igual.

José – Ela era professora, dava aula na universidade.

Anastácia – Não era universidade que falava.

José – Instituto.

Pesquisadora – Você foi aluna da sua mãe? Foi?

Anastácia – A vida toda.

José – Aluna, permanente, né?

[Risos].

Anastácia assinala que os momentos em que cursava a universidade eram muito bons e de boa convivência com os colegas. Manteve um bom relacionamento também com os profissionais de sua área. Tinha muita liberdade de esclarecer suas dúvidas e fazer questionamentos. Esse aspecto é importante, pois ao chegar ao Brasil deparou-se com a realidade muito diferente. Os profissionais de sua área foram considerados por ela arrogantes e frios, o que a chocou e, nas palavras dela, “apanhei muito até aprender que os profissionais aqui se comportam diferente”.

Essa é a história contada pelo casal da vida de Anastácia antes do casamento.

4.1.2 A história de José e sua família

José é brasileiro, e a história de seus pais e de seus irmãos passa-se no Brasil até a década de 1960, em que José se envolveu em alguns episódios políticos e teve que sair foragido do país.

No segundo encontro com a pesquisadora, José revela grande parte da história que vivera com sua família. Relatava suas recordações à medida que ia dialogando com a sua esposa, Anastácia e com a pesquisadora, conforme pode ser constatado:

José – Nós somos três irmãos. Por que tem o Pedro, o João e a Vanda, só. Minha mãe se casou duas vezes, né? Com o primeiro marido dela são: o Pedro, o João e a Vanda. Meu pai é o segundo marido da minha mãe. Então sou filho único dele.

Pesquisadora – Ah! Então os três são do primeiro casamento.

José – Do primeiro casamento, o pai deles era português.

Pesquisadora – Ela era viúva ou se separou?

José – Separou! Separou! É... minha mãe é de Catalão [Goiás] e meu pai tinha farmácia em Goiandira, né? Então Goiandira foi até do município de Catalão. Cidadezinha pequenininha, até hoje ela é pequena, ali da estrada de ferro.

Pesquisadora –Aí sua mãe separou-se desse marido português e casou-se com o seu pai?

José – Foi, foi. É só eu, sou o caçula, filho único.

Pesquisadora – Seus irmãos são bem mais velhos que você?

José – São, são mais velhos. O João tem uma diferença de 9 anos. Eu tenho 62, ele tem 71, 71, né? Pedro tem uns 67 e a Vanda uns 66.

Em outro trecho, a história continua:

José – Meu pai era farmacêutico e a minha mãe era costureira, que aprendeu com a mãe dela. Ela [a mãe] tinha muitos irmãos e irmãs, né? Uma família muito grande e, a minha mãe era costureira. Minha mãe costurava e ajudava minha vó criar os outros filhos, da minha vó. Ela morou em Catalão muito tempo. Minha mãe era muito habilidosa... ela tinha... ela fazia de tudo.

[Anastácia balança a cabeça, concordando].

Pesquisadora – A dona Anastácia tá concordando.

José – Fazia de tudo. Se pensar em sapato, bolsa, costura, em bordado, em culinária e ela tinha uma habilidade, né? Fazia cortina, cortina de crochê, ela fazia de tudo em bolsas de artesanatos, coisas feitas na palha então ela tinha uma habilidade muito grande, né? E muito inteligente, minha mãe era muito inteligente e ela tinha uma memória, se conversasse com ela, ela dá de dez a zero em mim.

José conta que sua mãe casou-se pela primeira vez aos 13 anos, e que para poder se casar teve que mentir que tinha 16 anos. Quando sua mãe casou-se com o seu pai, tinha três filhos jovens. Sua mãe era bem mais nova que seu pai. A diferença de idade e por ela já ter sido casada e ter filhos gerou protesto na família de seu pai.

José – Minha mãe sofreu um pouco de resistência porque ela já tinha filho aquele negócio todo, discriminação, na época. Então isso aí afetou muito assim minha mãe, meus irmãos... Os irmãos do meu pai foram contra o casamento. Todos foram contra, não aceitava de jeito nenhum de forma alguma.

Anastácia – Nunca tiveram um contato bom com a família dele.

José – Não, mas depois melhorou... Mas depois houve aquele contato assim, mas nunca queria que minha mãe... acha que meu pai merecia outra pessoa, entendeu? Meu pai ajudava os outros né? Ajudava até os filhos do meu tio que estudava fora, formou-se, né?

O pai de José tinha uma farmácia no interior de Goiás, era farmacêutico prático e político. Segundo José, por ocasião de uma disputa política, ele candidatou-se pelo Partido Comunista contra um coronel, que era seu compadre. Nessa época, algumas pessoas que apoiavam seu pai foram a um comício do adversário e mataram um ilustre político da época. Logo em seguida, houve a eleição, conforme relata José:

José – E então o que aconteceu? Houve eleição, e meu pai perdeu. Nessa época o exercito ocupou a cidade por causa do ocorrido. Meu pai sofreu muita pressão e nós tivemos que mudar de lá. Aí nós mudamos de lá para Anápolis. Aí eu comecei a estudar lá, me matricularam no Couto Magalhães [colégio], aquele negócio. Por causa da pressão

tivemos que mudar (...). Meu pai vendeu a farmácia. Comprou umas terras em Uruaçu, pra ir lá era tudo estrada de chão. (...) Meus irmãos ajudou demais o meu pai! E no final estavam todos juntos. Minha irmã mais velha ajudou demais, todos ajudaram demais. Minha irmã mais velha ajudou a me criar... o João e todos... Meu pai depois distribui com eles as coisa, é, sabe?

Nesse momento José conta que seu pai distribuiu os bens que ele possuía igualmente entre os seus irmãos. No momento em que o pai de José morreu, não foi necessário fazer inventário. José afirma que para o seu pai todos eram considerados filhos. José orgulha-se do comportamento do pai que realmente praticou a filosofia comunista durante a vida.

José lembra-se que o pai era muito carinhoso, que o pegava no colo, além de levá-lo em pescarias e para caçar. Recorda-se que, com freqüência, sua mãe era incluída nas pescarias e caçadas do pai. Acrescenta alguns aspectos sobre o pai e a mãe:

José – Meu pai era uma pessoa muito inteligente. Lia muito. Gostava de lê muito. Escrevia muito bem. Lá onde morávamos não tinha juiz, na época. Então, ele foi nomeado juiz. Foi tantas vezes juiz. Foi representante do Banco do Brasil. Na época lá, ele foi secretário do prefeito e tudo. Então, ele teve uma ocupação, uma ação, uma vida política. Ele era uma pessoa, assim, querida. Já minha mãe! Minha mãe era uma pessoa muito boa. Gostava de fazer caridade. Era uma pessoa que ajudava demais meu pai, né?

O casal rememora a morte do pai de José e fatos importantes da vida dele:

José – Meu pai morreu. Não sei... meu pai morreu quando eu estava em Moscou, quando eu estudava em Kiev. Eu estudei em Kiev, em Kiev.

Anastácia – Em 68.

José – Em 68, ele morreu, e era um período que eu estava sendo condenado aqui. Eu fui condenado em 67. Eu não podia voltar de jeito nenhum, não tinha condições de ir para lá. Então é, meu pai era assim, politicamente ele tinha uma tendência de esquerda. Ele apoiava o Partido Comunista, aquele negócio todo... na época de Getúlio. Meu pai participou do movimento de 30.

Pesquisadora – Ele então entendia o que você estava passando, né?

José – Ele nunca me condenou, não. Inclusive ele chegou a me visitar preso aqui em 64. Eu tava preso, ele me visitou, no Natal ele levou coisas lá pra mim, uma porção de coisas que a minha mãe havia preparado, uma cesta, né? E não me encontrou, ficou apavorado, por que chegou lá e não me encontrou. Já tinham me transferido para Brasília, para o BGP – o Batalhão de Guarda Presidencial – isso em 64, e só fui sair em 65 com o *habeas corpus*. Ele tinha um problema de saúde muito grave, assim. Ele tinha um problema de estômago, então ele tinha...

Pesquisadora – Ele tinha o quê?

José – Ele acha... ele achava que era câncer que ele tinha.

Anastácia – Era câncer!

José – Era câncer.

No decorrer de sua vida escolar José sempre foi atuante no movimento estudantil. No interior de Goiás foi presidente da União Goiana dos Estudantes Secundarista (UGES). Em 1967, participou da invasão do quartel em Anápolis, para defender o governo Mauro Borges. Foi preso

e torturado em decorrência da invasão. Depois disso, fugiu do país, passou por Paris e chegou à Rússia. Em suas palavras, “A Rússia me recebeu de braços abertos”.

4.1.3 A história do encontro e do casamento de Anastácia e José

Durante a primeira entrevista, Anastácia pediu à pesquisadora que lhe apontasse um caminho para que pudessem começar a entrevista. A pesquisadora diz o que se segue:

Pesquisadora – A senhora acha mais fácil se eu perguntar? [Ela sacode a cabeça que sim]. É mais difícil mesmo no início. Podemos ver o que vocês gostariam de falar a respeito da história de vocês. Como se conheceram? O que vocês acharem importante na história de vocês, para que possamos conversar. Se vocês têm vontade de conversar sobre fatos passados, ou sobre o que vocês vivem hoje. Os reflexos dessa história no que vocês vivem hoje. Eu imagino quanta história tem! Não é verdade dona Anastácia? [Todos riem].

Assim, o casal e a pesquisadora dialogam:

Anastácia – Como nós nos conhecemos?

Pesquisadora – Ah! Como a senhora o conheceu?

Anastácia – Nós nos conhecemos no Mar Negro.

Pesquisadora – Ah!

Anastácia – Eu estava descansando. (...) Eu estava na dança.

Pesquisadora – Ah! Na dança. Vocês se encontraram na dança!

Anastácia – Depois dançamos um pouco. Ele morava em Kiev, e eu morava em Moscou.

Pesquisadora – Ele já falava russo?

Anastácia – Ele falava mais ou menos. Ele morava em Kiev e eu morava em Moscou.

José – Kiev é outra república. É ucraniana... onde é... é eslavo também, né? Eu morava lá, e ela morava em Moscou. Acontece que eu tava fazendo a preparatória para entrar no instituto⁶. Na preparatória se aprende o russo. E eu aprendi... Comecei a estudar as matérias básicas né? Matemática, Física, Química, né? E eu tinha terminado a preparatória. Ai eu fui para descansar no Mar Negro. Isso é no sul. O Mar Negro já quase na fronteira, por que o Mar Negro banha também a Turquia, o Irã, aquele negócio todo ali. Lá é cheio de casa de descanso. Eles falam por lá casa de descanso. Seria assim tipo um... eles falam lá tipo um sanatório, né? Aqui sanatório é outra coisa. Lá é um lugar mesmo pra descansar... de férias.

Pesquisadora – A senhora estava também descansando?

José – Ela estava descansando lá. E eu ia sempre nos bares, esse negócio todo. Porque lá tinha vários locais pra ir e tudo. Na época muita influência do tango, música... eles gostam muito de música clássica... bolero essas coisas todas, né? Então a gente ia para aqueles locais dançar. É bem diferente aqui do Brasil, eu estou abrindo um parênteses, é bem diferente do Brasil porque lá as mulheres chamam os homens para dançar. Então você chama as pessoas. Quer dizer, não é só o homem que chama... Aí eu estava lá dançando, mas não tinha nem visto a Anastácia não. Ai tinha umas outras lá, de Moscou também. Dancei com ela, dancei outras lá.

⁶ Instituto, na Rússia, corresponde à universidade, no Brasil.

Pesquisadora – Ela tá que ri [refere-se à Anastácia].

José – Depois aí que eu fui encontrar com ela, tudo, assim. Mas eu não estava nem pensando nisso, foi coisa que aconteceu... Foi muito rápido, porque eu estava em Kiev e eu queria ir para Moscou. Eu estava fazendo o técnico. Eu não queria fazer técnico. Saí do Brasil, vou fazer técnico! A gente é um pouquinho assim..., né? Quero fazer um curso superior não quero fazer técnico. Então eu fui para Moscou tentar que eu não tinha passado, minhas notas não foram boas, porque eu não tinha passado. Então eu fui para Moscou tentar de novo um curso para eu entrar para o instituto. Eu fiz um curso, eu fiz os exames, mas, eu não saía bem nos exames. Aí eles me colocaram no instituto com dependência, se eu me saísse bem nas provas eu poderia continuar... Mas aí no caso, tô contando o problema que é para situar você um pouquinho. Foi muito rápido, porque eu estava em Kiev, e a Anastácia morando em Moscou. Nós ficamos quantos dias no Mar Negro?

[Anastácia mostra com as mãos o número vinte].

José – Vinte dias, nós ficamos vinte dias. Eu com você assim ficamos quantos dias? Não ficamos vinte dias? Uns quinze por aí, mas aí ela foi para Moscou e nos comunicamos. Ela ligava para mim, eu ligava para ela. Ela acostumava escrever carta. Aqui no Brasil, a gente não usa muito, né? Ela escrevia carta pra mim, eu escrevia para ela. E ela veio, uma vez foi em Kiev.

[Anastácia começa a falar].

Pesquisadora – Ela está lembrando de alguma coisa!

Anastácia – Você foi para Moscou.

José – Eu fui para Moscou. É bom você ir falando porque às vezes eu num... Bom, aí eu viajei para Moscou. Fiquei na... na... Fui conhecer a mãe dela tudo.

Pesquisadora – Vocês já estavam namorando?

José – Já! Já estava namorando! E... eu fui para Moscou e depois eu voltei, né? Não podia ficar muito tempo. Voltei para Kiev, mais ou menos uma distância de 600 km. Eu ia de trem, às vezes eu ia de avião, pra Kiev. Ai você teve lá. No aniversário de quê?

[Anastácia falou algo que não foi compreendido].

José – Aniversário mexicano... Ela teve lá e tudo. Não parece que... não estou falando certo não. Você foi lá só depois que a gente tinha casado. Você não foi antes, não?

Anastácia – Não.

José – Fui muito rápido, eu não lembro bem, mas foi muito rápido. O casamento foi muito rápido.

Pesquisadora – Vocês namoraram e casaram em quanto tempo?

[Anastácia mostra quatro, com a mão].

Pesquisadora – Foi em quatro meses? O casamento foi em quatro meses?

José – Será que foi isso, em quatro meses, não foi menos? Dá a impressão que foi menos! Sei que foi muito rápido. Casei muito rápido... Então foi muito rápido, então casou. Mas eu fiquei só uns dias lá em Moscou, por que eu estava estudando lá em Kiev. Não tinha saído de lá, eu estava fazendo o técnico.

Pesquisadora – E por que vocês resolveram casar rápido? Que foi dando vontade de casar?

José – A vontade, pode ser também por que eu estava distante de casa. Pode ser também problema... falta de... não sei. Pode ser carência. O que poderia ser mais? Não sei. Podia ser uma porção de coisa, né? Foi muito rápido, né? Não sei.

Pesquisadora – E a senhora, dona Anastácia, o que a motivou a casar?

Anastácia – Gostei dele!

Pesquisadora – Gostou dele e ai casou logo!

José – Eu também gostei e tudo, né? Pode ser que forçou mais à distância, aquele negócio todo.

O diálogo prossegue, abordando aspectos relativos ao namoro e ao casamento. O casal conta que quando se casaram José estava como 26 anos, e Anastácia, com 27, e que ela estava terminando o curso no instituto.

Em meio ao relato acerca do casamento surge um diálogo em que José discorre a respeito de como se sentiu ao chegar na Rússia e da rejeição do casamento do casal, por parte da família de Anastácia.

José – É eu era... toda vida gostei muito da Rússia, da China. Eu aproximava muito por causa da política. Então eu vivia muito e até hoje eu tenho muito... assim amor, aquele negócio todo pela... principalmente na época, pela política e tudo, né? Então eu sentia lá como se fosse minha pátria. Eu fui bem, acolhido. Eu sentia como se eu fosse um cidadão russo, eu sentia muito bem lá. Então isso parece que... tinha muito amor.

Pesquisadora – Isso ajudou na escolha do casamento?

José – Parece que isso aí contribui. Essa diferença eu não sentia. Muito embora eu sei que as diferenças eram grandes. A diferença de língua, da cultura... as coisas assim bem distância... bem assim... se comparada a nossa aqui. Mas muita coisa assim da nossa alma é muito parecida com a alma russa.

Pesquisadora – Tem alguma coisa em comum?

José – Tem alguma coisa em comum. O russo tem muita coisa assim do mineiro. É aqueles negócio... e é muito amigo. Você faz alguma coisa para ele, e ele quer contribuir com alguma coisa para você. Ele sempre retribui. Não sei, pode ser que mudou agora, né? Uma coisa interessante é que isso me agradava muito. Acho que esse tipo de coisa favoreceu muito.

Pesquisadora – E a dona Anastácia, como é que foi que a senhora quis se casar com um brasileiro?

Anastácia – Minha família foi contra.

José – É que toda a família foi contra... Deixa eu só falar um negócio. Eu brasileiro, vindo de um país capitalista. Ela sair de um país socialista, com outros costumes, com outras coisas, casando com uma pessoa que ela ia ter problemas, uma porção de coisa. Mais ou menos isso que você queria falar.

Anastácia – É isso, a minha família. Minha mãe não era tão contra. (...) Eu não tinha pai. Minha mãe era divorciada. (...) Ela divorciou depois da guerra. (...) Eu era filha única.

Pesquisadora – A sua família era contra, e que a senhora fez?

Anastácia – Eu casei. (...) É que eu amo ele. Aí casamos e moramos lá oito anos.

Pesquisadora – Como que a senhora se sentia de tomar essa decisão? De casar com brasileiro de cultura diferente e que a família toda falava que podia não dar certo. O que a senhora sentia na época?

Anastácia – Sentia feliz!

Na última entrevista, José recorda-se da rejeição da família dela:

José – Ela tinha uma tia, casada com um diretor de teatro. Ele gostava muito de mim, né? Já o outro, tinha um pé atrás assim. Ele era do departamento de geologia, ele era o funcionário do governo. Ele tinha um certo receio de mim. Até quando nós viemos pro Brasil, ele falou assim – “Oh, você cuida bem da minha filha”. Ele chama ela de filha. – “Você cuida bem da minha filha”. Quer dizer, recomendando, né? Já o outro não dizia nada disso, né?

Antes de conversarem a respeito da cerimônia de casamento, o casal ressaltou alguns valores russos da época.

Anastácia – Casamento lá é diferente, essas coisas dos bens não têm influência nenhuma.

José – Na época, não tinha. Isso não contava. Isso é interessante o que ela está falando... Ela não tinha essa preocupação com bens. Aqui no Brasil é diferente. Lá não tem nada disso, todo mundo é na mesma posição. Todo mundo é trabalhador. Todo mundo almejava na época, vamos supor, você forma, e deseja continuar o curso, fazer mestrado,

fazer doutorado. A pessoa tinha essa tendência de quer subir desse jeito... Por exemplo, numa fábrica tinha os cursos para subir. Era diferente. Hoje lá, já houve uma mudança nesse sentido. Não sei como é que está lá agora.

Anastácia – Lá não olhava se tinha bens ou não.

Pesquisadora – Olhava mais o sentimento?

José – Olhava o sentimento.

Pesquisadora – Por isso, que a senhora ficou feliz desse tanto. A sua família é que se preocupava com a diferença.

Anastácia – Isso por que na época existia a guerra fria.

José – Na época, existia a guerra fria. Isso a gente percebeu muito, pode ser que no Brasil você não percebe a guerra fria do capitalismo contra o comunismo. Era uma pressão muito forte. Existia rádio, existia um movimento, coisa contra a Rússia. Os estudantes que estudavam lá, a gente percebia isso. Olham a gente com uma certa reserva. (...) Tinham pessoas que aprontavam demais na União Soviética. Eu quando fui para lá, eu não estudei junto com os estrangeiros na Universidade dos Povos. Eu estudei no instituto russo. Eu tinha muito contato com russos. Eu não tinha contato com os estrangeiros. Tinha muito brasileiro, argentino, chileno; de todos os países... Eu fiz a escola do partido, na escola do partido eles não gostavam que tivéssemos muito contato com estrangeiros, por que tinha muito espião. Tinha muita gente que espionava a favor dos Estados Unidos [da América]. Nós vivemos em época lá, de suspeita. Duvidava das pessoas. Era uma coisa muito intensa... A família não me conhecia direito, naquele negócio todo, ficou com o pé atrás. Oh, como é que você vai casar com o fulano.

Pesquisadora – Era um contexto contrário ao casamento de vocês?

José – Era! Não era fácil não. Foi uma barreira. Aos poucos, a família foi percebendo e começou a olhar diferente pra mim.

Em seguida, iniciaram-se os relatos acerca do casamento:

Pesquisadora – O que a senhora foi lembrando? O senhor vai falando, ela lembra e começa a rir. Do que a senhora se lembrou.

Anastácia – Lembrei do casamento.

José – Você queria falar sobre o casamento?

[Anastácia inclina a cabeça para dizer que sim].

Pesquisadora – Como é que foi?

[Anastácia tenta falar algo que só José compreendeu].

José – Você quer que eu fale a respeito desse detalhe do casamento?

[Anastácia faz sinal de afirmativo com a cabeça].

José – Casamento lá naquela época, né? Tinha um palácio do casamento. Então chego no palácio, tem uma mesa em que a conselheira fica, ela faz o papel que o juiz tem no Brasil. Ela vai falar se aceita ou não. Ela perguntava se eu aceitava casar com ela. Eu estava tão transtornado. Tão assim, nervoso. Não sei o que aconteceu. Perguntavam para mim, eu tinha que responder sim. O que que eu falava? Eu falava que era do Brasil. Eu sou do Brasil. Outra vez... Aí o pessoal não agüentou, começaram a rir. Aí a Anastácia me

puxava pelo braço e – “Você tem que falar sim”. No russo era *ta*. No final eu falei, mas foi outra gargalhada, o pessoal riu. Saiu um *ta* meio forçado. Eu estava tenso, muito tenso. Lá eles servem champanhe, na hora assim, né? Tem os convidados. Champanhe, chocolate. É um pouquinho diferente assim, né? E... e... e faz a taça também. Depois da cerimônia, a gente vai para a outra sala, tem uma mesa. A mesa está posta com champanhe e chocolate.

Anastácia – Ele ficou o tempo todo, da cerimônia com a mão fechada, de tão tenso. Eu achei engraçado o jeito que ele estava.

Pesquisadora – Ele estava desse jeito. E como é que a senhora estava?

José – Você estava mais tranqüila, né?

Anastácia – Eu sempre fui mais tranqüila que ele.

José – Ela sempre foi mais tranqüila do que eu. Eu sou muito tenso, eu sou muito é... é... é... tenso mesmo. Não tenho paciência sou impaciente. Quero fazer as coisas rápidas. Quero fazer as coisas assim na hora.

Pesquisadora – Como é vocês foram ajeitando isso, ele mais tenso, a senhora mais tranqüila?

Anastácia – O casamento depende muito da mulher. (...) Casamento é tudo igual, e depende muito da mulher, para fazer durar.

Depois do casamento, José formou-se, e o casal foi morar em Moscou, onde os dois começaram a trabalhar e permaneceram por oito anos. Nesse período, o casal quis ter filhos. O casal relata:

Anastácia – Eu tive duas gravidez.

Pesquisadora – Duas gravidez?

Anastácia – Uma, eu perdi faltando dois meses...

José – Morreu dentro dela, pois deu hemorragia.

Anastácia – Depois eu fiquei com medo.

José – Ela ficou com medo. O que acontece é que nós aí nós queríamos pegar uma criança para criar.

Anastácia – Isso foi depois da segunda gravidez.

José – Você não falou da segunda não eu já estou me adiantado.

Anastácia – Depois, deu um espaço de três anos e eu fiquei grávida de novo. (...) Nós fizemos tratamento, durante muito tempo. (...) Depois, os meus dois filhos foi tudo normal.

José – Nós fizemos uma série de exames para ver o que era. Eu fiz, ela fez. Ai, ela ficou com medo de engravidar de novo.

Pesquisadora – Isso foi muito sofrido? Por que a expressão facial da senhora muda completamente. A senhora lembra com dor disso.

José e Anastácia – Muito, muito! [Os dois falam ao mesmo tempo].

José – Ela ficou muito assim, não só ela como eu fiquei muito aborrecido. Aí, nós fomos na creche para pegar a criança, mas o único empecilho é que ela tinha falado que eu era estrangeiro. Eu não podia pegar a criança por que eu era estrangeiro.

O casal veio para o Brasil em setembro de 1975, com a intenção de morar e trabalhar no país. Eles queriam trabalhar na profissão em que se formaram, porém o diploma de ambos não foi aceito inicialmente. Anastácia só teve o diploma reconhecido, depois de dez anos que estava no Brasil. Como Anastácia tinha uma formação técnica, em seu país, trabalhou durante esse período com um amigo, nessa função técnica, na mesma área de sua graduação. José, por sua vez, trabalhou, em áreas distantes de sua formação, pois seu diploma só foi reconhecido há menos de um ano.

O casal e a pesquisadora dialogam a respeito da chegada deles no Brasil:

José – Nós chegamos, aconteceu uma porção de coisa. Houve o acidente em Brasília, em setembro de 75. Eu estava muito apreensivo, aquele negócio todo, eu vindo da União Soviética. Ela não falava a língua direito.

Anastácia – Não falava nada.

José – Não falava nada. Dia 13 de novembro, eu fui para São Paulo, mais ou menos isso. Eu fui buscar uns livros umas coisas nossas lá, a mudanças nossa. Aí, eu fui preso. Ela já estava grávida.

Pesquisadora – Chegou no Brasil e engravidou?

José – Ela engravidou lá?

Pesquisadora – Vocês estavam tentando?

Anastácia – Não!

José – Não, não esperava não! Ela já estava muito cismada, queria pegar uma criança para criar. Ela passou por uma dificuldade muito grande também, ela não falava a língua. Eu fui preso em novembro de 75 e saí em 77. Em 16 de julho de 76, nosso filho nasceu, e já estava com um ano, quando eu saí. Então ela passou por muita dificuldade. Ela não sabia se ia para Moscou ou se ficava aqui. Ela sofreu muito.

Pesquisadora – É interessante, ao pensar na sua fala onde você falou que foi recebido de braços abertos em Moscou, e eu pensei em como você se sentiu recebida aqui?

Anastásia – Eu pensei em voltar. Eu cheguei aqui sozinha. Se não fosse a família dele, eu teria ido embora. Eles me acolheram.

José – Ela não podia sair sozinha porque ela podia ser presa. O advogado chegou e falou para ela que ela tinha que sair com outra pessoa. Ela podia ser seqüestrada.

Pesquisadora – Na época do acidente, a senhora já estava grávida?

Anastácia – Já!

José – Foi acidente de carro. Houve um afundamento aqui no rosto. (...) Teve que fazer cirurgia de reconstituição.

Pesquisadora – Fez todo esse processo e a senhora já estava grávida, né? Grávida num país estrangeiro. É, é... sem falar a língua, não podia sair.

Anastácia – Eu fui na embaixada da União Soviética em Brasília pedir ajuda.

José – Ela foi na embaixada da União Soviética, em Brasília pedir ajuda.

Anastácia – O embaixador só podia ajudar me mandando embora, comprando a passagem para eu ir. (...) Eu não podia ir embora. Eu tinha que achar ele.

José – Eu tinha dito para ela – “Eu vou para São Paulo e vou te ligar, agora se eu não ligar mais é porque eu fui preso”. E ela percebeu e tinha falado pra minha mãe e pra todo mundo que eu tinha... Eles não acreditaram porque ela estava dizendo. (...) Nem não sei, não conseguia comunicar direito.

Anastácia – Eu falei para a família dele que ele foi preso. Eles não acreditavam não. (...) Eles falavam que porque ele ia procurar serviço.

Pesquisadora – Eu fiquei pensando, o que a senhora sentia quando estava nessa coisa toda assim? Parece que vem até agora assim, né? Só de lembrar, né? O que que a senhora sente?

Anastácia – Muita angústia! Não sabia como agir. Tinha muita dúvida!

Pesquisadora – Ficava na dúvida? Se ia embora, se fica? Mais ou menos assim?

Anastácia – Fui procurar o irmão dele, ele achou que eu tinha que ficar aqui procurando por ele.

Pesquisadora – Então o que fez você ficar foi a família dele acolher, porque era muita angústia?

Anastácia – Eu fiquei também porque eu estava grávida.

Anastácia conta que o marido quando foi preso, não sabia que ela estava grávida. José, durante algum tempo, não aceitou a gravidez e nem Rafael, como seu filho. Esse episódio pode ser observado no fragmento que se segue:

José – Eu estava em Brasília, eles tinham feito uma lavagem cerebral em mim, e eu não estava reconhecendo ninguém. Eu tinha que assinar um documento lá, eu não sei. E aí tava a Anastácia e meu irmão, lá. Aí ela falou para mim, que ela estava grávida, mas eu não tava acreditando não. (...) Eu pensava que ela tinha colocado um travesseiro, uma coisa assim. Eu não acreditava. Eu não sei porque que eu não acreditava. Eu pensava que tinha colocado alguma coisa. (...) Ela me visitava na prisão, aqui no Cepaigo [Centro Penitenciário Agro-industrial de Goiás]. Eu não estava aqui. Porque depois eu fui transferido aqui para o Cepaigo. Eu fiquei junto aqui com os outros presos políticos. (...) Eu estava no Cepaigo quando você deu a luz? (...) Minha memória não tá boa. Eu só lembro de uma coisa, quando eu saí do Cepaigo o Rafael já estava com um ano, um ano e um dia, eu saí no dia 17 de junho, e ele fez um ano no dia 16. Sai em 77. Ele nasceu em 76. Eu fui preso em 75.

Pesquisadora – Esse período todo a senhora ficou sozinha, assim sem a companhia dele. Estava com a família dele?

Anastácia – Andava com um dicionário pra aprender a falar. Eu assistia televisão que ajudava. Eu aprendi falar português rápido. (...) Os filhos do Pedro [irmão de José] me ajudaram muito conversando em português comigo.

Pesquisadora – Eles que conversavam com você para ajudar a aprender a língua? A família ajudou muito, né?

Anastácia – Tudo era muito diferente a comida, os costumes. (...) Era muito difícil.

José – Foi um choque para ela.

Anastácia – Como eu não falava, eu olhava na expressão das pessoas. Tentava entender o que eles falavam.

Anastácia emociona-se muito ao contar a respeito do nascimento do filho e fica com a roupa molhada de suor.

Anastácia – Ficou melhor quando o Rafael nasceu. (...) Foi um alívio. (...) Eu conversava com ele. (...) Eu morava com o Pedro. Eu ficava em um quarto pequeno, que tinha uma cama para o Rafael, a minha cama e um guarda roupa pequeno.

Pesquisadora – Vocês moravam nesse quarto. Ali era o mundo de vocês?

Anastácia – Era!

Pesquisadora – O que a senhora sente ao lembrar disso?

Anastácia – Muita tristeza.

Pesquisadora – Muita tristeza, dessa época. Vem vontade de chorar? Foi uma época difícil, né?

[Ela segura o choro].

Anastácia – Já passou!

Nesse momento, Anastácia fala algo que a pesquisadora não entende, mesmo após ter pedido que ela repetisse. José havia ausentado por alguns minutos e, ao retornar, tenta entender,

em vão. Logo em seguida, a pesquisadora faz a uma pergunta a Anastácia, e a conversa prossegue:

Pesquisadora – Sabe o que eu pensei agora nós duas conversando, tinha hora que eu entendia tinha hora que eu não entendia. Eu fiquei pensando que a senhora revive essa história um pouco hoje, de não ser entendida. Faz sentido isso que eu estou falando?

[Anastácia sacode a cabeça, para dizer que sim].

Pesquisadora – É bem parecido?

[Ela repete o gesto, que sim].

Anastácia – Foi muito difícil essa etapa. O irmão dele arrumou um advogado, porque eu não sabia dele. (...) É não sabia se eu estava vivo ou morto. Foi desaparecido em São Paulo e aí o advogado...

José – Ela passou por um período muito difícil. Muito difícil! Muito difícil! (...) Que eu estava praticamente... como eu lhe falei, em São Paulo, passei por tortura física e, em Brasília, tortura psicológica, esta foi a pior. Física você sente. Você sente a dor e tudo, ainda tá consciente; na psicológica, você fica inconsciente. É igual esses testes que faz em laboratório com ratos, depois você tem que matar o rato porque ele fica doido mesmo. Eu tive uma sorte muito grande quando eu consegui sair de Brasília e me trouxeram aqui pra Cepaigo, tinha um médico psiquiatra, que me auxiliou. Ele estava preso lá.

Pesquisadora – Você foi tratado!

José – Fui, por que se não... Eu demorei muito tempo. Tenho conseqüências até hoje. Tema às vezes... filmes coisas assim que eu não posso assistir.

Pesquisadora – Eu fiquei pensando os dois foram torturados na mesma época, de forma diferente. A senhora também se sentia torturada? É... A falta de notícia. Foi assim dona Anastácia?

[Anastácia sacode a cabeça, positivamente].

José – Ela ficava muito aborrecida. Depois ela falava pra mim que ia me visitar no Cepaigo, eu não tava bom ainda. E, ela levava o Rafael... é, no início você estava grávida, né? Depois que você deu à luz. Ia com a criança lá. Eu parece que eu não aceitava. Eu não acreditava que ela tinha... né? Minha cabeça tava assim... Eu ouvia vozes. Eu via coisas, alucinava!

Pesquisadora – Quer falar? [Volta-se para Anastácia]

José – Fala! Eu tô admirando que você está falando. Tá conversando.

Pesquisadora – Tem muita coisa que vocês estão falando agora que às vezes nem foi falado, né?

José – É, eu sou muito assim, não gosto de falar de mim, sabe! Toda vida eu não gostei de ficar falando de coisa assim! Ela é mais fácil. Toda vida ela falou mais e está voltando a falar agora.

José, em outra entrevista, recorda-se que toda vez que o filho Rafael ia visitá-lo no Cepaigo, ele tinha febre, pois é asmático, e a poeira do local fazia muito mal para ele.

Anastácia relata que a filha do casal nasceu logo após a saída do marido da prisão – “Eu engravidei logo depois que o José saiu da prisão”. Anastácia assinala que teve os dois filhos com cesariana e que foram partos complicados. Ela considera que durante a gravidez da filha se sentiu

menos sozinha, pois o marido acompanhou todo processo, e estava no hospital, quando a filha nasceu.

Na seqüência, o casal conversa sobre eventos importante que viveram juntos.

José – Ela quer que eu comece... Ela não tinha o diploma reconhecido. É então, ela trabalhava, insistia em trabalhar. Ela trabalhava até porque não podia trabalhar na profissão, trabalhava como assistente⁷. É, porque não podia e insistia tudo, né? Ela chegou depois a fazer mestrado. Ela falava tudo direitinho, mas depois que houve um problema que ela foi para Moscou. Eu tô falando rápido assim, depois ela pode retomar. Ela foi para Moscou fazer um curso lá. Ficou quase um ano lá, e eu fiquei aqui com os meninos. Ela queria que os meninos fossem também... Ela foi para Moscou. Ela ligou pra mim – “Oh! E os meninos! (...) Eu comprei roupas pra eles e tudo, roupas de frio...”. Eu fui na embaixada... na embaixada da União Soviética e lá eles falaram não... eles só poderiam ir acompanhados e ela ficou apavorada. Ela foi para Moscou, pensou que eu tava segurando os filhos aqui pra não ir e foi nesse período que ela teve problema na voz. Teve problema... é ela começou... eu lembro bem que eu não entendia ela por telefone, de jeito nenhum. Não sei se era nervosia o que ela falava e... e ficara muito impressionada, achava que não ia voltar mais e achava que eu ia segurar os meninos, não sei porque ela pensou desse jeito.

Pesquisadora – E como é que vocês resolveram isso? Por que fica uma situação muito difícil, né?

José – Ela ficou assim toda apavorada, né? E ficou um ano. Ela fez uma especialização, né? Então ela ficou lá e tudo, e depois retornou.

⁷ Foram substituídos o nome da profissão e da profissão técnica em que ela trabalhou.

O casal conversa a respeito do período em que Anastácia teve câncer.

José – Não é fácil. Ela sofreu muito, foi um baque muito grande. Aí, ela fez todos os exames aqui, depois nós fomos pra São Paulo, em São Paulo, foi fazer as aplicações de... de rádio terapia e quimioterapia. Ela foi fazer tudo isso em São Paulo.

Anastácia – Os primeiros cinco anos fiquei esperando que pudesse voltar.

José – Ela fava constantemente que não ia durar muito, não sei o que lá.

Pesquisadora – A senhora tinha a sensação que não ia durar, ia durar só cinco anos?

Anastácia – Depois de cinco anos, eu melhorei um pouquinho. Porque cinco anos tem quadro que volta. Quando volta, é mais difícil de curar. Depois que aconteceu isso, passaram vinte anos.

José – Ultimamente, ela tá passando por um período muito difícil que ela gosta de trabalhar, gosta da sua profissão, e ela gostaria de continuar os estudos. Ela fez mestrado, queria continuar mais, mas aí teve o problema da voz. Tudo isso aí começa a dar problema. E foi o problema que você teve um AVC [acidente vascular cerebral], né? Eu não sei muito bem o que aconteceu, porque você estava em Moscou, Não foi isso? Foi o choque que você teve em Moscou, quando as crianças não foram.

Pesquisadora – Ah! O AVC não foi agora, não?

José – Eu acho que houve vários. Eu não entendo, porque eu não sou médico. Não sei, eu só sei que foi piorando cada vez mais. Você não tinha problema na perna. Hoje, você tem problema na perna.

Anastácia – Na perna, foi depois da cirurgia.

Pesquisadora – Mas o braço não é do AVC, né?

Anastácia – Não, foi de erro médico.

José – Erro médico. Ela dava muita assistência pra mãe, e é filha única. Às vezes, até carregava a mãe, né? E, às vezes, eu não estava aqui qualquer coisa.

Pesquisadora – A sua mãe morava aqui? [referindo-se a mãe de Anastácia]

José – Morava aqui.

Pesquisadora – Ah! Vocês a trouxeram para cá!

José – É mais ela era muito assim... assim é... gostava demais da sua pátria, da sua terra. Falava a língua... não aprendeu português. Viveu muito tempo aqui, mas ela ia, igual turista, ia lá e voltava. Tinha um apartamento, ultimamente ficou mais tempo aqui. Ficou uns três quatro anos aqui. Mais? Ficou quantos anos?

Anastácia – Oito.

José – Mais ela veio aqui várias vezes e ficava seis meses, um ano, né? E voltava. Eu ia levar ela sempre no Rio pra ela pegar o avião, aquele negócio todo. Ela tinha muito amor com a filha, então ela vinha, mas tinha muito amor com a pátria, os costumes de lá, então ela ficava dividida.

[Os olhos de Anastácia entristecem-se].

Pesquisadora – Do que a senhora lembrou?

Anastácia – Eu lembrei da minha mãe.

Pesquisadora – O que a senhora sente quando lembra?

José – Fala! Fala, minha filha!

[Anastácia segura o choro].

Anastácia – Vou contar depois.

Pesquisadora – A senhora vai ficar bem assim?

[Anastácia sai da sala, suas costas estão molhadas de suor].

José – Ela vai falar. Ela fica, coitada, toda transpirando. (...) É a barra foi muito difícil pra ela, foi muito, ela sofreu muito.

Pesquisadora – A mãe dela ainda é viva?

José – A mãe dela, a mãe dela... pode até ser isso que ela queria falar, que a mãe dela passou mal, a mãe era muito forte, e a mãe praticamente morreu assim muito rápido, conversando com a gente e tudo.

Pesquisadora – Aqui?

José – É, ela caiu, bateu a cabeça. Nós ficamos assim... assim... apavorados, levamos ela pro hospital... no Santa Rosa, então chegando lá, eles fizeram aplicação nela tudo. Fizeram tratamento, aplicou injeção. E ela melhorou. Ela melhorou, mas a Anastácia ficou com um certo receio, queria trazer ela pra cá e dar assistência pra ela aqui, mas é difícil trazer balão de oxigênio, essas coisas tudo. Eles não tinham o balão pequeno, só o grande. Com o maior sacrifício, pus tudo dentro do carro e trouxe pra cá e tudo, e a gente morava naquela casa. Tinha um barracão aqui no fundo, onde ela morava. Aqui do lado, aqui onde eu construí isso. Aqui tinha um barracão até bonzinho. Ela até gostava, daí, do barracão. Aí a Anastácia pegou ela e pôs ela pra dormir lá na cama do Rafael. Ela vinha conversando com a gente batendo papo. Ela gostava de falar as coisas, ria, brincava. Ela veio tudo direitinho. Ela deitou, deitou e encolheu. Aí, eu não entendo muito e falei – “Sua mãe tá descansando que ela tava conversando, né? Ela tá descansando, ela quer descansar”. Aí a Anastácia falou – “Não, ela tá morrendo. Ela tá morrendo”. Ela já tinha morrido. Tava morrendo. Morreu igual a um passarinho.

[Anastácia, volta para a sala, no decorrer do relato de José].

José – Ela devia ter mais de 80, uns 84, 85 ou mais um pouco. Parece que ela nasceu em 1917. Sua mãe nasceu em 1917?

[Anastácia acena com a cabeça que sim].

Pesquisadora – A senhora sente muita saudade ainda?

Anastácia – Sinto muita falta dela.

José – A mãe adorava ela. A mãe dela era muito carinhosa com ela. Beijava ela toda hora.

Posteriormente o casal começa a conversar sobre a morte da mãe de José, que ocorrera havia quatro anos.

José – Faz quatro anos que minha mãe morreu... Ela morava aqui em Goiânia, no Setor Nova Suíça. Todo mundo queria que ela morasse com a gente tudo. Ela morava sozinha. Ela parecia uma moça, jovem, uma pessoa jovem. O apartamento, quando ela morreu, você pensa que tinha alguma coisa, assim, antiga? Ela nunca aceitava as coisas, ela nunca guardava o negócio. Ela queria sempre novo...

Anastácia – Era muito vaidosa.

À medida que o casal se lembrava da mãe de José, foram expressando alegria. Explicaram que se lembrar dela é bom, porque ela era muito divertida. De acordo com o casal, a mãe de José era muito carinhosa com os netos, sobretudo com o Rafael.

Ao adentrar a questão da expressão de carinho, o casal começa a tecer considerações acerca da forma como se relacionam entre si e com os filhos, e as reclamações que eles fazem quanto aos carinhos não-recebidos.

José – Eu nunca fui de abraçar, de beijar; mesmo quando a gente tava namorando eu nunca fui assim, de ficar agarrando. É o que a gente na juventude, eu acho bonito, que isso é o correto. Expressando o amor, aquela coisa mesmo da juventude. Não só da juventude, mas do geral das pessoas quando se amam. É... acho que é natural, mas toda vida... pode ser pelas coisas que eu já passei, não sei, que me tornou uma pessoa assim, mais assim... Eu acho que eu sou um pouco seco... assim... assim... talvez meio sem educação, seco, assim meio... Os meus filhos quando começa a me abraçar – “Chega pra lá”.

[Anastácia concorda, balançando a cabeça, e todos riem].

Pesquisadora – E você, como você é? [volta-se para Anastácia].

[Anastácia fala algo que a pesquisadora não entende].

José – Ela também não gosta, é um pouquinho assim também.

Anastácia – Eu carinho mais o Rafael.

Pesquisadora – O Rafael?

José – É ele é muito carente. É, ele reclama de mim... reclama de mim... porque eu não sou... às vezes, ele até fala – “Você não é meu pai. Meu pai e minha mãe é a Anastácia, é isso, é aquilo. Você nunca me carinhosou, nunca fez isso, nunca fez aquilo”. A Lia também reclama que eu não sou carinhoso, né?

Anastácia – É.

Pesquisadora – Agora você é mais carinhosa com o Rafael?

Anastácia – É, com a Lia também.

José – A Lia senta aqui, deita no colo dela. O Rafael também faz isso e ela passa a mão na cabeça é coisa que eu não faço.

[Anastácia sorri].

José, ao falar de seu relacionamento com o filho, revela as dificuldades que tiveram desde que Rafael era criança. Ele diz ter sido muito violento com o filho, que foi muito protegido e acarinhado pelas duas avós. Anastácia sentia muita raiva do marido por tratar mal o filho deles, porém não expressava. Durante a adolescência, ele dava carros para o filho, que os destruía.

Rafael prestou exame vestibular, em vários lugares e chegou a estudar fora do país, uma vez que pretendia seguir a carreira da mãe e da avó e não conseguia ingressar na universidade. Por fim, Rafael acabou graduando-se em outro curso, em uma faculdade particular de Goiânia.

A relação de José com Rafael atualmente é boa. Segundo José, Rafael fala para Lia que o pai é bom, porém nunca disse isso diretamente para o pai.

Lia também se graduou e fez curso de especialização, o que é relatado pelo casal com orgulho, pois José e Anastácia valorizam o estudo. A formação dos filhos alivia o casal, pois temiam não darem conta, em termos financeiros, de os filhos chegarem até onde o fizeram. Atualmente, ambos trabalham na profissão para o qual se formaram.

A questão profissional, sempre foi algo muito difícil na vida do casal. Anastácia teve o diploma reconhecido dez anos depois de chegar ao Brasil, e José, há cerca de um ano. Ele desistiu de trabalhar na área.

Anastácia, depois do reconhecimento do diploma, foi contratada para trabalhar na sua área, em uma empresa privada e também como funcionária pública. Por ter passado por muitos problemas de saúde, acrescida a sua dificuldade de comunicação em decorrência do problema nas cordas vocais, e como ela trabalhava com o público, ela foi demitida da empresa privada. A demissão foi recebida pelo casal com muito sofrimento. José logo procurou solucionar o problema, organizando um local onde a mulher pudesse trabalhar. Anastácia trabalha no local providenciado pelo marido e continuou no serviço público por mais algum tempo.

Anastácia conta que se sentia muito bem trabalhando no serviço público, pois assim podia reviver um pouco a experiência de prestar serviços sem cobrar como na Rússia. Essa experiência fazia-lhe muito bem.

Depois do processo de demissão, ela acabou também saindo do serviço público e ficou um ano sem trabalhar. Nesse período, procurou recuperar de mais um AVC. Após a recuperação, retornou ao trabalho, no local que o marido providenciara para ela anteriormente.

O retorno de Anastácia ao trabalho foi contestado pelo marido e pelos filhos, mas o protesto foi ignorado por Anastácia. Ela demonstrava, durante as entrevistas, uma disposição para trabalhar, e os olhos dela brilhavam ao falar de trabalho. No trecho seguinte, ocorre um diálogo em que é enfocada a importância do trabalho em sua vida.

Anastácia – Porque se eu parar de trabalhar eu vou morrer.

José – Não... é porque, parar de trabalhar vai morrer... É... morrer todo mundo vai, minha filha. O fim nosso é esse, ninguém vai mudar não.

Pesquisadora – É o que mantém a senhora viva, bastante viva.

Anastácia – É.

Pesquisadora – Parece que o que a senhora teme vai além da morte física. É a morte como pessoa, não é?

Anastácia – É.

O intervalo entre a terceira e a quarta entrevista foi de quase três meses, pois Anastácia passou por um procedimento médico, visando a melhoria nos movimentos de seu braço. No

entanto, foi vítima de um erro mais um erro médico. Ela teve o pulmão perfurado e permaneceu por vários dias na UTI [unidade de terapia intensiva]. Ao recuperar-se dessa ocorrência, retomou rapidamente seu trabalho, apesar do protesto do marido, que não queria que ela retornasse.

Durante a entrevista, ao conversar, o casal chegou à conclusão de que Anastácia não desistira de trabalhar, por ser completamente apaixonada pela profissão. Por outro lado, José relatou os fatos políticos que o afetam no momento atual e revelou que mesmo com as torturas que sofrera, acompanha a política e continua tendo o mesmo posicionamento de esquerda que sempre teve – essa é a sua paixão.

Por fim, na última entrevista, o casal constatou que viveram os últimos anos muito voltados para os filhos. Atualmente, os filhos estão namorando e, então o casal também voltou a namorar.

José – Muito embora, o relacionamento nosso assim, é... sexual, assim, não seja... que eu já tenho problema... [impotência sexual].

Pesquisadora – E como é que vocês foram se reorganizando, com essa mudança na questão da sexualidade de vocês?

José – É uma coisa interessante, acho que pra nós não fez... pra mim não fez falta, não. É, impressionante falar uma coisa dessa.

Pesquisadora – Pra senhora, também, não?

José – É... e outra coisa, não tenho receio de falar, entendeu?! Tem gente que já tem, né? E esconde. Para mim, não tem problema falar. E pra nós assim, não tem... é uma coisa impressionante, porque muitas... às vezes, as pessoas que a gente vê aí, que por causa desse relacionamento é... relacionamento íntimo, a pessoa não tem, larga, né?

Não dá certo, por causa disso, daquilo... E já coloca isso como em principal coisa, né? Mas, nós aqui, acho que não teve esse problema, né? Acho que não.

Pesquisadora – O que que a senhora quer falar, Dona Anastácia?

Anastácia – Nada.

José – Às vezes ela fala assim... – “José, você é falador demais, cala, pára de falar essas coisas”. Eu não ligo, né?

Pesquisadora – A senhora achou que ele falou muito? Achou?

José – Ela, não, ela depois vai vim brigar comigo.

Pesquisadora – A senhora briga com ele? O que que a senhora tem vontade de falar pra ele?

Anastácia – Ele vai saber depois. [Fala em tom de brincadeira e todos riem].

O processo de entrevista permitiu ao casal realizar algumas reflexões. Uma deles tem a ver com o contexto que eles viveram e que os fizeram fechar-se para o mundo. O casal considera que foram bastante invadidos em sua privacidade, o que pôde ser constatado no resumo do dossiê que receberam do governo, em que constam detalhes a respeito da vida deles durante anos.

A casa da família é um retrato do fechamento que o casal constituiu. É fechada com um portão imenso que protege a casa por inteiro. Trata-se um ambiente completamente russo. O vidro da porta de entrada é jateado com desenhos russos, e dentro da casa existem vários objetos de decoração, também russos, que o casal mostrou à pesquisadora no decorrer da primeira visita. Assim, o casal constituiu um pedaço da Rússia no Brasil.

4.2 As histórias de vida do casal Paulo e Renata

4.2.1 A história de Paulo e de sua família

Paulo nasceu no Chile, país em que se passa grande parte da história de sua família. Tal história foi revelada, de forma mais ampliada, no decorrer do terceiro encontro com a pesquisadora. Renata, sua esposa, contribuiu com o acréscimo de detalhes, fazendo perguntas. Houve muito envolvimento de ambos no decorrer das entrevistas.

Rememorando fatos, Paulo relata que seus pais conseguiram superar situações muito delicadas. Sua mãe, dona Catarina, era proveniente do sul do Chile, região de muitas fazendas. Ela teve 13 irmãos, ocupando uma posição intermediária entre eles. Desses irmãos, 7 estão vivos. Paulo conhece alguns de seus tios apenas por intermédio de fotos.

Paulo relembra:

Paulo – A minha mãe nasceu numa família muito grande, de 13 irmãos. Acho que ela era capeta, mesmo, porque quando tinha regras, se comportava mal. Pior, né? Era mandada pra casa da avó. O pai dela, um fazendeiro que... entrava a cavalo, assim, na casa. A mãe de minha mãe, minha avó, foi a única que conheci, mesmo, no Chile. (...) Já meu pai perdeu a mãe muito novo, mais ou menos, uns 11 anos, 10 anos. Era pequeno, veio de uma família de quatro irmãos... ele era o caçula. Então, os quatro eram marceneiros, né? Faziam estofados, faziam móveis. Meu pai perdeu seus pais muito novo, praticamente foi criado pelos irmãos. E a criação, cheia de carências. De fato, o único que estudou foi ele. Ele foi um dos melhores alunos, de escola pública, lá. Aí, fez o vestibular, passou numa das universidades mais concorridas do Chile, na região central, inclusive. Aí, estudou

numa universidade que era de... ainda da Alemanha. Então, ele entrou num regime bem alemão, mesmo. Bem rígido. Aí, então, ele fez uma universidade interna, morava na universidade. E se você visse como era a universidade, era um castelo, sabe? A universidade é considerada uma das mais difíceis de entrar, mais difíceis de sair. De fato que, dos quinze que entraram pra ela, só três formaram. (...) Ele era... disciplinado demais, com horário. Ele estudava com... vela, porque apagavam a luz. Então, para poder avançar e estudar um pouco mais, porque tinha deficiência, ele sabia disso. Ele tinha que estudar com vela, ficou com... ele usa uns óculos grandão, agora, hoje, por isso aí, né?

Ao relatar esse momento da vida do pai, Rodrigo, Paulo emociona-se e enche os olhos de lágrimas. A pesquisadora comenta: “Você se emociona quando conta a história de seu pai!”

O pai de Paulo, para dar continuidade aos estudos, começou a dar aulas de matemática à noite. Foi nesse período que conheceu sua esposa. Paulo não sabe ao certo, mas acredita que foi em um baile e que, posteriormente, o pai ensinou matemática para a esposa.

Paulo conta:

Paulo – Os meus pais se conheceram numa festa. Meu pai, muito é... atrevido... ele pegou minha mãe assim, pela... pela cintura. Minha mãe não gostou. Aí, eles começaram a namorar ... logo, logo... Aí, minha mãe nessa época ela morava com uma tia que é irmã de minha vó e com a filha dela. (...) Aí, a questão é que minha mãe viveu muito com essa pessoa, muito tempo, mas... viver com parente não é fácil. Acho que minha mãe teve uma vida muito sofrida. (...) Namoraram uns dois anos, três anos, não passou disso. Não passou muito. Foi curto. Acho que eles decidiram se casar porque a situação dos dois...

dos dois era muito, é... difícil, então, já que tavam passando dificuldades. E minha mãe parece que não estava muito bem com a minha tia.

Depois do casamento, o pai de Paulo conseguiu emprego em uma estatal e começou a progredir. Ele passou a garantir o sustento da casa, e a esposa não trabalhou mais. Pouco depois, dona Catarina, a esposa, ficou grávida de Paulo, sem a concordância do marido.

Vale assinalar que o entrevistando omitiu informações referentes à sua gestação e ao seu nascimento. Essa parte da história foi contada por Renata, como se segue:

Renata – A mãe dele engravidou e o pai dele não queria naquele momento que ela tivesse engravidado. O pai dele queria que ela estivesse estudando. E aí, ela engravidou. E aconteceu do... do pai do Paulo tomar uma atitude assim, de rejeição entre aspas, com a mãe, o Paulo e com a gestação, entendeu? Então, a mãe deles passou por momentos da gestação muito só, ela passou por momentos... ela fala isso, ela fica muito magoada até hoje, né? Que ela teve que fazer muitas roupinhas do Paulo, porque o pai não dava dinheiro pra comprar roupinha pra ele. Um dia ele... o pai chegou em casa, ela tinha lavado as roupinhas que ela tinha feito de crochê, de tricô, tava tudo penduradinha no banheiro, pra secar pra não pegar poerinha e tudo. Aí, ele pegou e falou assim: – “O que que é isso aqui?”, como se ele não quisesse enxergar que ela já nem estivesse grávida, né? E aí, o Paulo nasceu, e assim, durante alguns anos pelo fato do pai dele morar sempre na cidade, um pouco distante e às vezes eles ficavam, né, Paulo, mais próximo da cidade, e o pai saía pra trabalhar. O pai dele passou por alguns momentos em que deixava a mãe dele muito só, passava... saída de casa, sexta-feira, voltava só... no domingo à noite pra tomar

banho, pra trocar de roupa, pra poder ir trabalhar. Então, o Paulo viveu muito com a mãe dele, e eu acho que ele absorveu muita coisa da mãe dele porque os dois se apoiaram, os dois tiveram uma cumplicidade muito forte e ao mesmo tempo. O Paulo, pelo que a mãe dele falou e pelo que o Paulo fala, parece que ele sentiu um pouco essa rejeição entre aspas, que com o tempo, acabou, pelo que eu entendi, acabou, porque o pai dele depois... O Paulo era tudo pro pai dele, né? O Paulo entrava na fábrica, onde o pai trabalhava, o pai mandava parar as máquinas, porque o Paulo tava circulando dentro da fábrica, onde eles moravam, tudo era em benefício do Paulo. O Paulo sempre teve tudo, estudou nas melhores escolas, sabe? Então, foi um processo que começou com um desentendimento entre os pais e que acabou o Paulo sofrendo um pouco das conseqüências disso. Então, parece que a vida toda, pelo que o Paulo já me contou, a vida toda o Paulo sempre quis mostrar que ele era importante, que ele não... que o pai dele não tinha errado, entendeu, em tê-lo, porque o pai dele sempre usa uma expressão: – “Aí, se eu pudesse não teria tido filhos, que filhos dá muita dor de cabeça.”

Paulo acompanhou o relato da esposa atentamente e complementou apenas quando ela falou que o pai saía na sexta-feira e ele disse que pai só voltava no domingo.

Ao lembrar da sua infância, Paulo comenta:

Paulo – Nossa Senhora! [a pesquisadora e o casal riem]. Olha, aqui... Que foi? É o que eu falo, que uma pessoa se sen... sente querida, por exemplo, na minha casa, é... meu pai e minha mãe sempre me pegavam, meu pai me mordida, sabe... sempre tinha

um... um afeto, quando se tava passando, já me pegava, ficava brincando assim, abraçava. Esse tipo de coisa nunca me faltou. Sento no colo deles até hoje!

Quanto aos seus primeiros anos escolares, Paulo lembrou:

Paulo – O meu sistema educacional, eu... era super protegido. Então, esse... Agora, tô falando sem mentir, fui o pior... pior aluno mesmo, que... minha mãe me ajudava, me obrigava fazer tarefa. Ficava tomando... até tarde ficava fazendo tarefa, porque eu num queria estudar... não sentia responsabilidades disso... Então isso que me dava atenção da minha mãe. Eu acho que essa cobrança, que tem... ah, tem que fazer, tem que estudar, tem que... não sei o que... Sabe... não sei até que ponto isso... isso é bom, né?

Nessa ocasião, Paulo e sua família viveram o período da ditadura no Chile. Passaram pela situação de, em certos momentos, apesar de terem dinheiro para comprar mantimentos, não o conseguiam.

Paulo continua:

Paulo – Meus pais toda vida... eles vão no supermercado, falam... – “Precisamos fazer estoque”. O estoque deve ter sido por ter essa precariedade toda e além do mais, naquele período de ditadura, ele não ia... Meus pais conseguiam carne, conseguiam produto, açúcar, café, tudo no mercado negro, entendeu? Meu pai não tinha dinheiro e passou privação. Aí, depois passou privação por ter dinheiro e não podia comprar. Então, o que

que acontecia, meu pai, comprava a carne mais cara, que... Terrível isso! Meu pai às vezes pagava mais cara, por quê? O produto tava escondido.

Depois desse período conturbado dona Catarina, mãe de Paulo, resolveu ter o segundo filho, mas teve muitos abortos, o que pode ser notado na diferença de idade de Paulo para o irmão, que é de doze anos. Paulo narra seu envolvimento nessa história:

Paulo – Meu irmão nasceu, meu irmão nasceu, com minha mãe... porque minha mãe teve muitos problemas para ter filhos. Então, sabe, probleminha... Que o feto vai se desenvolvendo e ele não acompanha o crescimento do feto e aborta (...).

A pesquisadora indaga: “Sua mãe perdeu muitos filhos?”

Paulo responde:

Paulo – Perdeu vários filhos. Então, essa diferença entre eu e meu irmão, é justamente isso. Inclusive, eu presenciei uma vez, numa época que tinha terremoto, toque de recolher, é... e minha mãe tava já, quase... porque sempre chegava terceiro ou quarto mês, quinto mês, sexto mês, aí, começava a se complicar mais, né? Foi o mais marcante para minha vida, entendeu? Eu tive que... é... acompanhei justamente o momento que tava... Meu pai trabalhava a três horas de... a três horas de onde morávamos e eu cuidava da minha... É, foram várias situações... Uma situação... que foi quando eu tava junto, nós... no mesmo

quarto, minha mãe tinha um quarto com duas camas, juntas, que minha mãe sempre ficava comigo, né? Então, ela tava grávida e ela acordou, ela tinha... o feto tinha saído.

A pesquisadora observa: “Você viu a cena e está se lembrando dos detalhes!”

Paulo continua o relato:

Paulo – Tava eu e minha mãe, num lugar sozinho, numa rua sozinha, sozinha, tava do lado duas beatas, do outro lado uma velhinha, do outro lado tinha outras duas mulheres e uma rua onde praticamente só tinha mulher. Era engraçado esse negócio, não havia homem, nenhum, só tinha mulheres. Aí... sabe eu que tinha é... 10 anos, 11 anos... não lembro que idade que eu tinha. A questão é que, que eu tive... minha mãe me acordou pra eu gritar ajuda. Pedir ajuda. Porque minha mãe telefonava pro meu pai, telefonava pro hospital. Não havia táxi, não havia ambulância. É... É... Lá era muito complicado. Então, imagina, mistura tudo isso, mistura toque de recolher [risco de terremoto], mistura... Como que o telefone de urgência funciona no toque de recolher. Não acha ambulância, não acha... Não acha nada, não acha nada... Nossa Senhora! Eu lembro disso muito, muito bem. Mas... é... são coisas que... que eu vivi com minha mãe, por isso que eu falo, saía sempre com grande afinidade com minha mãe.

A pesquisadora intervém “Essas cenas te marcaram muito?”

Paulo retoma a história familiar:

Paulo – Meu irmão só nasceu graças a que... meu pai investiu na minha mãe, deixou ela praticamente seis meses, muito tempo na... na clínica, minha mãe não fez nada na vida. Repouso... repouso absoluto. Meu irmão nasceu de cinco meses e cinco... quase seis... Meu irmão foi se recuperando... sabe, se... um menino super sadio, super... normal, tudo... então, o médico cuidava... E um grande carinho que eu tenho por ele. E agora ele... ele seguiu a carreira do meu pai.

Em 1985, Rodrigo, pai de Paulo, trabalhava em uma estatal no Chile. Nesse período, as estatais foram privatizadas, e assumidas por grupos norte-americanos. Ele foi o único chileno que permaneceu na empresa. Aprendeu inglês para continuar no cargo, mas, por fim, foi mandado embora e veio trabalhar no Brasil. Ele mudou-se sozinho para o Brasil. Esse episódio é relatado por Paulo:

Paulo – Meu pai... então, mandaram ele embora, da empresa no Chile. Não consegui trabalho no Chile. Só que meu pai tinha bom relacionamento aqui no Brasil, o... o ... meu pai fez um estudo, na... Itaipu... Ele veio sozinho. Ficou uns seis meses sozinho aqui em Goiás. Começou a trabalhar em uma grande empresa... Meu pai exigiu carro, casa, móveis. Mobiliaram uma casa, não foi com os móveis dele, mas, meu pai não queria criar raízes no Brasil. Só que foi tarde demais... que começou, aí, tava meu irmão pequeno, aí, ele começou a ser alfabetizado [em língua portuguesa], ele, sabe, fala muito bem o português. (...) Eu vim ao Brasil, tinha 17 anos, tinha uma namorada de dois anos. Estava com uma vida de adolescente já começando, saindo do terceiro ano, passando para universidade. Aí, meu pai veio, todo mundo, pai, mãe. E estavam todos aqui... Eu tentei

ficar lá, mas não consegui ficar lá. Porque tinha que ficar com família, parente, aí eu já não me dei bem, aí eu preferi vir. (...) A gente chegou em Goiânia, é... na época do carnaval, no início do carnaval, sexta ou sábado. Imagina eu ir no carnaval... Meu pai... eu... aí, meu pai me levou para o Jaó, para conhecer o Jaó de dia. Aí, eu pedi pra ele fazer o clube, fazer... a carteirinha de sócio, mesmo. Aí, meu pai comprou o título para nós. Sabe? Meu pai tinha grana pra comprar esse título, tava tudo pronto. Aí, eu fui pro carnaval, sozinho. Sozinho. Não conhecia ninguém, mas o que que eu vou fazer no carnaval?

Paulo assinala a diferença entre o Chile e o Brasil no que concerne à educação:

Paulo – É... É... É... então, meu pai... na verdade, porque... meu pai é rígido por uma... pela própria educação chilena, mesmo. Entendeu? Muito mais rígido, o profissional lá é muito mais exigido, muito mais sacrificado, se estuda um pouco mais, entendeu? Então, o sistema educacional lá é bem... bem mais restrito. Eu estudei numa escola só de homens. É. Só de homens. Entendeu? E minha namorada só de mulheres. Então, nessa época era assim. Então, quando eu passei para o terceiro ano, como ouvinte, aqui no Brasil, já era misto. Tinha homem e mulher aqui no Brasil!

A família de Paulo ao chegar no Brasil, evitava contatos sociais, mantendo o mesmo padrão de como viviam no Chile. O casal conta uns acontecimentos dessa época:

Renata – Agora, uma coisa que o Paulo me conta, que antes de nós nos conhecermos, que ele já tentava romper esses padrões da casa dele. Ele era o rebelde da casa dele, porque ele queria ir pra... pro carnaval, lá no Clube Jaó. O pai dele não queria levar, mas ele queria ir. Aí, ele dava um jeito e ia.

Pesquisadora – Você tentava quebrar alguns padrões da sua família?

Paulo – Eles não deixavam eu fazer nada, de que... mas acontece que...

Renata – E ele sempre foi visto, na casa dele, como...

Paulo – Eu fui sempre o que...

Renata – Pelo fato dele ser sociável, dele querer encher a casa de gente, pra fazer festa...

Paulo – Eu queria sempre trazer meus amigos pra minha casa, entendeu? Sempre fazer amizades... É umas coisas mais desse lado, né, mais social.

Renata – As fotos de aniversário dele, tá ele, o pai dele, a mãe dele e o irmão dele. Só família. Quando começou a fazer faculdade aqui. Aí, ele começou a ter o círculo de amigos dele. E aí, ele pegava... o pessoal chegava de surpresa, por exemplo...

Paulo – Me lembro, teve uma vez... uma vez, tava... tava meus pais, aqui, né? Morávamos todos aqui e minha namorada, na época, chamou todos os amigos, meus, de balada, assim, tal... e levou todo mundo pra casa. E era um monte de gente, minha mãe... minha mãe falou assim: – “Gente, que...”. falei: – “Mãe, não preocupa, não... meu pai, meu irmão... e... Aí, minha mãe tinha feito bolo e tal... Aí, cantamos parabéns... todo mundo comeu bolo.

Pesquisadora – Mas, foi muito diferente!

Paulo – Foi, para ele foi uma tortura, assim... Mas tenho que ser radical. Tinha que ser assim... meu pai não ia colocar todo mundo pra fora. Mas, é... eu acho assim, se a gente, não tomar uma postura de socialização com as coisas, a pessoa não vive. Vai embora. Como vários amigos que... não adapta ao Brasil, não ficam aqui, sabe, que estudou e se mandou. Tem gente que não gosta, meu pai, por exemplo, ele... eu... eu acho que meu pai não gostou, voltou para o Chile, mais por isso. Porque não se adaptou, meu pai viveu... muito tempo, muitos anos aqui. E não... mais por causa disso... Ele achava assim, que as pessoas não estudavam, muito teateira, sabe? Tinha um... tinha um... meu pai sempre chegava, contando uma história de que... de um cara que estava começando, fazendo a coisa errada, ele chamava a atenção do cara, o cara desmaiava. Sabe? Com esse tipo de coisa.

No momento em que Paulo foi escolher a profissão, novamente colocou-se contra a opinião dos pais que queriam que ele fosse engenheiro, médico ou advogado. Essas profissões eram as mais valorizadas no Chile, pois garantem melhor remuneração. Houve novo embate, quando Paulo decidiu atuar na área pedagógica. O pai foi veementemente contra. A atitude de Paulo de seguir os próprios caminhos era estranha a essa família em que todos costumavam seguir o comando de Rodrigo, o pai de Paulo.

A família de Paulo retornou para o Chile após alguns anos, e ele resolveu ficar no Brasil, também a contragosto da família. Paulo e Renata relatam o momento em que as suas famílias se encontraram. Foi antes do casamento, por ocasião da formatura de Paulo:

Renata – Então, assim... na formatura dele foi um transtorno, foi uma confusão a formatura dele, eu chorei, ele chorou. Porque, na formatura dele... é... ele tinha várias mesas no Jaó, no baile, né? E aí, ele convidou os meus pais, convidou alguns tios meus, convidou a... vizinha da mãe dele, que na época, morava aqui, era minha vizinha. E aí, pra gente não perder o controle das nossas mesas, a gente tinha... nós namorávamos ainda, né? A gente queria reunir as mesas, pra gente ficar junto todo mundo, porque as pessoas não chegam ao mesmo tempo e nós pegamos uma mesa grande pra colocar todas as pessoas que a gente havia convidado. Aí, o pai dele, chegou e achou que não devíamos... O pai dele achou que não devia é... reunir a mesa... E aí, a gente não sabia ainda o motivo, né? E falavam: – “Não, não reúne as mesas”, e a gente reuniu, tentando reunir as mesas. Aí, ele pegou e me chamou, o pai dele falou assim: – “Fala pro Paulo não reunir as mesas, de hipótese alguma. De jeito nenhum”. Ele é bem assim, incisivo: – “Não é pra reunir que não sei o quê e tal...” E aí, eu fiquei meio assim, o Paulo também... e aí...

Paulo – Mas fala o motivo.

Renata – Eu vou contar pra ela. Aí, na mesa, eu sei que ele... eles separaram a mesa deles. O pai dele e a mãe dele, e os meus pais sentaram juntos. E aí, aquela confusão toda e depois a gente foi descobrir, no meio da confusão, que o pai dele tava com medo, que as pessoas que estavam sentadas na mesa ali, que bebessem, comessem e depois fossem embora, que não pagasse as suas contas. E que ficasse pro pai dele pagar, entendeu? E aí, eu sei que meus pais estavam na mesa, junto com os pais dele, perceberam essa confusão toda, aí, meu pai fez questão de pagar a conta, assim, sabe, pra... pra... pro pai dele, as pessoas eram relativamente, estranhas, mas eram pessoas da minha família, não tinha nenhum amigo dele, mesmo.

Paulo – Isso é desconfiança... Eles têm essa desconfiança.

Esse foi o primeiro encontro entre as famílias, e o próximo deu-se por ocasião do casamento de Paulo e Renata.

4.2.2 A história de Renata e de sua família

A história da família de Renata foi contada em grande parte no final da terceira entrevista e início da quarta.

Renata começa o relato:

Renata – Ah... meu pai... maranhense, família humilde. Meu avô era pedreiro, meu pai aprendeu, inclusive ajudou meu avô, é... lá, no tempo que eles moravam no interior do Maranhão, meu pai ajudava. Minha avó teve é... seis filhos e meu pai é... nasceu, da seguinte forma: minha avó engravidou do meu pai, é... entre uma viagem e outra do meu avô, que meu avô era fazendeiro, viajava muito a cavalo, ficava meses fora, não sei o quê e tal... E numa dessas vinda do meu avô, minha avó engravidou. E quando o meu avô voltou, minha avó tava com a barriguinha já um pouco saliente. E aí, meu avô dizia que aquele não era filho dele. ...E quando meu pai nasceu, foi uma confusão, foi um problema. É... meu pai sempre foi tratado com o filho que não era do meu avô. Na hora de comer meu avô mandava tirar meu pai da mesa, é... – “Coloca esse menino pra comer lá fora”. Aí, meu pai tinha que comer fora. (...) Minha vó fez uma promessa para que meu avô aceitasse ele, deixou o cabelo do meu pai grande, ele era bem loirinho, parecia uma menina, magrinho, com um cabelão, por causa da promessa. (...) E a... a vó dele tomava muito as dores do meu pai, sempre protegendo meu pai, pelo fato de meu pai ser o único

filho que tinha que sentar longe do meu avô, tinha que ficar longe do meu avô, porque meu avô não aceitava. (...) E... depois com o tempo, minha tia mais velha, começou a tomar essa... meu pai mais... cuidar mais do meu pai. Eles moraram com os tios deles em Brasília e lá, eles eram, por exemplo, minha tia limpava cozinha, meu pai lavava os carros da casa, meu pai capinava o quintal, sabe, esse tipo de trabalho, em troca da moradia, da comida. E meu pai conta que, em vários momentos ele passou muita dificuldade financeira, muita fome. E muitas vezes, minha tia guardava comida pra ele escondido do meu avô, separava alguma coisa pra ele escondido. (...) E meu pai, é... começou, muito cedo a trabalhar, meu pai com 12 anos, ele já tava na rua, engraxando, vendendo jornal, fazendo qualquer tipo de serviço que ele pudesse ganhar dinheiro. Minha vó fazia bolinhos, e ele ia vender bolinhos, inclusive, teve uma época que meu avô sumiu, assim... nessas viagens dele e deixou a família passando dificuldades. (...) Desde pequeno... meu pai é vendedor. Aí, começou a ajudar a mãe dele porque meu avô viajava e ficava meses fora. Não queria saber se tinha comida, se não tinha, se algum menino tava doente, como é que minha avó tava, sabe? (...) Meu pai, a partir daí, dos 12 anos e sempre trabalhou, ele depois viveu sozinho, numa república, aqui em Goiânia, com jovens. Ele falou assim, que lá até gente drogada, que bebia e tudo, ele não deixou se influenciar, e ele sempre batalhando pela vida dele. Meu avô era sempre muito assim... vivia... tava morando aqui em Goiânia, de repente... – “Ah, vou pra Anápolis”. Ia pra Anápolis, levava a família inteira pra Anápolis, chegava lá, deixava a família. (...) Minha avó sempre tentando manter a família costurando, aí, depois os filhos já começaram a tentar ganhar algum dinheiro. (...) E meu pai, é... depois com o tempo ele conheceu minha mãe, trabalhava... os dois trabalhavam na loja X⁸. Aí, os dois se conheceram, lá.

⁸ O nome da empresa foi omitido para preservar a identidade das pessoas.

Em seguida Renata começa a contar a história da mãe:

Renata – E o meu outro avô, pai da minha mãe, é baiano, também tinha uma vida muito difícil na Bahia. Veio pela primeira vez pra Goiânia, andando. Então, são meses andando. Ele e dois amigos, comendo rapadura, farinha, carne seca que eles carregavam, chegaram aqui depois de meses. Aí, veio na primeira vez, tentar trabalho. Aí, parece que conseguiram um dinheirinho e tal. Parece que foi a segunda vez que ele veio, ele veio de jegue. (...) Veio pela terceira vez. Foi ai que ele conheceu a minha avó. Ela não é a primeira esposa dele. A primeira esposa dele morreu no parto da segunda filha. Aí, ele tem duas filhas com a primeira esposa e tem uns oito filhos com a minha vó, né? (...) E aí, meu avô é... veio conseguiu mais dinheiro e trouxe as duas filhas que elas tinha ficado na Bahia com alguma irmã dele, que me parece. Trouxe inclusive de avião, minha tia até hoje ela tem trauma por causa do jeito que ele... que ela veio embora, de lá pra cá. Que foi tirada da casa da tia, que tava acostumada, de uma forma muito brusca. (...) Meu avô que conta essas histórias... Meu avô tem 96 anos. (...) Minha vó era doceira e lavadeira e passadeira. Minha vó fazia doces cristalizados, doces em compotas, pros casamentos, pras famílias ricas da época, que serviam isso nos casamentos, né? E lavava roupa e passava roupa, também pra famílias. E na época, minha mãe conta que os filhos, um ia cuidando do outro, um ia criando o outro. (...) Minha mãe disse que elas vinham pro córrego lavar roupa, pro rio Meia-Ponte ali. Sabe, onde tem aquele canal, antes aquilo era um rio, né? Elas iam pra lá, lavar roupa. Minha mãe disse que desde pequena trabalhou na casa dos outros. Minha vó às vezes chegava... – “Olha, eu arranjei um emprego para você”. Minha

mãe não podia nem... chiar, tinha que trabalhar. (...) Minha mãe diz que eles nunca passaram fome, mas que tudo era muito regrado. A quantidade de comida era certinha pra cada um, não tinha como repetir. (...) Apesar das famílias é... tanto do meu pai, quanto da minha mãe terem... é terem começado de uma forma bem, com bastante dificuldade, né? No caso da minha vó todos filhos estudaram. Minha vó conseguiu formar os oito filhos (...).

Renata relata que os pais se conheceram por trabalharem na mesma loja. Começaram a namorar e se casaram. Renata comenta a relação com a família de seu pai:

Renata – Minha mãe conta que chocou muito ela, após eles terem se casado. Meu pai já tinha combinado com a família, que a família ia morar junto. Minha mãe, não sabia. Quando casou, disse que eles compraram os móveis com muita dificuldade. (...) Aí, minha mãe disse que no segundo dia, tava a *renca* todinha, a família toda chegando, com mala, com não sei o quê, tudo lá na casa dela. E minha mãe teve que conviver com isso durante muito tempo, a família do meu pai vivendo com ela e ela trabalhando e minhas tias muitas vezes em casa, não ajudava muito, sabe? (...) Aí, eu sei que é... minha mãe... disse que foi um choque pra ela isso. E sempre foi, minha mãe disse que quando meu avô tava lá no Maranhão, gastava tudo que tinha, e meu pai tinha que mandar dinheiro. Ele ligava perguntando se tinha dinheiro, e meu pai tinha que mandar o dinheiro, pro meu avô podê vim embora, porque ele estava sem condições até de vim embora. (...) Meu pai que cuidou do meu avô. Meu vó teve Alzheimer e meu pai no... meu pai pegava meu avô, colocava ele dentro do carro ia trabalhar com meu avô dentro do carro, porque nessa época meu pai

já tava separado da minha mãe. Meu avô é... de madrugada passava mal, meu pai ia lá, meu pai levava no médico, meu pai... sabe, foi uma coisa que... no final mesmo, quem tava do lado do meu avô era meu pai. (...) Com o tempo minha mãe foi se desgastando, e... foi falando pro meu pai que não dava certo morar juntos, que isso não dava certo. Acabou que, tinha época que eles sumiam, de repente chegava... Minha mãe conta assim, de repente chegava uma tia, dizia que ia passar uma semana, passava o mês. Aí, de repente aquela ia embora, e já vinha outra. (...) Minha mãe disse que sempre teve rodízio, sabe? E sempre aquela situação financeira da família do meu pai. Já a família da minha mãe, depois de uma certa idade, eles já foram se assumindo. E a do meu pai, sempre aquela dependência, né? E minha mãe conta que sempre foi muito complicado.

Quando Renata nasceu, seus pais ainda estavam morando junto com a família de seu pai. Em determinado momento, o pai percebeu que seria melhor mudar-se com a esposa e a filha. Renata tem duas irmãs, e o intervalo de nascimento entre elas é de três anos. Quando sua segunda irmã nasceu, eles mudaram-se para Belém. Essa passagem é lembrada por Renata:

Renata – Meu pai foi transferido, pra Belém, trabalhava na empresa XY⁹. A empresa XY mandou ele pra Belém, e ele foi. Meu pai tem um jeito um pouco diferente do pai do Paulo. O pai do Paulo pra ele trabalhar na empresa, fazia as exigências dele... Meu pai, não, ele achava que ele não podia levar gastos para a empresa. Nós fomos embora de Goiânia, pra Belém de ônibus, mandou a mudança de caminhão e nós fomos de ônibus. (...) acho que eu devia ter uns sete, oito anos, porque a minha irmã, era bebê quase... a

⁹ O nome da empresa foi omitido para preservar a identidade das pessoas.

minha outra irmã nasceu lá, depois. Nós chegamos, eu lembro muito bem, a gente chegou é... imagina aquela estrada de... Goiânia-Belém naquela época... muito buraco, muito quente, né? Um calor insuportável no ônibus, eu sei que a gente chegou lá. E ainda fomos procurar lugar pra dormir, porque meu pai, nem hotel ele quis deixar a empresa reservar pra ele, então, a gente não tinha nem lugar pra dormir, a gente teve que procurar hotel, ainda. E aí, minha mãe ficava um pouco indignada, com esse jeito do meu pai. Mas, meu pai sempre foi assim. Tanto que a XY fechou, faliu e ele... teve que começar tudo de novo, né? Ele começou tudo sozinho, de novo, batalhando sozinho. Porque ele ia... quando ele escutou umas coisas lá de dentro da XY, que ele ganhou um prêmio, pela equipe, por ele ter vendido muito, ganhou um prêmio que era uma passagem para cada membro da família dele, no caso nós filhas, ele e a esposa, pra viajar. Essa foi a única coisa que eu lembro que ele tirou proveito assim, de alguma coisa que alguém tivesse oferecido pra ele em tempo de emprego.

Renata destaca que, em sua infância, estudou em um colégio militar muito rígido. Descreve que a mãe era muito exigente quanto ao comportamento das filhas e que estabeleceu uma rotina diária para que elas seguissem. Acrescenta que a mãe criou as filhas para serem independentes. Quando as filhas adoeciam, a mãe ensinava-as como tomar o remédio e deixava que elas próprias se cuidassem. O pai tinha um comportamento diferente, era mais preocupado.

Renata continua o relato:

Renata – Estudei, escola da aeronáutica, escola militar, muito rígida também, e... minha mãe sempre exigiu muito do comportamento da gente também, assim... nós somos três irmãs, né... diferença de seis anos de uma para outra e minha mãe sempre exigiu assim. É... eu me sentia, meio cobrada e... eu era muito responsável, ninguém precisava me falar... Minha mãe tinha assim, chegou da escola, toma banho, almoça, descansa uma hora, duas horas e depois vai sentar fazer tarefa, e só pode brincar depois da tarefa feita, só pode assistir televisão depois da tarefa feita. É, nove horas, dormia. Existia uma rotina que minha mãe ensinou. É antes de dormir já arrumar a mochilinha pro dia seguinte, pra não atrasar, pra não deixar livro pra trás. O uniforme já ficava... A gente mesmo já pegava o uniforme, já colocava no lugar também, pra... pra vestir, pra gente não atrasar. E assim, é... minha mãe, era o seguinte, a gente adoecia, é... o seu remédio... ela dava o remédio até a gente ter condições de saber quando era que tinha que tomava o remédio, depois que a gente aprendia... – “Mamãe, comprou o remédio, você tem que tomar, a hora é essa...”. Ela anotava na caixa, colocava lá a quantidade que a gente tinha que tomar. (...) Meu pai, ele era já aquele assim, se a gente adoecia, ele queria dormir no quarto com a gente, ele ficava com o termômetro o tempo todo debaixo do braço da gente.

Renata conta que em sua adolescência, quando começou a namorar, os pais eram muito rígidos. Não podia chegar tarde em casa, o que era motivo de constantes tensões. Quando ela namorava Paulo, ele era muito desligado quanto aos horários, chegava atrasado, o que complicava a saída deles.

Renata continua:

Renata – Uma coisa que acontecia muito, que era motivo de muita briga mesmo, nossa, quando a gente namorava, que já foi coisa assim, de... até meu pai, uma vez, interferir, sabe? Era essa... é essa questão do Paulo de horário. A gente marcava pra gente ir pro cinema, na sessão das oito e meia. Eu como... é... sou organizada... fala pra mim oito e meia, é oito e meia, sabe, eu fico assim... eu preparo tudo pra... que aquilo aconteça as oito e meia. (...) Então, quer dizer, eu já tomava meu banho, eu já trocava minha roupa, ficava esperando por ele. Lá em casa era muito difícil pra sair com namorado, minha mãe e meu pai falavam muito. Eu tinha horário pra voltar, se eu saía às oito e meia, eu tinha que tá em casa no máximo, se tivesse festa, era meia-noite (...). Então, eu ficava naquela aflição toda, que pra mim sair já era difícil, tinha que dar todo um roteiro pra minha mãe, explicar, e ele ainda atrasava. Aí, a gente saía correndo pro cinema, chegávamos lá, como eu queria assistir o filme, como nós havíamos combinado, como tinha toda a questão de meus pais que estavam atrás de mim, a cobrança (...).

Na universidade Renata sempre foi muito responsável. Levou seus estudos muito a sério. Comentou que uma professora achava-a muito tensa, e falava que ela era uma bomba-relógio, que podia explodir a qualquer momento.

Paulo acompanhou atento o relato de Renata, expressando-se a respeito do que não sabia, fazendo comparações das igualdades e diferenças entre as duas famílias. Paulo destacou que as dificuldades vividas pelos pais e avós, a valorização dos estudos, o estilo de educação formal eram aspectos comuns entre eles. Por outro lado, segundo Paulo, suas famílias eram diferentes

quanto à convivência com as famílias originárias e suas mães tinham comportamentos muito diferentes.

4.1.3 A história do casamento de Paulo e Renata

Paulo e Renata conheceram-se no trabalho de Paulo. Havia entre eles uma relação hierárquica, e Renata era subordinada a Paulo. Ele fala: “Eu gostei... eu gostei dela porque ela era bonita, era a garota mais bonita... todo mundo (...)”.

A relação foi sedimentando-se sobretudo por ambos valorizarem a família e por terem valores éticos muito parecidos, além de Paulo sentir-se *aconchegado* na família dela. Paulo descreve o pai de Renata como se fora seu pai, sem a rigidez e o tradicionalismo que Rodrigo apresentava. Eles dizem que a questão intercultural não influenciou suas escolhas e que nunca conversaram a respeito de tais questões.

A cerimônia de casamento é um marco na vida de Paulo e Renata. O processo de pesquisa possibilitou ao casal resgatar a história contida nesse ritual, uma vez que o casal nunca havia entrado em detalhe a esse respeito. Eles estabeleceram o diálogo que se segue, com as intervenções da pesquisadora:

Renata – Ele não tinha falado, que ele achou um absurdo o quanto o meu pai gastou com o casamento... É eu já sabia dessa questão do casamento, mas eu não tinha visto a visão dele. Por exemplo, que é... é... também uma questão deles. Por exemplo, ele sabia que aqui no Brasil o casamento é assim, a gente casa na igreja pra gente poder é... é... tipo assim, prestar uma satisfação, pra... pros familiares, pra sociedade, entendeu? Meu pai, na

época, tava muito bem de situação, tava na XY, meu pai quis dar pra primeira filha dele, um casamento legal...

Paulo – É, não via. E eu realmente me sentia assim...

Pesquisadora – Você não concordava com esse tipo de casamento, com o casamento dos sonhos dela.

Paulo – Não, não que eu não concordava é uma... O que eu queria, é que na hora do meu casamento, a pessoa mais importante da história, ia ser... ia ser eu, porque no momento ela era pra mim mais importante. Não interessava se a roupa ia sair bem ou mal. Não interessava se o pai ou a tia ou a vovó ia agradar nosso casamento ou não. Então, ela tinha que dar muito essa atenção ao tio, o vó, ou aquele vó, sabe? Tô nem aí, se gostou, gostou...

Pesquisadora – Foi um choque cultural, mesmo, essa hora, né?

Paulo – Foi... Às vezes, eu vejo que o casamento foi feito, não foi feito para nós e sim, para mostrar para os... para a família dela. Sabe, é como se... se fala assim: – “Pôxa, é pra mostrar que nós podemos”. Sabe como é que é? Então, isso... isso que me choca assim... porque eu não tento aparentar aquilo que eu não tenho, eu não vou fazer uma coisa...

Renata – Essa é a sua visão ou essa é uma visão que você ouviu de alguém?

Paulo – Como assim?

Renata – Essa é a sua visão ou essa é a visão dos seus pais?

Paulo – Não... não... não...

Renata – Porque essas palavras aí, era...

Paulo – Não, você não tá entendendo.

Renata – Não sei se você consegue enxergar, Marta, existe uma diferença, por exemplo, a diferença entre, por exemplo, a gente tá naquela situação, e eu não olhar diretamente pra você, não te dar toda atenção. Naquele momento é uma coisa, agora a diferença dessa questão de ostentar aquilo que não tem, não sei o quê, não sei o que... já é outra...

Paulo – Não... é... é... porque... tem coisas que eu concordo... você não tá entendendo, tem coisas que eu concordo e tem coisas que eu não concordo.

Pesquisadora – Deixa eu só é... fazer um resumo. A fita acabou e não gravamos um pedaço da conversa. Então, todo esse casamento, era muito pra sua família. Era muito diferente...

Paulo – É... muito, muito... inclusive...

Renata – Isso que eu tô falando. Eu entendo quando ele diz pra mim que talvez que eu não tenha, por exemplo, é... o lado sentimental dele, no momento dele dizer isso pra mim: – “Renata, eu queria que você me desse mais atenção. Que você não tivesse dado tanta atenção pro fotógrafo, pra todos da filmagem, sabe, pra isso e pra aquilo outro, da igreja, da cerimônia em si”. Eu entendo essa fala dele, agora, quando ele diz assim, a gente querer ostentar aquilo que a gente não tem, eu não sei se essa fala, realmente é dele... Porque na verdade, a... quando a gente faz um casamento, ali, naquele momento, é como se fosse uma representação de uma situação religiosa. É... em que você, por exemplo, teve o sonho de usar aquele vestido, teve o sonho de usar aquele carro, ali não é a minha realidade, eu não ando de limusine todos os dias, eu não uso aquele vestido todos os dias...

Renata – Aqui, no nosso país, não sei no teu é assim, agora...

Paulo – No meu país, é assim, o casamento é feito... Mas não é assim, com um monte de padrinhos... É um padrinho por cada um, são quatro pessoas. Então, lá no casamento, as pessoas vão... é uma missa, sabe, se mostra um certo sentimento, não um certo show da coisa. E aqui, tem o *glamour*, tem uma coisa mais antiga... um monte... de... de... um monte de padrinhos... escambau... (...) Meus pais também acham que eu me casei com a Renata, então que gente ostenta o que não tem, entendeu? O fato da gente comer fora, da gente... sabe, essas coisas pro meu pai é...

Pesquisadora – É muito diferente do que eles vivem.

Paulo – É. Do que eles vivem...

Renata – A mãe dele, pode ser dia santo, feriado, final de semana, que ela tem que ir pra cozinha.

Pesquisadora – Que é muito diferente do modo como a Renata foi criada?

Renata – Claro... claro.

Ao final desse encontro ocorreu o seguinte diálogo:

Renata – Pra mim o que ficou de... de muito positivo... é nessa... nessa fase nossa agora, é que uma coisa que eu consegui, que era uma coisa que eu precisava muito era de ouvir o Paulo. Saber o que realmente o quê que ele pensava. Saber o quê que ele sentia... aí,

consegui depois de oito anos de casada (...). Só que ele falava de uma forma assim... eu não sei explicar.

Paulo – Eu acho... eu, pessoalmente, acho que ela não me entendia. Porque eu sempre falava, só que...

Renata – Ele falava de outra forma.

Paulo – É... é... eu falava assim. Acho que, é o que eu te falava. Sempre falo e ninguém me escuta. Entendeu, ninguém me escuta. Isso não é só agora, é muito tempo que eu sou assim. Eu sempre falava e ninguém me ouvia.

Renata – Ele falava... não com essa clareza, ele só reclama que não tinha gostado (...).

No intervalo das entrevistas o casal conversou, conforme descreve Renata:

Renata – Olha, eu vejo assim que... é, a gente passou por muitas coisas difíceis, a gente tem passado ainda por muitas adaptações, por muitos conflitos. Inclusive recentemente a gente teve uma conversa que foi muito produtiva, pra mim e pro Paulo. Só, que o que, eu vejo é que... essa questão cultural, mesmo... Ele tem algumas particularidades, assim como eu, tenho as minhas. Eu acho assim, que quando estamos eu e ele, dá pra gente ir encaixando as coisas. A gente desentende aqui, mas acerta ali. Agora, quando há a presença da família dele eu... aí, eu... parece que eu sinto que a diferença é muito grande, sabe? Aí, eu me sinto assim, eu fico pensando... Eu acho que eu nunca vou conseguir é... me encaixar nos padrões que a família ele deseja. E aí, eu vejo ele dividido. Aí, eu vejo que tudo aquilo que a gente construiu longe da família dele, parece que tá meio que

desmoronando naquele momento e quando a família dele vai embora... A gente fica assim, todas às vezes, fica bem difícil entre nós, sabe?

No período em que as entrevistas ocorreram, o irmão de Paulo, Ricardo, veio do Chile para visitá-los, como ocorre todos os anos. Os pais de Paulo deveriam visitar o casal no mês de maio. A presença da família de Paulo, ou a proximidade da visita deles, mobilizou muito o casal. Foi nesse cenário que as entrevistas ocorreram.

Ao considerar a questão das diferenças, Renata ressalta alguns episódios que poderiam ser evitados, pois, por não conhecer os costumes do Chile, ela magoou a família de Paulo. Afirma que conviveu pouco com eles e isso a impediu de ter conhecimento do que eles valorizavam. Ela ressalta que Paulo teve cinco anos para conhecer sua família e incluir-se nela, e que ela teve pouco convívio com a família dele.

Uma das mágoas expressa pelo pai de Paulo evidencia a falta de conhecimento, tanto de Paulo quanto de Renata, da cultura chilena. Rodrigo ficou muito magoado ao descobrir que a nora adotara o nome da família de sua mulher, e não o dele. Renata achava que no Chile era como no Brasil, se adotasse o último nome do marido, e que esse era o da família do pai. No Chile, o primeiro sobrenome representa a família do pai. Paulo comenta que nem ele sabia disso¹⁰.

Outro exemplo, foi citado por Renata:

¹⁰ O trecho em que esse assunto é tratado é muito interessante, porém optou-se por não apresentá-lo, uma vez que teriam que ser alterados os nomes e sobrenomes.

Renata – Então, é... por exemplo, eu fiz coisas que eu não sabia que essas coisas magoavam a família dele, por quê? Porque eu não tive contato com a família dele, assim, ao ponto de saber o que poderia estar magoando ou não. Deixar um pouquinho de leite com café na xícara. Coisa que eu... eu não gosto de tomar o leite com café até o fim, porque eu vou tomando, aí chega no final, acho que já ficou frio e aquele cheirinho do leite com café. Pra mim, frio, é um horror, aí, eu deixava. Aí, ela [a mãe de Paulo] foi comentar com ele que ela achava isso um absurdo, que isso era pegar o dinheiro do pai dele, que era o dono do leite com café e jogar fora, entendeu? Porque lá, a partir do momento que serve uma comida, serve alguma coisa, você tem que comer até o final, primeiro por causa do dinheiro, segundo pela valorização da pessoa que fez, sabe?

Esses entraves na relação entre o casal e a família de Paulo ficaram mais evidenciados, inicialmente, na cerimônia do casamento, porém o casal também relatou alguns encontros entre as duas famílias anteriores ao casamento, como a formatura de Paulo, e que indicava dificuldades ante as diferenças, bem como a família de Paulo considerar Renata muito nova para o filho. Ressaltavam que no Chile os cônjuges geralmente tinham a mesma idade ou idades muito próximas.

Após a cerimônia de casamento, Paulo e Renata viajaram. Ao chegarem da lua-de-mel eles foram residir no apartamento em que Paulo morava quando solteiro.

Renata – Quando eu casei, o Paulo já morava aqui. Aí, ele reformou o apartamento. E quando eu cheguei, que eu cheguei com um monte de presente, que eu ganhei muito

presente, nós ganhamos muita coisa. Eu queria ter um lugar pra colocar as minhas coisas. Ele tinha tantas coisas lá, porque ele já tinha a casa dele, já, a geladeira dele, os talheres dele, as coisas dele. Aí, eu lembro que ele foi trabalhar, a gente chegou de lua-de-mel, ele já foi logo trabalhar, e eu já tinha uns dias ainda pra começar a faculdade, aí, eu fique aqui organizando as coisas. Quando ele chegou na hora do almoço, eu tinha tirado os talheres velhos, antigos, que tinha, pra colocar os novos, porque a...

Paulo – Esses talheres velhos, que a Renata tá falando, era que minha mãe tinha deixado. Tinha valor emocional que tinha... Eu não gostei.

Depois desse episódio, Paulo quis estabelecer alguns costumes de seu país. O casal teve que negociar a forma como as refeições eram servidas, como esclarece o diálogo que se segue:

Paulo – (...) continuar a tradição de comer toda segunda-feira essa... a lentilha. É aí que vem...

Renata – Toda segunda tem lentilha na casa dele. Certo, a questão... a mãe dele, por exemplo, ela serve e põe tudo na mesa, a carne, o... o... Coloca todas as coisas pra mesa... E vai servindo... cada prato.

Paulo – Não, o habitual da gente é assim... minha mãe vai, prepara o prato de cada um, e depois ela come.

Renata – Aqui, geralmente, a gente chega e cada qual vai lá e... e se serve.

Paulo – Uma coisa, totalmente informal. E, é engraçado... que a Renata não... enxerga... Isso é dona de casa... Mas eu acho isso um carinho. A dedicação que a mulher tem pra família, sabe... é, cuidado... Não vejo submissão...

Renata – Ah, é complicado, assim... Eu tentei manter pra ele... igual, eu te falei, pra... satisfazer uma vontade dele. Mas por outro lado, muitas vezes, é... eu tô sobrecarregada, e ele tá sentado, esperando eu colocar... a comida. Aí, tem hora que eu dô o berro, sabe, eu falo assim: – “Pôxa, levanta a bunda daí e vai levantar para colocar sua comida”. Porque hoje não dá... Tem dia que eu também não tô muito bem, por... eu também tô precisando desse carinho.

Para a manutenção dos costumes chilenos, Renata conta com uma aliada, que é a empregada deles. Sua ajudante corta as frutas que o marido come depois do almoço e sempre verifica se ele vai querer chá ou café.

Um aspecto que saltou aos olhos de Renata se refere às compras de supermercado que o casal fazia. Ela ficava impressionada com o estoque de produto que o marido fazia e faz questão de manter em casa. Ao conversarem a respeito disso, o marido lembrou-se do período de ditadura que vivera no Chile e, por isso, tanto ele como a sua família sentem-se confortáveis fazendo estoque de produtos.

Renata formou-se e conseguiu emprego. O marido questionou se valeria a pena ela trabalhar para ganhar pouco e ficar longe dele no final de semana. Decidiram que ela trabalharia com ele, ajudando-o em casa e, posteriormente ela foi trabalhar em uma empresa que o marido adquirira.

Quando eles estavam com três anos de casados, Renata engravidou, teve descolamento de placenta e perdeu o bebê. Paulo ficou péssimo, pois reviveu toda a história que havia passado com a mãe. Nesse período, eles conversaram muito e consensualmente decidiram que só iriam ter filho quando ambos sentissem que dava para experimentarem novamente, o que ocorreu quando estavam com sete anos de casados.

Antes de terem a filha, passaram por um episódio importante, que foi a separação dos pais de Renata. O casal sempre foi muito ligado à família dela. O pai dela era solicitado por Paulo para opinar em qualquer negócio que ele fazia, pois não se sente seguro com a *esperteza* dos brasileiros e não entende de juros. A mãe de Renata sempre tratou Paulo como se fosse um filho, seu.

Seguem-se alguns fragmentos a respeito da separação dos pais de Renata:

Renata – E pelo que eu percebo lá, também, existiram problemas assim, com relação à intimidade dos meus pai, assim, no sentido de... talvez uma outra pessoa entre eles, sabe? Aí, no momento da separação deles, durante o processo da separação, aí, que minha mãe veio comentar com a gente: – “Olha, durante a aquele período estávamos em Belém, seu pai se envolveu com uma outra pessoa e agora também. E eu nunca quis contar pra você, pra não manchar a imagem de pai, que vocês têm dele”.

Paulo – Tinha comprado um sobrado, construiu um sobrado, com muito sacrifício, né? Eu acho e sempre vou achar que foi uma maneira muito precipitada, para... podia ter...

Renata – Hoje, o Paulo fala pra mim claramente que ele não aceitou a separação dos meus pais (...).

Renata – Aí, a gente viu, assim, na hora que a coisa realmente começou a se concretizar para separação, a gente viu que minha mãe sofreu muito, minha mãe ainda gostava do meu pai (...).

Aos poucos, Renata foi compreendendo o processo de separação dos pais. Eles tentaram reatar, porém não foi possível. A pessoa com quem o pai mantinha relacionamento, engravidou e pôs um fim às tentativas de reconciliação. Renata comenta: – “Meu pai já tem até uma filha, né? Ela é quase da idade de nossa filha (...)”.

Paulo considera que Renata era um elo muito forte que unia a família. Quando eles se casaram, Paulo acredita que a relação da família dela piorou um pouco. Ele diz que era a esposa que organizava os almoços de domingo e quem fazia questão de manter a família unida.

Ao retomar a separação dos pais de Renata, Paulo conta que quando a conheceu achava bonito a casa dela ficar sempre cheia de parentes que iam todo final de semana tomar banho de sol. Com o tempo, ele foi achando a atitude dos parentes de Renata muito invasiva, atrapalhando a intimidade da família. Relata que tanto ele como sua família achavam que os pais de Renata tinham atitudes não-condizentes com a idade. O Rodrigo e a Catarina responsabilizam Ana, mãe de Renata, pela separação. Eles a consideravam muito moderna. Paulo não contava nada do que realmente havia acontecido a seus pais porque a esposa o proibira.

Logo que se iniciou o processo de separação dos pais de Renata, o casal foi passar as festas de final de ano no Chile. Eles tocaram no assunto do Natal em dois momentos. Em um deles, Paulo diz ter ficado muito dividido, pois estava triste de um lado, pela situação que estava ocorrendo no Brasil e, de outro, estava feliz por encontrar seus pais. Renata ficava mais reclusa,

por estar preocupada com a família, o que fora notado pela família do marido. Em outro momento eles evidenciam estarem mais ligados às diferenças das famílias:

Renata – Não, porque sua mãe fica, vocês ficam na sua casa sós, vocês não reúnem com ninguém. E quando a gente foi pra casa da sua tia, que a gente foi pra casa da tia dele na passagem de ano. A tia dele teve que fazer tudo sozinha. A mãe dele só avisou que estávamos indo e o que ela pudesse comprar, no caso ela pagava alguma coisa depois, mas a tia dele fez todo o banquete, porque foi um banquete, um monte de coisa.

Paulo – A ceia, Renata... minha tia fez só...

Renata – Tudo bem, mas ela arcou com tudo, assim, com todo trabalho só. E aqui como a família é grande, pra não ficar tudo nas costas de uma só, a gente combina. Você faz isso e faz aquilo outro. E cada mulher chega lá com a sua panela, com seu prato...

[Paulo faz um barulho de bravo e todos riem].

Pesquisadora – O que você acha disso tudo, Paulo?

[Renata responde]:

Renata – Ele viu um casal saindo daqui do prédio, na mesma situação que a gente, com saco de presente, com panela, com não sei o quê, que inclusive é amigo dele, que estudou com ele na faculdade. Ele olhou, falou assim: – “Olha, lá como é que o...”. [risos]

Paulo – É cheio de coisa também, ah... Casos, assim, me incomodam, não tem nada a ver, sair com panela (...).

Na ceia na casa da tia ocorreu um episódio interessante. Catarina mostrou umas fotos que a nora havia lhe apresentado e como havia mais de uma, a tia pediu a Paulo que ela ficasse com uma. Paulo consultou a esposa se era possível, e ela disse que sim. Nesse momento, toda família calou-se, pois eles acham um absurdo o marido consultar a esposa para decidir algo.

Ao voltar ao Brasil, a separação dos pais de Renata foi confirmada. No período conturbado da separação, sua irmã mais nova, que vivera tudo de perto, engravidou e casou-se. Renata e suas irmãs engravidaram na mesma época, e a atual esposa do pai também estava grávida.

Após sete anos de casamento, Paulo e Renata tiveram uma filha, Inês. O casal descreve esse período como muito difícil. Renata ressalta que o companheirismo do marido a ajudou passar uma fase complicada:

Renata – (...) Ele ficou comigo na maternidade, minha mãe queria dormir lá, ele não... ele falou, não, eu quero ficar, eu vou dormir. Então, ele já me acompanhou desde a maternidade. Dormiu comigo todos os dias que eu fiquei lá, entrei numa quinta-feira, saí no domingo. E chegando aqui em casa, eu cheguei, é... chorando, muito porque eu tentando amamentar ela e não conseguia, desde a maternidade. E minha irmã, tinha tido neném tinha dias, então, minha mãe pediu para que ela fosse amamentar a Inês, porque ela tava chorando com fome. Na hora que eu vi minha irmã amamentando, eu falei: – “Poxa, eu ... eu devia tá amamentando, eu tinha que dar conta...”. Aí, aquilo já me deixou estressada. (...) Aí, eu cheguei em casa, aí, ele me ajudou muito, porque de madrugada, ele tava sempre presente. Ele segurava minha mão, ele sempre apoiava, ele...

Pesquisadora – Você ficou muito presente... ajudou muito.

Paulo – Tinha que ajudar... a filha é de quem? [Todos riem]

Renata – Eu tive depressão pós-parto e até a gente descobrir que eu tava com depressão pós-parto, demorou um pouco, mas mesmo assim, ele percebia que eu não tava bem.

Paulo – A Renata se cobra demais. Então, ela leva muita coisa assim, a responsabilidade, nossa tem que sair perfeito. Então, essa cobrança, que a mãe dele fez nela. E no meu caso não, ninguém me falou pra eu ser perfeito, de fato que eu sou totalmente torto, sabe, não tenho horário, sabe, sou indisciplinado.

Com o nascimento de Inês e a depressão de Renata, a família dela começou a freqüentar mais a casa do casal, o que foi e continua sendo motivo de incômodo para Paulo e de conflito na relação do casal.

Paulo considerava alta a freqüência da família da esposa na casa, além de não concordar com a quantidade de lanche que a esposa preparava para os visitantes. A esposa argumenta que essa é uma característica do povo goiano, que gosta de receber visitas com fartura. Ele explica que no Chile basta servir um cafezinho e está ótimo.

O casal discordava quanto à relação mantida por Renata e suas irmãs. Como elas tiveram uma criação mais coletivista, aprenderam a compartilhar tudo, desde pequenas. Quando se reúnem com as crianças, compartilham comidas, e se necessário, roupas. No Natal, compram brinquedos iguais e presenteiam tanto as filhas quanto as sobrinhas. Paulo não concorda em ter que pagar o mesmo brinquedo que oferece à filha para as sobrinhas de Renata e comenta:

Paulo – Abuso quando chega gente aqui... No Chile, você vai na casa de alguém, te oferece uma tacinha de vinho, ou um cafezinho, certo, é isso. Chega, só isso acho que tá bom, umas bolachinhas junto, tal, coisas assim. Agora, aqui não, aqui a pessoa tem que ter aquele lanchão, aquela coisa, sabe?

Renata – Tá vendo! Olha só, eu tenho uma irmã, que é a minha irmã do meio. Depois que a Inês, nasceu... nós no apegamos muito, porque minha irmã é medrosa com doença, minha irmã é medrosa com tudo. Eu já tinha passado uma fase difícil com a Inês, então, aprendi muita coisa, e a diferença de idade das meninas é de quatro meses, então, minha irmã me ligava totalmente insegura... Então, nós nos apegamos muito. Aí, o que que acontece, a minha irmã, por exemplo, vinha pra cá, passava a tarde, aí, aqui a gente dá banho nas meninas, põe as duas dentro da banheira, dá banho nas duas. Aí, põe roupinha, aí, tem dia que a minha irmã traz danone, traz peta, traz tudo. Tem dia que minha irmã não traz, aí, eu pego peta, pego danone, não sei o que... Dô pras duas meninas. Tem dia que a minha irmã, traz a sopinha das meninas prontas... Aí, eu pego a sopinha...

Paulo – Porque tem dia que é assim, tem dia que não é... todo dia?

Nesse momento da entrevista, a pesquisadora chama a atenção do casal para o fato de que eles parecem ter conceitos diferentes do que vem a ser família. Eles percebem que o conceito que os dois tinham de família era muito diferente. Para Paulo, família era a mulher e filha (família nuclear). Para Renata, a família incluía, além da família nuclear, os pais e irmãos (família extensa). O casal achou muito importante essa constatação que ocorreu logo na primeira entrevista e que permeou todo o processo. Segundo seus relatos, ficava mais claro o motivo de tantas discussões. Consideraram que esse aspecto precisava ser avaliado, pois interfere no estabelecimento de

fronteiras das famílias de origem. Ao conversarem, perceberam que já concordavam em muitos aspectos. Concordavam que na casa nova, que estavam construindo, não queriam aquela peregrinação de parentes na piscina, como ocorria na casa de Renata. Entretanto, ainda havia muito a ser conversado a respeito da frequência da família dela e da forma de receber os visitantes.

A relação do casal com a família de Paulo nunca foi uma relação fluida. Rodrigo sempre fez críticas ao filho por ter ficado no Brasil, por ter se casado, pela profissão que escolhera. Por ocasião do nascimento de Inês, o casal ligou para o Chile anunciando o nascimento da neta. Os avós só foram ligar uma semana depois, o que deixou Renata chateada.

Sempre que o casal de chilenos ligava, eles queriam falar com o filho, e Renata tinha um acesso mais restrito a eles, embora atualmente a situação esteja um pouco melhor.

No intervalo da primeira para a segunda entrevista, Rodrigo adoeceu e ficou internado. Paulo demonstra preocupação por não estar perto da família. Questionava-se a respeito de quem tomaria as decisões naquele momento, já que o pai é a pessoa forte da família e não estava bem. A mãe e o irmão sempre seguiram as decisões tomadas pelo pai. Eles ligavam para Paulo, que pouco podia fazer a distância. Renata destaca que a família de Paulo se fragiliza com a doença do pai.

Nesse período, também o irmão de Paulo esteve no Brasil. Como o marido trabalhava o dia todo, Renata fazia companhia para ele durante o dia. Ficou evidente a falta de intimidade com o cunhado, de acordo com o relato de Renata:

Renata – O irmão dele veio, eu não tenho assunto com o irmão dele, porque nós não temos um convívio familiar, entendeu? E o irmão dele, pelo fato do Paulo já estar trabalhando, o irmão dele ficava aqui comigo durante o dia. Só que a minha realidade é... pra eles é absurda. Por exemplo, a Inês, tá na escola pra ele é um absurdo, é... eu chegar da escolinha da Inês e ir dormir com a Inês, por exemplo, até três, quatro horas da tarde, pra eles é um absurdo. “Porque coitado do meu irmão que trabalha, e a mulher dele dorme.” Entendeu? Eles cobram uma posição do Paulo. O Paulo na presença a deles, muda comigo. O Paulo quis atender às necessidades de toda a família dele (...).

Renata fica indignada com tudo que o cunhado fala. O pior de tudo, segundo ela, é que ele vem ao Brasil, observa tudo e conta a visão dele para os pais. Renata sente desconforto na situação, pois a família de Paulo não percebe o que ela faz para ajudar o marido. Eles não percebem que ela tem ajudado o marido na construção da casa, fazendo o controle financeiro, negociando com pedreiros e outras coisas para os quais o marido não tem habilidade.

A vinda do irmão possibilitou que eles conversassem seriamente a respeito das diferenças entre as famílias. Nessa conversa, eles expressaram muitos aspectos que eles nunca haviam abordado. Renata falou que gostaria que ele se posicionasse ante a família dele, uma vez que ela sente que ocorre uma grande modificação do marido em relação a seus familiares. Ele tenta assumir um papel de que é ele quem manda na casa. Paulo falou do quanto se sente dividido, que não quer criar atrito com os pais porque os vê apenas uma vez por ano e que muito difícil, mas ele vai ver o que ele consegue fazer.

Por outro lado, o casal também ressentia-se com o comportamento do casal chileno. Já ocorreu de eles virem ao Brasil e não quererem chegar até Goiânia, como relata Paulo:

Paulo – Meu pai fala assim, que, prefere pegar um *tour* durante 15 dias. Pagar um pacote, sai... mais barato, que eles pegarem dois aviões, por exemplo, São Paulo-Goiânia. Goiânia... infelizmente nós tamos, muito fora dessa rota, né? Sabe, então, é complicado.

Um assunto recorrente nas entrevistas era que estava se aproximando o dia da chegada dos pais dele. Dessa vez, eles iriam chegar em um momento que o casal estava tomando muitas decisões. Após conversas que ocorreram em grande parte na primeira entrevista, eles decidiram pôr a filha na escola, a contragosto dos pais dele. A casa deles estava ficando pronta, e Paulo havia tomado dinheiro emprestado do pai para terminá-la, e este aspecto precisava ser conversado. Renata gostaria que o marido não modificasse tanto a sua conduta diante dos pais e comenta:

Renata – A gente tem preparado sim. A gente tá ansioso na verdade, porque toda vez... porque toda vez que eles vêm, a gente... a gente tem muitos conflitos. Como a gente conversou com você, as diferenças são muito grandes e principalmente na presença dos pais dele, ele se sente muito cobrado, ele se sente muito dividido, entendeu? Porque não existe uma abertura dos pais dele para a minha forma de viver, do meu jeito de ser, sabe? É a questão deles não, não, é... os pais dele. Por exemplo, não aceitem visita da minha família, de não se entrosar com a minha família. E a gente acaba afastando da minha família durante esse período todo que eles estão aqui, porque a gente fica tentando respeitar um pouco o lado dos pais dele.

O momento empírico foi encerrado após seis entrevistas com o casal e com a filha, que não participou apenas do quinto encontro. O clima das entrevistas foi descontraído, apesar da densidade dos temas abordados.

Seguem-se alguns fragmentos da última entrevista:

Renata – (...) no primeiro momento, quando você veio, que fez a proposta e tal, a gente assim, aceitou pela pessoa que você é, quando a gente encontrava você e tudo... Só que a gente achava que seria um pouco complicado, tá levantando todas essas questões. A gente já tinha feito terapia de casal antes, então... e talvez pudesse surgir uma coisa que ia... fosse dificultar um pouco o processo entre nós de novo, sabe? Mas, o que eu observei, o Paulo também comentou comigo, eu também senti a mesma coisa, você pode até falar com ele depois, é que eu acho que é... diferente do que a gente tinha visto na terapia de casal. A gente achou o comum, porque a gente achava, que a gente era muito diferente, sabe? A gente realmente é diferente. Mas a gente pensou que a diferença fosse muito grande, que fosse tudo muito complicado, que é... que as dificuldades fossem realmente muito grandes, elas são, mas a gente viu com você, que a gente também tem muita coisa que a gente acabou entrando em negociação e que a gente nem tinha percebido isso, assim (...).

Paulo – (...) hoje, eu entendo a Renata. A Renata me entende melhor. Acho que... sabe isso me ajudou muito a esclarecer no que eu queria, sabe. Esclarecer, pra encontrar as palavras certas, pra poder comentar a respeito disso. Achei interessante que o fato dessa diferença de onde nós viemos, é... essas nossas diferenças,

entendeu? Foi uma coisa positiva nesse sentido. Eu via diferente, se esclareceu melhor e... tomou outro rumo.

Renata – Eu achava, por exemplo, a gente não ia conseguir nunca chegar num denominador comum com relação a isso, que a gente fosse levando, assim, sabe? Que eu... um dia eu ia tolerar as posições dele, outro dia ele ia tolerar as minhas... Eu passei a ver isso de uma outra forma (...)

No decorrer do processo, o casal deu um novo passo, o de aprender a falar a respeito do que sentiam e pensavam, em uma conversa franca e aberta. Anteriormente, expressavam-se em momentos de explosão.

O término do processo de entrevista foi concomitante com o fim da construção da casa. Na última entrevista, eles conversaram acerca do quanto aprenderam ao construir a casa juntos. Sabiam que estavam começando um novo desafio e que teriam que renegociar uma série de questões, como a frequência de pessoas, o convívio com novos vizinhos, etc. Enfim, a história continua...

CAPÍTULO V

O PROCESSO DE ANÁLISE CONSTRUTIVO-INTERPRETATIVA DAS INFORMAÇÕES

A análise construtivo-interpretativa descrita neste capítulo perpassou todos os momentos deste estudo. Alicerça-se nos conceitos teóricos já desenvolvidos, no momento empírico e na transformação das entrevistas em processo histórico. Assim, o escopo deste capítulo é o de promover a interlocução entre esses vários momentos, propiciando a geração de idéias e a produção de sentido.

Para tanto, utilizaram-se de indicadores que foram abrindo novas zonas de sentido, conforme apregoa a metodologia de González Rey (2002, 2003a). O indicador, de acordo com González Rey (2002) é

uma construção capaz de gerar um significado pela relação que o pesquisador estabelece entre um conjunto de elementos que, no contexto do sujeito estudado, permite formular uma hipótese que não guarda relação direta com o conteúdo explícito de nenhum dos elementos tomados em separado. (p. 113)

Novos conceitos e categorias são produzidos com base no desenvolvimento de indicadores. Esse processo é gerador de explicações singulares a cada um dos casos no que tange à temática estudada.

5.1 José e Anastácia – a intersubjetividade gerada e dificultada pelo enfrentamento de situações adversas

5.1.1 Tema – as adversidades como fortalecedoras e enfraquecedoras da relação do casal

As adversidades enfrentadas pelo casal apareceram no decorrer do processo de entrevista com diversas roupagens. Assim, o clima emocional das entrevistas sempre foi muito intenso, pois o casal relatou de forma emocionada momentos marcantes de suas vidas.

O contexto histórico em que a relação do casal teve início influencia suas vidas até o presente momento. Nesse sentido, percebe-se a relevância da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1998, 2000) que enfatiza os aspectos sociais no processo de internalização, categoria adotada nas teorias de Valsiner (1997, 1998) e de Matusov (1996, 2001) para explicar os processos intersubjetivos.

As famílias de José e Anastácia, embora tivessem vivido em países diferentes, possuem aspectos comuns em suas histórias. A mãe de Anastácia separou-se do marido e serviu o país na Segunda Guerra Mundial sendo condecorada com medalhas. A mãe de José separou-se do primeiro marido, casou-se com o pai de José, político de esquerda e atuante no movimento de 1930, que culminou em uma revolução no Brasil. As duas famílias cultivavam o comunismo.

Os teóricos da terapia familiar (Carter & Mcgoldrick, 1995; Andolfi, 1996) ressaltam a importância dos valores familiares recebidos das gerações anteriores. Nesse sentido, atenta-se para o orgulho que José e Anastácia manifestam em relação às histórias de suas famílias de origem. Assim, suas culturas pessoais (Valsiner 2000, 2001, 2003) receberam forte influência de suas famílias de origem, sobretudo no que tange ao enfrentamento de situações difíceis e de sofrimento. Compreende-se que tais situações foram internalizadas e transformadas pelo casal em um sentido de honradez, no enfrentamento de situações adversas.

Dessa forma, pode-se afirmar que a saída de José do Brasil rumo à Rússia por motivações políticas, é motivo de orgulho para ele. Sua história pessoal e a interação dela com a história de sua família, constituíram a sua cultura pessoal (Valsiner 2000, 2001, 2003), uma vez que a cultura tem um caráter histórico.

A ida de José para a Rússia ocorreu em um clima tenso, uma vez que ele fugiu do Brasil para evitar sua prisão por questões políticas. Ele relata:

José – Eu fiz parte dos estudantes que invadiram o tiro de guerra [quartel militar] em Anápolis em 1967, para defender o governo de Mauro Borges. Eu era novo e idealista. Nessa época, fui preso, passei por tortura. Depois disso, tive que fugir do país. Passei por Paris, até chegar na Rússia. Fui para Moscou e depois para Kiev. Fiquei em um local destinado aos refugiados do Partido Comunista, em Kiev.

Esse episódio foi contado em vários momentos do processo de entrevista. Trata-se de assunto mencionado por José com orgulho de ter feito parte desse momento histórico de Goiás e, por outro lado, ao falar da tortura, seu rosto transforma-se em uma expressão de dor.

O momento histórico de José e de Anastácia pode ser considerado como fios, que ao se entrelaçarem, possibilitam a co-construção de um tecido que veio a constituir a relação do casal, que teve início com as motivações que levaram José e Anastácia ao casamento, o que pode ser evidenciado no trecho que se segue:

Pesquisadora – E por que vocês resolveram casar rápido? Que foi dando vontade de casar?

José – A vontade, pode ser também por que eu estava distante de casa. Pode ser também problema... falta de... não sei. Pode ser carência. O que poderia ser mais? Não sei. Podia ser uma porção de coisa, né? Foi muito rápido, né? Não sei.

Pesquisadora – E a senhora dona Anastácia, o que a motivou a casar?

Anastácia – Gostei dele!

José – Eu também gostei e tudo, né? Pode ser que forçou mais à distância, aquele negócio todo.

O casal foi levado ao casamento por motivações singulares. José casou-se pela necessidade de constituir família, uma vez que estava distante de sua família de origem, e Anastácia casou-se por questões afetivas.

José procurou similaridades entre a cultura russa e a brasileira, o que ele encontrou diz respeito muito mais à sua cultura pessoal do que à cultura coletiva (Valsiner, 2000, 2001, 2003) do Brasil, na época de sua vivência e atualmente. José, embora seja brasileiro, crescera em um ambiente familiar pautado por uma cultura comunista. O ambiente que José encontrou na Rússia lhe era muito familiar, como pode ser comprovado no fragmento a seguir:

José – É eu era... toda vida gostei muito da Rússia, da China. Eu aproximava muito por causa da política. Então eu vivia muito e até hoje eu tenho muito... assim amor, aquele negocio todo pela... principalmente na época, pela política e tudo, né? Então eu sentia lá como se fosse minha pátria. Eu fui bem, acolhido. Eu sentia como se eu fosse um cidadão russo, eu sentia muito bem lá. Então isso parece que... tinha muito amor.

Pesquisadora – Isso ajudou na escolha do casamento?

José – Parece que isso aí contribui. Essa diferença eu não sentia. Muito embora eu sei que as diferenças eram grandes. A diferença de língua, da cultura... as coisas assim bem distância... bem assim... se comparada a nossa aqui. Mas muita coisa assim da nossa alma é muito parecida, com a alma russa.

Ao perceber elementos comuns às suas culturas pessoais, José e Anastácia conseguem gerar o senso de pertinência no casamento (Minuchin & Fishman, 1990; Andolfi, 1996), o que pode ser percebido nas palavras de José: “O russo tem muita coisa assim do mineiro. É aqueles negócio... e é muito amigo. Você faz alguma coisa para ele e ele quer contribuir com alguma coisa para você. Ele sempre retribui”.

Um das primeiras dificuldades enfrentadas pelo casal conjuntamente foi a rejeição da família de Anastácia do casamento deles. Embora José tenha dito em vários momentos da entrevista que “a Rússia me recebeu de braços abertos”, a família de sua esposa fazia restrições ao casamento, como revela o diálogo, na seqüência:

Anastácia – Minha família foi contra.

José – É que toda a família foi contra... Deixa eu só falar um negócio. Eu brasileiro, vindo de um país capitalista. Ela sair de um país socialista, com outros costumes, com outras coisas, casando com uma pessoa que ela ia ter problemas, uma porção de coisa. Mais ou menos isso que você queria falar.

Anastácia – É isso, a minha família. Minha mãe não era tão contra...

Nesse trecho, fica evidente a dificuldade que os russos tinham para aceitar um estrangeiro, uma vez que o país vivia o contexto da guerra fria, e supunha-se que qualquer estrangeiro pudesse ser um espião enviado pelos Estados Unidos da América

A sensação que José manifestava de considerar-se *um cidadão russo*, mesmo passando por situações de não-aceitação, foi importante no primeiro momento do casamento para a construção do mundo de convivência. Tal aspecto indica a disposição para estabelecer a comunicação que alicerça do processo de intersubjetividade no qual o casal estabelece intenções complementares e desempenham papéis recíprocos (Rommetveit, citado por Valsiner, 1997). Esse aspecto pode ser observado no empenho de Anastácia em ajudar José, em seu ingresso no instituto. Ela o auxiliava quanto às dificuldades com a língua. Eles também se apoiaram mutuamente nas duas gestações interrompidas por um processo natural, e juntos, eles procuraram as causas das interrupções.

Segundo o casal, eles tiveram muitas divergências no início do casamento (Andolfi, 1996; Minuchin & Fishman, 1990; Carter & McGoldrick, 1995), mas conseguiram superar essa etapa da vida a dois em virtude do papel exercido por Anastácia para acalmar a situação. Nas palavras dela, “casamento é tudo igual, e depende muito da mulher, para fazer durar”.

Essa concepção compartilhada pelo casal faz parte da cultura pessoal de ambos e pode ser percebida na cultura coletiva (Valsiner 2000, 2001, 2003) existente em diversos países (Áries & Dudy, 1992).

Na chegada ao Brasil, José e Anastácia tiveram que enfrentar situações difíceis, como o acidente em que Anastácia sofreu um afundamento do maxilar, a prisão de José, a gravidez de

Anastácia. Foram momentos em que o casal se separou por questões circunstanciais e viveram cada a qual a seu modo situação de profunda solidão e tortura. Esses momentos repercutem na relação atual do casal, por manifestarem dificuldades de compartilhar e expressar sentimentos. Segue-se um diálogo representativo desses momentos:

José – Nós chegamos, aconteceu uma porção de coisa. Houve o acidente em Brasília, em setembro de 75. Eu estava muito apreensivo, aquele negócio todo, eu vindo da União Soviética. Ela não falava a língua direito.

Anastácia – Não falava nada.

José – Não falava nada. Dia 13 de novembro eu fui para São Paulo, mais ou menos isso. Eu fui buscar uns livros umas coisas nossas lá, a mudanças nossa. Aí, eu fui preso. Ela já estava grávida.

A gravidez de Anastácia foi considerado por ela um elemento fundamental para sua permanência no Brasil. Nas palavras de Anastácia, “eu fiquei também porque eu estava grávida”. Existe uma série de elementos que favoreceram sua permanência no Brasil. Assim, pode-se dizer que a compreensão do sistema passa pela leitura dos vários elementos que o compõem e que se articulam entre si (Zinker, 2001).

Nesse caso, fazem parte do contexto a própria história do casal, o acolhimento da família de José, as dificuldades de Anastácia com a língua, a estranheza que ela sentiu em relação aos costumes brasileiros, os valores pessoais que ela possui referentes ao casamento, a gravidez, a prisão de José por questões políticas, as quais eram compartilhadas por ela, a não-aceitação de

José da gravidez de Anastácia, etc. Existiam vários elementos que patrocinaram a sua permanência, e alguns não foram citados, nesse momento.

É interessante perceber que na Rússia as diferenças foram minimizadas, pois José se constituía em um ambiente que tinha elementos da cultura russa da época. Já no Brasil, a integração de Anastácia à cultura brasileira foi vivida com dificuldades, uma vez que as diferenças culturais tornaram-se evidentes. Vale ressaltar que o próprio José se sente ainda deslocado nos contatos sociais no Brasil, pois a sua história está impregnada de valores comunistas. As dificuldades de Anastácia podem ser encontradas no fragmento que segue:

Pesquisadora – Esse período todo a senhora ficou sozinha, assim sem a companhia dele. Estava com a família dele?

Anastácia – Andava com um dicionário pra aprender a falar. Eu assistia televisão que ajudava. Eu aprendi falar português rápido. (...) Os filhos do Pedro [irmão de José] me ajudaram muito conversando em português comigo.

Pesquisadora – Eles que conversavam com você para ajudar a aprender a língua? A família ajudou muito, né?

Anastácia – Tudo era muito diferente a comida, os costumes. (...) Era muito difícil.

José – Foi um choque para ela.

Anastácia – Como eu não falava, eu olhava na expressão das pessoas. Tentava entender o que eles falavam.

Enfim, pode-se dizer que o movimento dialético das culturas pessoais de José e Anastácia foram sendo articuladas com os vários elementos do ambiente (Valsiner 2000, 2001, 2003), muitas vezes contraditórios, possibilitando o enfrentamento de situações difíceis.

O contexto em que o casal viveu, com suas vidas vasculhadas, culminou em um processo de fechamento do casal para o convívio social. A própria história vivida pelo casal, de não poder falar com qualquer pessoa sobre as torturas sofridas, favoreceram que eles se fechassem em si mesmos com suas dores e angústias. Muito do que José e Anastácia viveram separadamente não foi compartilhado pelo casal, que acabou por fazer companhia um ao outro de uma forma silenciosa. Seguem-se alguns trechos concernentes a essa temática:

José – (...) A gente queria transformar o Brasil, não só o Brasil, né? Com aquela tendência de querer mudar tudo as coisas, acabar essa diferença, né? De ricos e pobre, né? Haver mais ou menos uma certa igualdade, né?! Então, a gente tinha isso, essa idéia de transformar, de mudar (...). A gente começou na clandestinidade, a gente não usava o próprio nome, colocava outros nomes, por causa da infiltração da polícia, aquele negócio todo pra todo lado. Então, a gente ficava com mais receio, conversava menos, não tinha esse negócio de falar muito. (...) ABIN – Agência Brasileira de Informação – antes era o SNI [Serviço Nacional de Informação], ABIN, me acompanhava até um certo tempo, agora não sei (...).

O processo de fechamento tanto de José quanto de Anastácia em seus próprios mundos repercute na relação do casal. Fica subentendido, no decorrer do processo de entrevista, que muitas vivências do casal não foram compartilhadas no decorrer de suas vidas conjuntas. Eles se

fecharam nos seus mundos pessoais. Nesse momento, houve um processo de estagnação da própria relação do casal. Pode-se dizer que o contexto histórico em que viveram, em alguns momentos, dificultou encontro pautado pela reciprocidade (Buber, 1982, 2001), dificultando a constituição do processo intersubjetivo.

Em alguns momentos, tanto José quanto Anastácia estiveram muito sozinhos ante as suas dificuldades pessoais, sobretudo quando tinham opiniões divergentes, como por exemplo, quando ela foi para Rússia, e ele prometeu enviar os filhos posteriormente, o que não ocorreu. Nesse momento, o casal teve dificuldades de estabelecer um processo comunicativo.

Pode-se dizer que a relação intersubjetiva entre José e Anastácia ocorria em momentos em que estabeleciam o processo interativo e atuavam *como se* eles compreendessem-se (Valsiner, 1997, 1998). Essa predisposição *como se*, promove a comunicação gerando a intersubjetividade. Em situações em que divergiam, algumas vezes, não conseguiam estabelecer a base comum temporária (Valsiner, 1997, 1998), ou coordenar as contribuições divergentes, conforme teoriza Matusov (1996, 2001). A própria circunstância de enfrentamento de situações adversas parece ter dificultado o processo intersubjetivo.

Outro tema recorrente na vida do casal diz respeito à doença, que em Anastácia teve manifestações orgânicas mais claras e, em José, ressaltam-se manifestações psicológicas, e só na última sessão ele falou a respeito da sua impotência sexual. Eles organizaram as suas subjetividades, protegendo-se do mundo, evitando expressar sentimentos e pensamentos, o que os distanciou em alguns momentos, porém se aproximavam muito em outros, ao perceberem que o parceiro não estava bem de saúde. Assim, pode-se dizer que o casal, ao enfrentar questões relativas à doença, na grande maioria mencionada por eles, tinham uma abertura maior para processo intersubjetivo nos termos apontados por Valsiner (1997, 1998).

A compreensão da saúde, segundo González Rey (2004), passa pelo entendimento do processo emocional, o qual espelha a relação entre o indivíduo e o seu meio e, ao mesmo tempo, reflete os processos de organização da subjetividade. A saúde debilitada do casal reflete a interação pessoa/ambiente. Percebe-se, em Anastácia, uma seqüência de doenças que podem ser elucidadas pelo contexto histórico vivido pelo casal e pelos processos emocionais manifestados, como se observa nesse diálogo:

Pesquisadora – O que aconteceu? Foi um problema nas cordas vocais, né?

José – Acho que foi um derrame, alguma coisa, ela ficou muito tensa, né? O médico fala que é derrame, né? Algum assim (...).

Em outro momento, a constatação de que ela estava com câncer, foi assim relatada:

José – Não é fácil. Ela sofreu muito, foi um baque muito grande. Aí, ela fez todos os exames aqui, depois nós fomos pra São Paulo, em São Paulo foi fazer as aplicações de... de radioterapia e quimioterapia. Ela foi fazer tudo isso em São Paulo.

Anastácia – Os primeiros cinco antes fiquei esperando que pudesse voltar.

José – Ela fava constantemente que não ia durar muito, não sei o que lá.

O próprio José relata ter sido prejudicado psicologicamente, após ser torturado, o que pode ser contatado a seguir:

José – Que eu estava praticamente... como eu lhe falei em São Paulo, passei por tortura física e em Brasília, tortura psicológica, esta foi a pior. Física você sente. Você sente a dor e tudo, ainda tá consciente; na psicológica, você fica inconsciente. É igual esses testes que faz em laboratório com ratos, depois você tem que matar o rato porque ele fica doido mesmo. Eu tive uma sorte muito grande quando eu consegui sair de Brasília e me trouxeram aqui pra Cepaigo, tinha um médico psiquiatra, que me auxiliou. Ele estava preso lá.

Um dos efeitos da tortura foi relatado por José:

José – Muito embora, o relacionamento nosso assim, é... sexual, assim, não seja... que eu já tenho problema...

Pesquisadora – E como é que vocês foram se reorganizando, com essa mudança na questão da sexualidade de vocês?

José – É uma coisa interessante, acho que pra nós não fez... pra mim não fez falta, não. É impressionante falar uma coisa dessa.

O casal reconhece, no decorrer das entrevistas, a necessidade de reconfigurar sua relação, uma vez que os filhos, a quem se dedicaram por anos, “estavam encaminhados na vida” (nas palavras de José) e eles podiam olhar mais para a relação deles. A relação do casal, por algum tempo, deixou de focalizada, e José e Anastácia voltaram-se para a tarefa de criar os filhos. Autores como Minuchin e Fishman (1990), Carter e McGoldrick (1995) e Andolfi (1996) ressaltam a importância da preservação da relação conjugal com a chegada dos filhos, que não aconteceu por algum tempo na relação de José e Anastácia.

O processo de entrevista possibilitou que falassem e compartilhassem os seus sentimentos e pensamentos. Tal fato fica evidenciado em um encontro casual que a pesquisadora teve com a filha do casal fora do ambiente da pesquisa. Lia agradeceu à pesquisadora por estar fazendo a pesquisa com seus pais e declara: “Eles ficam muito bem quando você vai lá (...) eles estão até namorando”. Em outro momento, José diz: “Depois que começamos a conversar, tem dado uma saudade da Rússia, a Anastácia tem pedido para ligarmos lá e isso tem sido bom”. Peres (2001) afirma que a pesquisa qualitativa promove o desenvolvimento das pessoas, em decorrência do processo de entrevista.

5.2 Paulo e Renata – os avanços e retrocessos no desenvolvimento intersubjetivo

5.2.1 Tema – o medo da separação como interruptor do diálogo

Este tema aponta uma crença da cultura popular de que a emergência de diferenças abre a possibilidade da separação. Dessa forma, o casal evita entrar em contato com as diferenças, embora saiba de sua existência, o que pode ser evidenciado em diferentes momentos do processo como o que se segue:

Renata – Ah, sei lá, acho assim que... pode ser assim, que no primeiro momento, quando você veio, que fez a proposta e tal, a gente assim, aceitou pela pessoa que você é... Só que a gente achava que seria um pouco complicado, tá levantando todas essas questões, que a gente já tinha feito terapia de casal antes, então... e talvez pudesse surgir uma coisa que ia... fosse dificultar um pouco o processo entre nós de novo, sabe?

Trata-se de uma reação diante dos temores sentidos ao depararem-se com as diferenças que a relação pudesse passar por dificuldades. No entanto, a história do casal traz elementos não-explicitos de suas diferenças e que não eram ditas, como, por exemplo, ao falarem das famílias de origem ou quando faziam algo que desagradava ao outro, existia uma real dificuldade de aceitação as diferenças. A falta de consciência desse aspecto traz dificuldades na relação.

Percebeu-se, no decorrer das entrevistas, que, ao resgatar os pontos comuns, o casal encontra o alicerce para que possa começar a falar das diferenças. Durante a primeira entrevista, o casal começou falando a respeito da educação da filha e, depois, eles abordaram uma temática relacionada aos dois, e, ressaltaram a igualdade entre eles, como pode ser evidenciada neste diálogo:

Paulo – Eu acho que se eu casei com ela, foi pelo fato de ter muita coisa afim, questão de educação mesmo...

Pesquisadora – De educação?

Paulo – Educação dos filhos, da família, porque é muito difícil por exemplo, a família da Renata era... eu acho que eu me... quando eu cheguei aqui em Goiânia eu me... me apoiei muito, na família dela, foi como eles me acolheram, então porque... mas... me acolheram porquê, me acolheram, sabe porque eu quis que eles me acolhessem. Por uma questão de... de ter uma certa semelhança. Me identifiquei com a família, o pai, a mãe, sabe? Como meus pais, entendeu, então...

Pesquisadora – Tinha muita coisa em comum?

Paulo – Tinha muita coisa em comum, entendeu?

Renata – Em comum, a questão do lar... No momento que ele me encontrou e a gente começou a namorar, o que eu senti, que ele já me falou também, é que ele procurava uma pessoa que tivesse aconchego... como ele acolher, ser acolhido.

Pesquisadora – Aí vocês, é assim... Aí, teve toda essa coisa, que você encontrou na família dela um aconchego parece, né?

Paulo – É, um aconchego... Esse aconchego é o mais importante.

O casal, ao buscar as semelhanças entre eles, procura constituir os pontos de convergência que dão senso de pertinência e fortalecem a díade (Minuchin & Fishman, 1990; Bronfenbrenner, 1996). Ao fortalecerem-se como casal, favorece a constituição do processo intersubjetivo (Valsiner 1997, 1998; Matusov, 1996).

O momento empírico propiciou ao casal a oportunidade de ir, aos poucos, entrando em contato com questões evitadas ou faladas com pouca profundidade. O recuo ante os incômodos ocorreu ao longo do relacionamento, o que gerou, de forma recursiva, a interrupção do diálogo. Essa interrupção pode ser constatada também nas suas famílias de origem. Nesse sentido, tiveram um modelo de relação de intimidade calcado na evitação do diálogo, o qual se constitui em um padrão familiar, que é perpetuado por Paulo e Renata, como se constata no trecho que segue:

Renata – Uma coisa que minha mãe conta que chocou muito ela, após eles terem se casado, é que minha mãe não sabia que ela ia se casar com meu pai, mas que meu pai já tinha combinado com a família, que a família ia morar junto. Minha mãe disse que quando casou, disse que eles compraram os móveis com muita dificuldade...

Paulo também evidencia a falta de diálogo entre os pais quando diz: “meu pai não é de perguntar as coisas para minha mãe, ele faz e quando está pronto, pergunta se ficou bom”. Ressalta também que a mãe se anula, para evitar conflitos. Renata destaca que no caso família de Paulo prevalece o que o pai determina.

Assim, percebe-se que Paulo e Renata evitaram entrar em contato com os conflitos, interrompendo o processo comunicativo, repetindo o padrão das famílias de origem. Ao ficarem presos a padrões em que os diálogos são evitados, ocorre o empobrecimento do processo dialético. O diálogo estabelecido pelo casal constitui a base do processo dialético que é gerador do desenvolvimento da novidade (Valsiner 2001). O casal pode tornar-se receptor passivo das mensagens da geração antecessora (Valsiner 2000, 2001, 2003), caso não consigam transformar a cultura pessoal e nem a cultura do casamento.

Entretanto, percebem-se, nesse casal, avanços e retrocessos quanto à quebra dos padrões das famílias de origem. Esse é um indício do processo de desenvolvimento descrito por Vygotsky (1996) e González Rey (1999), o qual ocorre de forma complexa, irregular e multidirecional. O desenvolvimento do casal possibilita o fortalecimento da relação diádica (Minuchin & Fishman, 1990; Bronfenbrenner, 1996) conforme pode ser constatado no diálogo:

Paulo – Um fato que me chamou a atenção, que foi justamente, é que sempre com tropeços, com brigas, com tombos, a gente tá sempre tentando ficar junto, entendeu? Isso é bom pra nossos ânimos. Isso eu acho legal que... Apesar, das dificuldades, apesar das nossas divergências, tamo aqui. E tamo tentando ficar juntos, segurar um a mão do outro, entendeu... de uma certa forma.

Pesquisadora – Mesmo nas contradições, que são muito importantes.

Paulo – É, as contradições são. É aquele negócio, nessas contradições que se gera um senso em comum.

Pesquisadora – É, né?

Percebe-se, no entanto, a dificuldade de o casal manter a díade fortalecida, pois não conseguem estabelecer limites com as famílias de origem (Minuchin & Fishman, 1990). A família de Paulo, embora distante tem tanta interferência nas relações do casal quanto a família de Renata, como pode ser visualizado no diálogo que se segue:

Renata – ... Eu vejo é que essa questão cultural, mesmo, essa questão dele, que ele tem alguma particularidade, assim como eu tenho as minhas. Eu acho assim, que quando estamos eu e ele, dá pra gente ir encaixando as coisas. A gente desentende aqui, mas acerta ali. Agora, quando há a presença da família dele, eu... aí, eu... parece que eu sinto que a diferença é muito grande, sabe? Aí, eu me sinto assim, eu fico pensando... Eu acho que eu nunca vou conseguir é... me encaixar nos padrões que a família dele deseja. E aí, eu vejo ele dividido. Aí, eu vejo que tudo aquilo que a gente construiu longe da família dele, parece que tá meio que desmoronando naquele momento.

Paulo – Quando o meu pai e minha mãe vão embora, eu sinto um alívio.

Pesquisadora – Você fica aliviado.

Paulo – É... Nossa! Eles sugam. Eles querem saber de tudo, e não é assim. Eles não se adaptam aqui.

Paulo menciona as interferências da família da Renata, confirmadas por ela:

Paulo – A Renata se sobrecarrega muito, ela procura coisa para se sobrecarregar. Quer resolver os problemas, da família dela. A irmã tá com problema com o marido, ela quer ir lá, resolver o problema. O pai tá passando mal...

Renata – É porque, quando meus pais se separaram, o que que aconteceu... as minhas irmãs, elas se apoiaram muito em mim, de uma certa forma (...).

Embora Paulo relacione-se bem com a família de Renata, eles têm conflitos, pois o marido considera que eles freqüentam muito a casa do casal. Paulo também não concorda com a forma que a esposa os recebe. Foram inúmeras as discussões, segundo o casal, ocorridas pela função da não-definição de fronteiras que fossem compatíveis com o casal, ou seja, que emergissem da relação do casal – da relação intersubjetiva. Ao contrário, cada um dos cônjuges tenta manter os padrões de interações advindos de suas famílias de origem. Eles não tinham consciência da reprodução do padrão familiar, e a falta de diálogo faz sobressair pontos de estresse promovidos pelas diferenças.

No decorrer do processo, estabeleceu-se diálogo a respeito da diferença conceitual de família, que fora constituída historicamente na vida do casal. O processo de conscientização pode ser visualizado nesse diálogo:

Renata – Você sabe que, por exemplo, eu me sinto feliz, quando eu tô fazendo alguma coisa por alguém, quando eu tô presenteando... eu prefiro presentear do que receber um presente.

Paulo – Isso aí, eu também gosto. Eu gosto na família. Gosto na família. Eu quero agradar a minha família. Meu pai era assim, gostava de agradar a família dele.

Renata – Mas a família... é isso que eu gosto.

Pesquisadora – De que família vocês estão falando?

Paulo – Eu, por exemplo, queria dar do bom e do melhor para minha esposa e para meus filhos.

Pesquisadora – E isso é diferente, para vocês?

Paulo – Porque eu sei o valor da coisa, eu sei o valor da coisa, esse lado, de dar o melhor, por exemplo, eu vou lá comprar um brinquedo bom, pra ela [fala olhando para a filha], aí, ela [olha para a esposa] vai e empresta?

Renata – No natal, eu comprei essa mesma maletinha pra Inês, pra Vitória e pra Bebel, que são minhas sobrinhas, e pra Carla que é minha irmãzinha...

Pesquisadora – Para o Paulo, a família é vocês e a Inês, a família nuclear. Pra você, a família envolve os pais, as irmãs, as sobrinhas, a família extensa... vocês tiveram uma criação coletivista (...).

Renata – (...) achei interessante o que a gente conversou hoje. Eu não tinha percebido dessa forma... que ele vê a família...

Paulo – nuclear...

Renata – Isso é fonte de um grande conflito que a gente tem.

Paulo – É.

No decorrer do processo de entrevista, ocorreu a emergência de situações de divergência, mas não necessariamente conflituosas e que, antes, não haviam sido reveladas. Pode-se afirmar que eles experimentaram situações em que expressaram suas posições e conseguiram preservar a si mesmos e ao casal. Essa experiência aproxima-se da teorização realizada por Katriel e citada por Matusov (1996, 2001) a respeito do discurso *dugri*.

Na quarta entrevista, Renata comenta sobre a experiência do casal:

Renata – A gente, durante muito tempo, as coisas aconteciam, eu percebia, essa questão dele querer agradar o pai dele e a mãe dele e mais, quando a gente se juntava, ele ficava assim, dividido. Eu percebia que ele mudava muito comigo, entendeu? Mas eu sempre tentava entender... Ah é uma coisa tão rápida... É um mês que eles vão ficar aqui, e depois vão embora... Foram ficando mágoas do lado dele e minha, que a gente... foi guardando... guardando... guardando... Nesses dias pra trás, a gente sentou pra conversar, entendeu? Coisas que eu fiz, por exemplo, até na época do casamento em si (...).

Nessa fala de Renata, evidencia-se a interrupção do diálogo, durante anos, e ao mesmo tempo, a iniciativa do casal em conversar a respeito do que deixaram escondido e que provocara mágoas. À medida que esses diálogos são estabelecidos, são constituídos momentos de intersubjetividade entre eles, conforme pode ser constatado a seguir:

Renata – Ele não tinha falado, que ele achou um absurdo o quanto o meu pai gastou com o casamento... É... Eu já sabia dessa questão do casamento, mas eu não tinha visto a visão dele. Por exemplo, que é... é... também uma questão deles. Por exemplo, ele sabia que aqui no Brasil o casamento é assim, a gente casa na igreja pra gente poder é... é... tipo assim, prestar uma satisfação, pra... pros familiares, pra sociedade, entendeu? Meu pai, na época, tava muito bem de situação, tava na XY, meu pai quis dar pra primeira filha dele, um casamento legal (...).

Paulo – É, não via. E eu realmente me sentia assim...

Pesquisadora – Você não concordava com esse tipo de casamento, com o casamento dos sonhos dela...

Paulo – Não, não que eu não concordava é uma... O que eu queria, é que na hora do meu casamento, a pessoa mais importante da história, ia ser... ia ser eu, porque no momento ela era pra minha mais importante. Não interessava se a roupa ia sair bem ou mal. Não interessava se o pai ou a tia ou a vovó ia agradar nosso casamento ou não. Então, ela tinha que dar muito essa atenção ao tio, o vó, ou aquele vó, sabe? Tô nem aí, se gostou, gostou (...).

Pesquisadora – Foi um choque cultural, mesmo, essa hora, né?

Paulo – Foi... Às vezes eu vejo que o casamento foi feito, não foi feito para nós e sim, para mostrar para os... para a família dela.(...)¹¹.

Ao final desse encontro, no fechamento da entrevista, o processo de avaliação continua:

Renata – Pra mim o que ficou de... de muito positivo... é nessa... nessa fase nossa agora, é que uma coisa que eu consegui, que era uma coisa que eu precisava muito era de ouvir o Paulo. Saber o que realmente o que que ele pensava. Saber o que que ele sentia... aí, consegui depois de oito anos de casada...

Paulo – Eu acho... eu, pessoalmente, acho que ela não me entendia. Porque eu sempre falava, só que...

¹¹ O diálogo prossegue e pode ser visto em detalhes no capítulo IV.

Renata – Ele falava de outra forma.

Outro aspecto que vale a pena ressaltar é o ideal de amor romântico próprio da sociedade burguesa (Áries, 1992; Vaitsman, 1994) que permeia essa relação, na qual existem os conflitos naturais da sociedade contemporânea (Vaitsman, 1994). O amor romântico é um indicador que se adere ao tema maior – o medo da separação como o interruptor do diálogo – uma vez que existe uma configuração constituída historicamente de que os conflitos são nocivos para a relação.

Os indicadores dessa perspectiva romântica são encontrados em vários momentos, por exemplo, quando Paulo descreve o momento em que a conheceu – “ela era a mais bonita, a garota mais bonita do... todos comentavam a respeito dela”. Vale destacar o próprio ritual do casamento que pode ser descrito como a princesa que se casa com o príncipe e vive feliz para sempre. Esse ritual comum em diversas culturas pode constituir-se em um empecilho ao desenvolvimento do casal, uma vez que o início da vida conjugal requer constante negociação dos cônjuges para que possam configurar padrões relacionais que lhes sejam próprios, evitando com isso a repetição dos padrões familiares (Minuchin & Fishman, 1990).

O medo da separação pode também ser percebido na própria separação dos pais de Renata. O casal ficou muito mobilizado com essa separação, e interferiu na tentativa de manter a relação dos pais de Renata, como revelam os cônjuges:

Paulo – Eu acompanhei o processo da separação dos pais da Renata. Então, eu nunca pensei...

Renata – É que meus pais são separados...

Paulo – Que os pais iam se separar. O fato que eu sempre sou... é... era o único... o último cara, que falava assim... eles vão voltar, eles vão voltar, eles vão voltar...

Renata – A gente ficava o tempo todo achando que fossem voltar.

Paulo – Entendeu? Eu botando semente positiva nela, entendeu?

Em outra entrevista, Paulo retoma o assunto:

Paulo – Eu sou um sonhador nessas coisas, acredito que em uma briga, por exemplo, numa discussão, a gente sempre encontrava um encontro... meio termo. Eu não achava que esse casamento não ia se acabar de jeito nenhum (...).

A separação dos pais de Renata promoveu grande estresse na relação do casal. São percebidos três fatos que, além de abalar o casal, estão ligados às histórias de vida das suas famílias e à história de constituição da própria relação do casal. O primeiro a ser destacado é a interrupção da gravidez de Renata, que mobilizou Paulo pelas cenas a que assistira dos abortos que a mãe sofrera¹². Essas cenas marcaram a vida de Paulo e tiveram grande peso no adiamento da decisão de ter filhos.

O primeiro evento está ligado diretamente ao segundo. Diz respeito à gestação de Paulo, bem como à gestação do pai de Renata. Ambas são marcadas pela rejeição. O pai de Renata foi rejeitado, pois a gravidez de sua mãe ocorrera em meio a muitas viagens do pai, que levantou a suspeita de a esposa tê-lo traído, e por isso rejeitou o filho. Na história de

¹² Para maiores detalhes a esse respeito, pode-se recorrer ao capítulo anterior, em que essa história é narrada com maiores detalhes.

Paulo, a rejeição ocorreu pela não-concordância do pai com a gravidez da mulher. Essas duas experiências influenciaram o casal, pois a rejeição é tema tanto de Renata quanto de Paulo. Um agravante é que o casal não sente que o casamento deles seja aceito pela família de Paulo.

O tema da rejeição, ou não-aceitação, é abordado por Paulo e Renata. O diálogo seguinte é muito forte, marcado pela expressão da rejeição, a qual pode estar ligada à produção de sentido do casamento:

Renata – Uma coisa que acontece, Marta, o Paulo... Eu até falei pra ele, pra contar isso pra você e ele disse que ia contar e acabou esquecendo. Eu vou falar, porque você disse que ia falar...

Paulo – Sim.

Renata – O Paulo, ele sempre quis muito aceitação e aprovação dos pais dele, a vida toda. Isso daí... vem do um processo desde a gestação do Paulo.

Na seqüência desse fragmento, Renata conta a história da gestação de Paulo, detalhada no capítulo anterior. Em outro trecho, Renata incentiva Paulo a falar para o pai dele sobre suas mágoas. É interessante observar que ela incentiva Paulo a falar a respeito das experiências que o seu próprio pai não mencionara. O pai de Renata cuidou do próprio pai até a morte e nunca tocou no tema da rejeição que sofrera. Renata continua:

Renata – Aí, o quê que aconteceu, no começo, o Paulo recebia tudo isso e ia engolindo, ia ficando calado, mas eu sentia que ele tava magoado. Muitas vezes, ele falava pra mim que ele tava chateado. Muitas vezes, ele chorava com algumas coisas nesse sentido. Aí, eu falei... Paulo, fala pro seu pai! Abre a boca e fala (...).

A rejeição da família, sentida sobretudo por Renata, é relatada em momentos distintos do processo de entrevista:

Renata – E isso é tão assim, é... hoje, a gente... eu percebo, depois que a gente conversou, principalmente, é... que, no começo isso... isso chocava ele em alguns aspectos e me chocava e ainda me choca em alguns aspectos. Por exemplo, quando a família dele liga, no começo, a família dele ligava, eu ficava o tempo todo querendo falar. Eles queriam falar com o filho

Em outro fragmento, o casal em conversa com a pesquisadora aborda o mesmo tema:

Renata – O Paulo é como se quisesse a vida toda atender as necessidades de toda a família dele...

Paulo – Agradar, né?

Renata – Agradar. Todas a namoradas dele tinha que passar pelo crivo da mãe dele. Só que eu não passei, porque ela não estava mais morando aqui e acabou que ele casou comigo... e eu... e ele combinou com a minha família...

Paulo – Eles falam que eu casei... porque eu tava sozinho.

Renata – É.

Pesquisadora – Ah, eles falam assim?

Renata – É.

Pesquisadora – Como é que você fica com essa fala?

Renata – Ah, eu me sinto péssima, já ouvi várias vezes, a gente lanchando aqui na mesa...

Paulo – Eles falam só... que eu casei só porque eu estava sozinho, senão, não estaria com ela essa hora... Aí, eu falo, não (...).

Renata – Porque... é... a gente te deu tanta oportunidade de estar com a gente, porque que você não foi embora, porque... você errou! Você errou de ter casado, de ter ficado aqui, você podia ter ido conosco, entendeu?

A situação de rejeição vivida pelo casal é geradora de tensão que produz atitudes diversas no casal, desde a união para vencer inimigos comuns, como na situação em que foram contra a opinião dos pais dele na construção da casa do sonho do casal, a qual era denominada pelo pai de Paulo como *elefante branco*. Em outras ocasiões, ocorrem momentos de ruptura, em que o casal se afasta cada qual a seu modo. Renata, por ser mais falante, conversa com o marido de uma forma confrontativa. Nas palavras de Paulo, “ela fala sem parar... o que me desorienta”. Paulo fica mais calado, o que para Renata é significado como uma guerra fria.

Tendo em vista a rejeição, pode-se dizer que ela também é promotora do medo de separação e conduz à interrupção do diálogo. Um dos aspectos a ser abordado é que a rejeição faz parte da vida intrapsíquica tanto de Renata quanto de Paulo, e aparece no contexto relacional deles. Dessa forma, ela torna-se mais um ingrediente que se adere ao medo de separação.

A dificuldade de um diálogo franco e aberto impediu o casal de perceber que já haviam produzido novos sentidos. No decorrer da entrevista, foi-se resgatando o diálogo, o que possibilitou que percebessem os sentidos novos que já haviam produzido e que estavam ocultos:

Renata – O que eu observei, o Paulo também comentou comigo, eu também senti a mesma coisa, você pode até falar com ele depois, é que eu acho que é... diferente do que a gente tinha visto na terapia de casal. A gente viu que apesar das nossas diferenças serem muito grandes, a gente tem muita coisa que... tem sido parecido, que a gente tem... (...) A gente realmente é diferente. Mas a gente pensou que a diferença fosse muito grande, que fosse tudo muito complicado, que é... que as dificuldades fossem realmente muito grandes, elas são, mas a gente viu com você, que a gente também tem muita coisa que a gente acabou entrando em negociação e que a gente nem tinha percebido isso, assim...

Pesquisadora – Vocês acharam o comum nos dois... e perceberam que também negociaram...

Paulo – Hoje, eu entendo, hoje, a Renata melhor, acho que... sabe isso me ajudou muito a esclarecer no que eu queria, sabe. Esclarecer, pra encontrar as palavras certas, pra poder comentar a respeito disso, achei interessante que... que o fato dessa diferença de onde nós viemos, é... essas nossas diferenças, entendeu? Foi uma coisa positiva nesse sentido, o que havia de diferente, se esclareceu melhor e... se tomou outro rumo.

Pesquisadora – Você foi conhecendo mais a história, a sua história e ao falar da sua história, você foi vendo coisas que você não via, né? E com a Renata é a mesma coisa e vocês foram se conhecendo mais profundamente, e isso ajuda.

Observa-se no diálogo do casal um tema abordado superficialmente no decorrer das entrevistas, mas que permeia o processo. Trata-se da depreciação das condutas dos brasileiros, por parte de Paulo e de sua família. Esse aspecto fica evidenciado no episódio da formatura de Paulo. Rodrigo, seu pai, nega-se veementemente a sentar-se à mesa com os demais convidados, por acreditar que não pagariam o que consumissem, e Paulo não contestou a posição do pai. Renata demonstra seu desagrado com essa posição do sogro e do marido, dizendo que nem todos os brasileiros deixam de pagar o que consomem. Em outro momento da entrevista Paulo ressalta a “*esperteza* do brasileiro” além de dizer que seu pai acha os brasileiros “*teatreiro*”. A visão negativa que Paulo e sua família têm dos brasileiros, embora não tenha sido tratada em profundidade, dá indicativos de que se trata de um tema difícil para o casal, pois envolve diretamente valores sociais de cada país.

Fica evidente que esse casal está em processo de desenvolvimento de padrões que lhes sejam próprios. O restabelecimento de uma atitude de abertura para o diálogo, conforme preconizada por Buber (1982, 1985, 2001), favorece o desenvolvimento da intersubjetividade no casal, pois abre a possibilidade da emergência de uma base comum temporária (Valsiner, 1997, 1998) e da coordenação das suas contribuições de cada cônjuge (Matusov, 1996, 2001). Esse processo, para que possa ser designado desenvolvimental, perpassa as contradições dialéticas transformadoras da cultura pessoal e coletiva (Lawrence & Valsiner, 1993).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho consistiu em compreender e explicar o desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais. Para tanto, foram tecidas, ao longo deste estudo, considerações em relação aos processos interpessoais com base na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky. Buscaram-se autores (Valsiner, 1997, 1998; Matusov, 1996, 2001) que se basearam nas concepções de Vygotsky para desenvolver a temática da intersubjetividade, bem como uma epistemologia qualitativa (González Rey 2002, 2003a) que promovesse o acesso a esse complexo fenômeno.

Este estudo possibilitou o entendimento singular de cada caso. O processo percorrido propiciou a constituição de duas temáticas diferentes sobre as quais se procurou compreender os processos intersubjetivos: as adversidades contextuais como enfraquecedoras e fortalecedoras da relação do casal, e o medo da separação como o interruptor do diálogo.

Portanto, embora a temática deste estudo tivesse como referência os processos intersubjetivos, constata-se que cada casal desenvolve linhas que lhes são próprias, por possuírem histórias distintas, além de darem início à vida conjugal em momentos históricos diferentes.

Conforme Ariès e Duby (1992) e Vaitsman (1994), a relação de intimidade de casais muda no decorrer dos tempos. Pode-se constatar que o contexto da Rússia, no momento do casamento entre José e Anastácia, era muito diferente daquele em que ocorrera o casamento de Paulo e Renata no Brasil. Dessa forma, constata-se que, conforme a perspectiva histórico-cultural e os terapeutas de família, as histórias das famílias de origem e o contexto atual vivido pelo casal (Carter & McGoldrick, 1995; Andolfi, 1996) são de fundamental importância para compreensão dos processos do desenvolvimento interpessoal de cada cônjuge.

O casamento de José e Anastácia, analisado de acordo com a abordagem proposta por Miller (2000), emergiu em um momento em que as relações na Rússia eram pautadas pela igualdade, pelos valores não-materialistas e existia uma busca por um Estado paternalista. Segundo o autor, trata-se de um quadro da cultura da União Soviética tradicional, caracterizado pela *cultura do nós*.

Esse quadro auxilia a compreensão do processo intersubjetivo desse casal. Ao casarem-se, José e Anastácia conseguem estabelecer um processo comunicativo favorecedor da constituição de uma base de interação comum e temporária (Valsiner, 1997, 1998). Assim, o casal conseguiu fortalecer a relação diádica (Bronfenbrenner, 1996; Minuchin & Fishman, 1990), o que possibilitou o enfrentamento de adversidades, como as duas gestações de Anastácia, o ingresso de José no instituto, de ser visto em alguns momentos com desconfiança por ser estrangeiro, etc.

Há uma concordância nos estudos de Bronfenbrenner (1996) e Minuchin e Fishman (1990) no que tange à importância do fortalecimento da díade como bloco construtor básico na constituição da relação conjugal. O presente estudo mostrou que o fortalecimento da díade facilita a comunicação, o que favorece o processo intersubjetivo (Valsiner, 1997, 1998; Matusov, 1996, 2001). Entretanto, notou-se, nos dois casos, que o envolvimento na atividade conjunta por si só não promove o processo intersubjetivo.

Portanto, o envolvimento na atividade conjunta não é suficiente para a constituição do processo intersubjetivo, mas a atitude de abertura para o diálogo dos envolvidos no processo interativo, nos moldes preconizados por Buber (1982, 2001), é elemento relevante no processo intersubjetivo. Essa afirmação fundamenta-se no processo de entrevista, quando os casais dialogam e manifestam atitudes diferentes em relação aos companheiros e as situações a serem enfrentadas. Conforme constatado na pesquisa de Peres (2001), o processo de entrevista é facilitador do diálogo.

Outro aspecto histórico digno de ênfase, na compreensão do relacionamento do casal José e Anastácia, diz respeito ao papel da mulher, na Rússia do pós-guerra e da era socialista, em que se preconizava uma mulher bem-sucedida em todas as áreas, ou seja, uma supermulher que ajudava a reconstrução da economia, colaborava para o aumento populacional e cuidava da família (Neary, 1999; Busher, 2000). Tanto Anastácia quanto sua mãe viveram esse contexto e foram influenciadas em suas culturas pessoais (Valsiner, 2000, 2001, 2003).

A importância do papel da mulher é ressaltada por Anastácia e pode ser percebida em suas atitudes, ao lutar para manter-se no Brasil, para fazer que seu casamento superasse tantos obstáculos, o que lhe custou até mesmo sua saúde.

Ao analisar a relação de Anastácia e José no Brasil, percebe-se a dificuldade do casal para vivenciar o contexto encontrado, primeiramente por sofrerem torturas, cada qual a seu modo, e também, para integrarem-se aos valores e costumes brasileiros, próprios de um país capitalista, o que é percebido até nos dias atuais.

A dificuldade em lidar com o contexto atual do Brasil, pode ter criado um vácuo na vida do casal, uma vez que ao se fecharem para o mundo, eles não acompanharam o desenvolvimento tanto da Rússia quanto do Brasil. Parecia faltar-lhes elementos que constituíssem uma ponte entre o passado e o momento atual na história do casal. A fluidez histórica fora interrompida, e o casal prendeu-se a um padrão de interação (Minuchin & Fishman, 1990) em que se associavam para enfrentar as adversidades externas, cuidar de doenças e criar os filhos.

Von Bertalanffy (citado por Zinker, 2001) destaca os sistemas vivos, como é o caso do casal e das famílias. São sistemas abertos, e uma característica inerente desse tipo de sistema é que não deixam de ocorrer trocas com o ambiente, por menores que sejam, como aconteceu com José e Anastácia em relação ao ambiente brasileiro. Supõe-se que os filhos do casal tiveram papel primordial nessas trocas, pois mesmo vivendo nesse contexto, Rafael e Lia não sofreram o

processo de fechamento. O próprio desenvolvimento deles, ao formarem-se, constituírem suas vidas independentes dos pais, namorarem, possibilitou que os pais começassem a atentar para a necessidade de dar uma nova configuração à relação.

O processo de entrevista de José e Anastácia, conjugada às próprias forças do sistema, propiciou ao casal buscar novas formas de convivência. Conclui-se que o casal, após um período em que se percebeu um fechamento do casal para o contexto em que a relação ocorria, eles começam a constituir um processo de desenvolvimental, pelo incremento da comunicação (Valsiner, 1997, 1998), ou seja, uma atitude de abertura para o diálogo (Buber, 1982, 2001) fundamental, por possibilitar a construção de uma ponte entre o passado, o presente e o futuro, restaurando o fluxo histórico.

Constata-se que o processo de desenvolvimento não ocorre de maneira unidirecional e regular e está profundamente enraizado nas ligações entre as histórias individuais e a história social (González Rey, 1999). Assinala-se um ponto importante para os terapeutas de casal – o resgate da fluidez histórica das vidas dos casais que, por motivos diversos, podem ter ficado *congeladas* e acabaram por estagnar processos de desenvolvimento intrapessoal e interpessoal, inviabilizando os processos intersubjetivos.

Ao considerar a relação de Paulo e Renata, em que existem avanços e retrocessos no desenvolvimento intersubjetivo e que tem como tema principal o medo da separação como interruptor do diálogo, observa-se que ambos começam a resgatar a fluidez do processo dialógico ao fortalecerem a relação diádica, no primeiro momento do processo de entrevista.

A relação de Paulo e Renata, por outro lado, é marcada pela manutenção de um padrão familiar comum a família de ambos, que é a de dificuldade de manter o diálogo. Desta forma, ocorre um empobrecimento do processo dialético e, conseqüentemente, da emergência da novidade promotora do processo de desenvolvimento (Valsiner 2001).

A compreensão da relação de Paulo e Renata perpassa a diferença de suas culturas pessoais (Valsiner, 2000, 2001, 2003), que se elucidam nos padrões das interações de suas famílias de origem. Esses padrões constituíram-se historicamente.

O contexto em que a família originária de Paulo constituiu-se, tomando por base a análise de Pratt (1996), era um ambiente coordenado pela figura de um homem forte, e o exemplo desse modelo masculino era Pinochet. O autor ressalta que as mulheres tinham como missão educar os filhos e manter as tradições nacionais. O trabalho feminino era reconhecido, porém a sua contribuição de maior valor, naquela época, descreve Pratt (1996), era cuidar das crianças.

O desenvolvimento da família de Paulo ocorreu nesse ambiente, em que os valores patriarcais eram ressaltados, foram amplamente incorporados pela família de Paulo e são cultivados até o presente momento.

Embora o Brasil tenha passado por um processo de ditadura e vivido em uma sociedade patriarcal, que ainda é bastante presente na cultura brasileira, esse processo não aparece na família de Renata. Em sua família, evidencia-se a forte reconfiguração do papel da mulher, e mãe de Renata assume o trabalho formal e auxilia o marido na manutenção da casa (Vaitsman, 1994).

Os dois percursos diferentes das famílias de origem de Paulo e Renata, que participaram da constituição de suas culturas pessoais, e que contêm a cultura coletiva de seus países de origem (Valsiner, 2000, 2001, 2003), aparecem como um aspecto contraditório do casal. Entretanto, o diálogo iniciado no processo de entrevista pode contribuir para uma síntese que favoreça o processo desenvolvimental do casal, o qual não havia sido encontrado até o término do processo de entrevista.

Por outro lado, durante as entrevistas, ao resgatar suas histórias e compreender detalhes de seus diálogos que o casal não havia explorado, percebeu-se que Paulo e Renata conseguiram

transcender seus mundos pessoais e coordenar aspectos divergentes (Matusov, 1996, 2001), como, por exemplo, no que tange à frequência da família de Renata na casa do casal.

Ressaltar aspectos que o casal consegue negociar bem é uma prática terapêutica preconizada por Zinker (2001) e serve como uma base para que o casal acesse questões de conflito. Esse percurso foi percebido no processo de entrevista de Paulo e Renata.

Foi observado, tanto no chileno, Paulo, quanto na russa, Anastácia, que ambos, de alguma forma, ficaram presos aos padrões de suas culturas de origem, embora não se tenha aprofundado quanto aos aspectos que favoreceram esse aprisionamento. Talvez esse movimento possa ter alguma ligação com o que Valsiner (2001) considera uma parte mais estável da cultura pessoal e que está intimamente ligada a crenças e valores. Estarem distante de seu país de origem pode levar à estagnação de aspectos da cultura pessoal, por não acompanharem o processo dialético de transformação de suas culturas de origem.

A atitude de fechamento do imigrante para a cultura brasileira foi destaque na pesquisa realizada por Machado (1997) sobre a família e o impacto da imigração em Curitiba de 1854-1991, na qual se constatou que os imigrantes constituíam uma comunidade fechada e coesa.

A concepção dos estudiosos da psicoterapia familiar (Carter & McGoldrick, 1996; Crohn, 2003; Sluzki, 2003; Frame 2004) de que os casamentos interculturais enfrentam maiores dificuldades na constituição da relação conjugal não foi relevante no presente estudo, pois a situação dos casais pesquisados não parece diferir das dificuldades enfrentadas por casais nascidos no mesmo país, de acordo com a experiência clínica da pesquisadora.

Tal aspecto leva a alguns questionamentos para pesquisas posteriores. Será que o fato do Brasil ser constituído por uma multiplicidade étnico-cultural favorece o desenvolvimento intersubjetivo entre casais interculturais? O que favorece as dificuldades nos casamentos interétnicos em países como os Estados Unidos da América? Será que as dificuldades políticas

minimizaram diferenças interculturais entre José e Anastácia? Será que, por Renata e Paulo pertencerem a uma dita cultura latino-americana, isto é, por vivenciarem processos culturais muito próximos, esse aspecto favorece o relacionamento intercultural?

Essas perguntas ecoam ao final deste trabalho e sugerem a possibilidades de novas pesquisas. Uma outra linha de pesquisa a ser sugerida diz respeito à questão de gênero, não explorada no presente estudo, mas que mostrou ser um ponto relevante na compreensão dos casamentos interculturais.

Ressalte-se que uma contribuição deste estudo foi a de constatar a importância da atitude dialógica (Buber, 1982, 2001) no desenvolvimento de processos interpessoais em casamentos interculturais, seja nos termos preconizados por Valsiner (1997, 1998) ou por Matusov (1996, 2001). Outro aspecto relevante refere-se ao resgate do fluxo histórico, ou seja, à integração presente, passado e futuro das pessoas e dos relacionamentos, como um aspecto fundamental do desenvolvimento humano.

Por fim, considera-se que este estudo é apenas um ponto de partida para maiores reflexões e pesquisas, uma vez que os dois temas – casamento intercultural e intersubjetividade – foram até o momento pouco estudados, e essa foi uma tentativa inicial de pesquisar esses dois temas integrados. Espera-se que novas pesquisas sejam realizadas e que possam buscar respostas que não foram elucidadas por este estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andolfi, M. (1996). *A linguagem do encontro terapêutico*. São Paulo: Summus.

Abbagnano, N. (2000). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

Áries, P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.

Ariès, P. & Duby, G. (1992). *História da vida privada da primeira guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras.

Branco, A. M. C. U. (1998). Cooperation, competition, and related issues: a co-constructive approach. In: M. C. D. P. Lyra & J. Valsiner, (eds.). *Construion of psycological processes in interpersonal communication,4* (pp. 181-204). London: Ablex Publihing Corporation Stamford.

Branco, A. M. C. U. & Valsiner, J. (1997). Changing methodologies: co-construtivist study of goal orientacion in social interactions. *Psychology and developing societies*, 9 (1), 35-64.

Bock, A. M. B. (2001). A psicologia sócio-histórica. In A. M. B. Bock, M. G. Marchina & Odair Furtado (orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (pp. 15-35). São Paulo: Cortez.

Bronfrenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.

Buber, M. (1985). *Qué es el hombre?* México: Fondo de Cultura Económica.

Buber, M. (2001). *Eu e tu*. São Paulo: Centauro.

Busher, G. (2000). Struggling to survive: soviet women in the postwar . *Journal of women's history*, 12 (1), 137-159.

Calil, V. L. L.(1996). *Terapia familiar e de casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Carter, B., Mcgoldrick, M. & cols. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chauí, M. (1996). Cultura. *Convite à Filosofia* (pp. 288-296). São Paulo: Ática.
- Cole, M. & Scribner, S. (1998), Introdução. In L. Vygotsky. *Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (pp. 1-19). São Paulo: Martins Fontes.
- Crohn, J. (2003). Relacionamentos interculturais. In M. Mcgoldrick (org.). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica* (pp. 339-354). São Paulo: Editora Roca.
- Engels, F. (1884/1986). A família. In F. Engels. *A origem da família da propriedade privada e do estado*. (pp. 63-125). São Paulo: Global.
- Frame, M. W. (2004). The challenges of intercultural marriage: strategies for pastoral care. *Pastoral psychology*, 53 (3), 219-232.
- Ferrari, M. & Kaloustian, M, S. (1998). Introdução. In M. S. Kaloustian (org.). *Família brasileira, a base de tudo* (pp. 26-46). São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef.
- Góes, M.C.R. (2000). A abordagem microgenética na matriz histórico cultural. *Caderno Cedes*, 20 (50), 9-25 (on line). Disponível em: Scielo (Scientific Library on line) no Word Wide Web: <http://www.scielo.br/prc>. Acesso: fev. 2004.
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. L. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González Rey, F. L. G. (2003a). *Epsitemologia cualitativa y subjetividad*. São Paulo: Educ.
- González Rey, F. (1999). *Comunicación, personalidad e desarrollo*. Madrid: Pueblo y Educación.
- Guerin, P. F. L.; Buden, S. & Kautto, J. (1987). *The evolution and treatment of marital conflict*. USA: Basic Books

- Knox, J. E. (1996). Prefácio. In L. S. Vygotsky & A. R. Luria. *Estudos sobre a história do comportamento – símios homem primitivo e criança* (pp. 17-49). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lawrence, J. A. & Valsiner, J. (1993). Conceptual roots of internalization: from transmission to transformation. *Human Development*, 36, 150-167.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A.M.C.U. (2005). Construindo com o outro: uma perspectiva sociocultural construtivista do desenvolvimento humano, In: M.A. Dessen & A. L. Costa Junior e Cols (orgs.). *A ciência do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Machado, C. S. (1977). A família e o impacto da imigração (Curitiba, 1854-1991). *Revista Brasileira de história*, 17 (34), 75-100.
- McGoldrick, M. (2003). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca.
- Martins, L. C. & Branco, A. M. C. U. (2001). Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 17 (2), 169-176.
- Matusov, E. (1996). Intersubjectivity without agreement. *Mind, Culture, and Activity*, 3 (4), 25-45.
- Matusov, E. (2001). Intersubjectivity as a way of informing teaching design for a community of learners classroom. *Teaching and Education*, 17, 383-402.
- Matusov, E. (2003). Dialogic framework for cultural psychology: culture-in-action and culturally sensitive guidance. *Reviewinterdisciplinary Journal on Development, Culture and Education*, 4 (1), 41-58.
- Miller, A. H. (2000). The agony of the russian idea (Book Review). *American Political Science*, 94 (2), 489-495.
- Minuchin, S. & Fishman, C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Molon, S. I. (1995). *A questão da subjetividade e da constituição dos sujeitos nas reflexões de Vygotsky*. Dissertação de mestrado, não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo.
- Mock, M. R. (2003). Reflexões clínicas sobre famílias refugiadas transformando crises em oportunidade, In M. McGoldrick (org.). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica* (pp. 400-413). São Paulo: Roca.

- Nader, G. (1998). Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In M. S. Kaloustian (org.). *Família brasileira, a base de tudo* (pp. 26-46). São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef.
- Neary, R. B. (1999). Mothering Socialist Society: the wife-activists' movement and the soviet culture of deily life, 1934-1941. *The Russian Review*, 58 (3), 396-412.
- Negy, C. ; Snyder, D. K. & Diáz-loving, R. (2004). A cross-nacional comparisson of mexican and mexicam american couples using marital satisfaction inventory-revised (spanish). *Assessment*, 1 (11), 49-56.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Oliveira, M. K. (1999). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.
- Osório, L. C. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Perel, E. (2002). Uma visão turística do casamento. In P. Papp (org.). *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas* (pp.194-217). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Peres, V. L. (2001). *Comunicação, processos de subjetivação, ruptura entre as famílias e crianças de “de rua”*. Dissertação de doutorado, não-publicada. Universidade de Brasília, Brasília.
- Peres, V. L. (2005). O estudo da subjetividade na família: desafios metodológicos. In. F. L. González Rey (org). *Subjetividade complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Thomson.
- Pratt, M. L. (1996). Overwriting Pinochet: indooing the culture of fear in Chile (the process of history: regionalism revisted in Latino America). *Modern lingue quarterly*, 57 (2), 151-164.
- Ratner, C. (1995). *A psicologia socio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sluzki, C. E. (2003). Migração e rompimento da rede social, In M. McGoldrick (org.). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. (pp. 414- 424). São Paulo: Roca.
- Sousa, S. M. & Peres V. L. A. (2002). Famílias de camadas populares: um lugar legitimo para a educação/formação dos filhos, In I. R. C. Barker & M. H. Zamora (orgs.). *O social em questão*.(pp. 63-74). Rio de janeiro: PUC.

- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Valsiner, J. (1997). A construção subjetiva da intersubjetividade. *Interfaces – o que é o homem*, 1 (1), 169-176. (on line) Disponível: Web: <http://www.ufba.br/instituição/faculdade/psicologia.html>. Acesso: jul. 2004.
- Valsiner, J. (1998). *The guided mind: a sociogenetic approach to personality*. Cambridge: Harvard University Press.
- Valsiner, J. (2000). Culture and development. *Culture and human development: an introduction*. (pp. 50-59). London: Sage publications
- Valsiner, J. (2001). Multiple meanings of culture. *Comparative Study of Human Cultural Development*, 31-45.
- Valsiner, J. (2003). Culture and its transfer: ways of creating general knowledge through the study of cultural particulars. In W. S. Lonnes; D.L. Dinnel; S. A. Hayes & D. N. Sattler (eds.). *On line in Psychology and culture*. <http://www.edu/~culture>. Acesso: jul. 2005.
- Veer, R.D. & Valsiner, J. (1999). *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo: Loyola.
- Velho.G. (1986). *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Vygotsky, L. S. (1996). *Obras escogidas*. (V) (pp. 251-318). Madrid: Aprendizaje Visor.
- Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1999). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S (2000). Psicologia concreta do homem. *Educação e Sociedade*, XXI (70), 21-49.
- Zinker, J. C. (2001). *A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, família e sistemas íntimos*. São Paulo: Summus.
- Zuben Von, N.A. (2001). Introdução. In M. Buber. *Eu e tu*. (pp. V-LXXVII). São Paulo: Centauro.

ANEXO 1

TERMO DE ESCLARECIMENTO E LIVRE CONSENTIMENTO

Vocês estão sendo convidados para participar como voluntários em uma pesquisa. Após serem esclarecidos sobre as informações a seguir no caso de aceitarem fazer parte do estudo, assinem este documento, em duas vias. Uma delas é de vocês, e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa vocês não serão penalizados de forma alguma. Caso tenham alguma dúvida vocês podem procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás, pelo telefone 227-1071.

Informações sobre a pesquisa

Título do projeto: O desenvolvimento da intersubjetividade em casamentos interculturais.

Pesquisadora responsável: Marta Carmo.

Fone para contato: (062) 245-1322.

Os casais, de uma forma geral, defrontam-se com o desafio de negociar e conciliar expectativas, estilos diferentes de comunicar-se, formas de relacionar-se com as famílias de origem e de lidar com afetos. O objetivo deste estudo é compreender como os casais constituídos por pessoas criadas em países diferentes estão desenvolvendo o relacionamento conjugal, tendo em vista os desafios e as diferenças culturais.

As facilidades de movimentação e de comunicação do mundo atual favorecem o casamento intercultural, daí o interesse maior em estudar o tema da constituição da relação intersubjetiva dos casais, no contexto do século XXI.

Este estudo faz parte do curso de mestrado, que está sendo realizado na Universidade Católica de Goiás. As informações prestadas por vocês, participantes, comporão a dissertação de mestrado, requisito para a conclusão do curso. O estudo será realizado em etapas distintas, e as contribuições de vocês serão importantes para a constituição das informações.

A primeira parte da constituição das informações dar-se-á por intermédio de entrevistas, que serão realizadas em sua residência, em horário previamente marcado. A quantidade total de entrevistas será em torno de seis, podendo exceder ou não esse número. As entrevistas se findarão assim que forem geradas as informações consideradas necessárias à obtenção dos objetivos do estudo. No decorrer das entrevistas, pesquisador e pesquisados conversarão livremente sobre os temas abordados referentes ao casamento intercultural.

Na segunda etapa, vocês participarão de discussões grupais com outros casais interculturais para dialogarem a respeito do tema estudado. Os encontros, desta etapa, ocorrerão em uma clínica de psicologia, pelo fato de possuir um ambiente adequado para receber todos os casais. Os horários serão marcados previamente. A quantidade de encontros grupais, serão em torno de quatro, podendo ser um pouco mais ou um pouco menos. Esta etapa se findará assim que forem geradas as informações necessárias ao estudo. A duração de cada encontro será em torno de 1 hora e meia.

Será utilizado gravador nas duas etapas, garantindo assim um melhor registro dos dados. Todas as fitas serão transcritas na íntegra, e posteriormente alguns trechos comporão a dissertação do mestrado.

Todo o material gerado, fitas e transcrições, serão guardados em local seguro por um período de cinco anos e, posteriormente, incinerado.

Garante-se o mais absoluto sigilo no que diz respeito à preservação de suas identidades em qualquer publicação (dissertação de mestrado, artigos etc) que diga respeito a essa pesquisa.

Vocês terão acesso à apresentação da dissertação de mestrado, sendo comunicados com antecedência quanto ao dia, ao horário e ao local da defesa.

Cabe ainda ressaltar que vocês terão a liberdade de retirarem-se da pesquisa a qualquer momento, rescindindo, desta forma, este termo de compromisso.

Quaisquer desconfortos manifestados por vocês, que sejam gerados pelos temas discutidos, serão acolhidos pela pesquisadora. Caso sintam necessidade de acompanhamento psicológico, serão encaminhados ao Centro de Atendimento Psicológico da Universidade Católica de Goiás.

Nome da pesquisadora: Marta Carmo

Assinatura da pesquisadora: _____

Data: _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS (CASAL) COMO SUJEITOS DA PESQUISA

Eu, _____ RG :
_____, CPF: _____, e eu,

_____, RG: _____ CPF: _____ abaixo assinado, concordamos em participar do estudo como sujeitos. Fomos devidamente informados pela pesquisadora, Marta Carmo, sobre a pesquisa, os procedimentos de cada etapa, os riscos e benefícios decorrentes da nossa participação. Foi-nos garantido que podemos retirar o nosso consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Goiânia, _____

Ass. do sujeito: _____ Ass. do sujeito: _____

Presenciamos a solicitação do consentimento, esclarecimento sobre a pesquisa e o aceite do cliente em participar do grupo de pesquisa.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores)

Nome _____ Assinatura _____

Nome _____ Assinatura _____